

FRANCISCO CANDIDO XAVIER



LIVRARIA EDITORA DA FÉDERAÇÃO - AV. PASSOS, 30 - RIO

ZILU

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

O CAMINHO DA LUZ






LÉON DENIS

O Problema do Sêr, do Destino e da Dôr

Uma das mais per-
feitas obras de Denis,
*O Problema do Sêr, do
Destino e da Dôr* é ven-
tilado com clareza, de-
monstrando o aprecia-
do escritor a sua tese
com provas irrefraga-
veis e uma documen-
tação vastíssima. No
livro não se sabe o que
mais admirar, se a con-
cisão da logica, a bel-
leza do estilo, a pro-
fundidade dos concei-
tos, ou a farta messe
dos documentos expos-
tos. O Espiritualismo
tem nesse trabalho uma
das suas mais brilhan-
tes joias.

Brochado . . . 8\$000

Encadernado . 10\$000



A CAMINHO DA LUZ

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

A CAMINHO DA LUZ

Historia da Civilização á luz
do Espiritismo

DITADO PELO ESPIRITO

DE

EMMANUEL



1939

LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
28, Avenida Passos, 30 ————— Rio de Janeiro

INDICE

	<i>Pags.</i>
<i>Anteloquio</i>	9
INTRODUÇÃO	11
I — A GENESE PLANETARIA	15
A Comunidade dos Espiritos Puros. — A ciencia de todos os tempos — Os primeiros tem- pos do orbe terrestre — A criação da Lua — A solidificação da materia — O Divino Escultor — O Verbo da criação terrestre.	
II — A VIDA ORGANIZADA	20
As construções celulares — Os primeiros habi- tantes da Terra — A elaboração paciente das for- mas — As formas intermediarias da natureza — Os ensaios assombrosos — Os antepassados do homem — A grande transição.	
III — AS RAÇAS ADAMICAS	26
O sistema da Capela -- Um mundo em transições — Espiritos exilados na Terra — Fixação dos caracteres raciais — Origem das raças brancas — Quatro gran- des povos — As promessas do Cristo.	
IV — A CIVILIZAÇÃO EGIPCIA	32
Os egipcios — A ciencia secreta — O politeismo simbolico — O culto da morte e a metempsicose — Os egipcios e as ciencias psicicas — As Pirâmides — Redenção.	

V — A INDIA	39
A organização hindú — Os arianos puros — O expansionismo dos Arias — Os Mahatmas — As castas — Os rajás e os párias — Em face de Jesus.	
VI — A FAMÍLIA INDO-EUROPEIA	45
As migrações sucessivas — A ausência de suas notícias históricas — A grande virtude dos Arias europeus — O Mediterraneo e o Mar do Norte — Os nórdicos e os mediterrâneos — Origem do racionalismo — As advertências do Cristo.	
VII — O POVO DE ISRAEL	51
Israel — Moisés — O judaísmo e o cristianismo — O monoteísmo — A escolha de Israel — A incompreensão do judaísmo — No porvir.	
VIII — A CHINA MILENARIA	57
A China — A cristalização das idéias chinesas — Fo-Hi — Confúcio e Lao-Tsé — O Nirvana — A China da atualidade — A edificação do Evangelho.	
IX — AS GRANDES RELIGIÕES DO PASSADO	63
As primeiras organizações religiosas — Ainda as raças adâmicas — A genese das crenças religiosas — A unidade substancial das religiões — As revelações gradativas — A preparação do cristianismo — O Cristo inconfundível.	
X — A GREGIA E A MISSÃO DE SÓCRATES	69
Nas vésperas da maioridade terrestre — Atenas e Esparta — Experiências necessárias — A Grécia — Sócrates — Os discípulos — Provação coletiva da Grécia.	
XI — ROMA	76
O povo etrusco — Primórdios de Roma — Influências decisivas — Os patricios e os plebeus — A família romana — As guerras e a maioridade terrestre — Nas vésperas do Senhor.	
XII — A VINDA DE JESUS	83
A mangedoura — Cristo e os essênios — Cum-	

primeto das profecias de Israel — A grande lição — A palavra divina — Crepusculo de uma civilização — O exemplo do Cristo.	
XIII — O IMPÉRIO ROMANO E OS SEUS DESVIOS .	89
Os desvios romanos — Os abusos da autoridade e do poder — Os chefes de Roma — O século de Augusto — Transição de uma época — Provações coletivas dos judeus e dos romanos — Fim da vaidade humana.	
XIV — A EDIFICAÇÃO CRISTÃ	95
Os primeiros cristãos — A propagação do cristianismo — A redação dos textos definitivos — A missão de Paulo — O Apocalipse de João — Identificação da besta apocalíptica — O roteiro de luz e de amor.	
XV — A EVOLUÇÃO DO CRISTIANISMO	102
Penosos compromissos romanos — Culpas e resgates dolorosos do homem espiritual — Os mártires — Os apologistas — O jejum e a oração — Constantino — O Papado.	
XVI — A IGREJA E A INVASÃO DOS BARBAROS .	109
Vitórias do cristianismo — Primórdios do catolicismo — A igreja de Roma — A destruição do Império — A invasão dos bárbaros — Razões da Idade Média — Mestres do amor e da virtude.	
XVII — A IDADE MEDIEVAL	115
Os mensageiros de Jesus — O império bizantino — O islamismo — As guerras do Islam — Carlos Magno — O feudalismo — Razões do feudalismo.	
XVIII — OS ABUSOS DO PODER RELIGIOSO	122
Fases da igreja católica — Gregório VII — As advertências de Jesus — Francisco de Assis — Os franciscanos — A Inquisição — A obra do Papado.	

XIX — AS CRUZADAS E O FIM DA IDADE MÉDIA	128
As primeiras cruzadas — Fim das cruzadas — O esforço dos emissários do Cristo — Pobreza intelectual — Renascimento — Transfiguração de povos — Fim da idade medieval.	
XX — A RENASCENÇA DO MUNDO	135
Movimentos regeneradores — Missão da America — O plano invisível e a colonização do Novo Mundo — Apogeu da Renascença — Renascença religiosa — A Companhia de Jesus — Ação do jesuitismo.	
XXI — EPOCAS DE TRANSIÇÃO	141
As lutas da Reforma — A Invencível Armada — Guerras religiosas — A França e a Inglaterra — Refúgio da América — Os Enciclopedistas — A independência americana.	
XXII — A REVOLUÇÃO FRANCESA	148
A França do século XVIII — Época de sombras — Contra os excessos da revolução — O período do Terror — A Constituição — Napoleão Bonaparte — Allan Kardec.	
XXIII — O SÉCULO XIX	155
Depois da revolução — Independência política da America — Allan Kardec e os seus colaboradores — As ciências sociais — A tarefa do missionário — Provações coletivas da França — Provações da igreja.	
XXIV — O ESPIRITISMO E AS GRANDES TRANSIÇÕES	161
A extinção do cativo — O Socialismo — Restabelecendo a verdade — Defecção da igreja católica — Lutas renovadoras — A America e o futuro — Jesus.	
XXV — O EVANGELHO E O FUTURO	168
CONCLUSÃO	173

ANTELÓQUIO

Mensagem recebida em 17-8-1938

Meus amigos, que Deus vos conceda paz.

E'-me grata a vossa palestra a respeito dos nossos trabalhos. Esperemos e supliquemos a bênção do Alto para o nosso esforço. Dando seguimento aos nossos estudos, procuremos esforçar-nos por mostrar a verdadeira posição do Evangelho do Cristo, tanta vez incompreendido aí no mundo, em face das religiões e das filosofias terrenas.

Não deverá ser, este, um trabalho histórico. A história do mundo está compilada e feita. Nossa contribuição será á tésé religiosa elucidando a influencia sagrada da fé e o ascendente espiritual, no curso de todas as civilizações terrestres. O livro (1) do irmão Humberto foi a revelação da missão coletiva de um país; nosso esforço consistirá, tão somente, em apontamentos á margem da tarefa de grandes missionários do mundo e de povos que já desapareceram, esclarecendo a grandeza e a misericórdia do Divino Mestre. Vamos esperar os dias próximos, quando tentaremos realizar nossos planos humildes de trabalho. Que Deus vos conceda a todos tranquilidade e saúde, e a nós as possibilidades necessárias.

(1) — “Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho”.

Muito vos agradeço o concurso de cada um no esforço geral. Trabalhem na grande colméia da evolução, sem outra preocupação que não seja a de bem servir. Aquele que, das Alturas, sabe de todas as nossas lutas e de nossas lágrimas. Confiemos n'Ele. Do seu coração augusto e misericordioso parte a fonte da luz e da vida, da harmonia e da paz para todos os corações. Que Ele vos abençoe.

EMMANUEL

INTRODUÇÃO

Enquanto as penosas transições do século XX se anunciam ao tinido sinistro das armas, as forças espirituais se reúnem para as grandes reconstruções do porvir.

Aproxima-se um momento em que se efetuará a aferição de todos os valores terrestres para o ressurgimento das energias criadoras de um mundo novo, e natural é que recordemos o ascendente místico de todas as civilizações que surgiram e desapareceram, evocando os grandes períodos evolutivos da humanidade, com as suas misérias e com os seus esplendores, por afirmar as realidades espirituais acima de todos os fenômenos transitorios da matéria.

Esse esforço de síntese, será o da fé reclamando a sua posição em face da ciência dos homens, e ante as religiões da separatividade, como a bússola da verdadeira sabedoria.

Diante dos nossos olhos de espírito passam as fantasmas das civilizações mortas, como se permanecessemos diante de um "écran" maravilhoso. As almas mudam a indumentaria carnal, no curso incessante dos séculos; constroem o edifício milenário da evolução humana com as suas lágrimas e sofrimentos, e até nossos ouvidos chegam os ecos dolorosos de suas aflições. Passam as pri-

meiras organizações do homem e passam as suas grandes cidades transformadas em ossuários silenciosos. O tempo, como patrimônio divino do espírito, renova as inquietações e angústias de cada século, no sentido de aclarar o caminho das humanas experiências. Passam as raças e as gerações, as línguas e os povos, os países e as fronteiras, as ciências e as religiões. Um sopro divino faz movimentar todas as cousas nesse torvelinho maravilhoso. Estabelece-se, então, a ordem equilibrando todos os fenômenos e movimentos do edifício planetário, vitalizando os laços eternos que reúnem a sua grande família.

Vê-se, então, o fio inquebrantável que sustenta os séculos das experiências terrestres, reunindo-as, harmoniosamente, umas às outras, afim-de que constituam o tesouro imortal da alma humana, na sua gloriosa ascensão para o Infinito.

As raças são substituídas pelas almas e as gerações constituem fases do seu aprendizado e do seu aproveitamento; as línguas são fórmulas de expressão caminhando para a expressão única da fraternidade e do amor, e os povos são os membros dispersos de uma grande família trabalhando para o estabelecimento definitivo de sua comunidade universal. Seus filhos mais eminentes, no plano dos valores espirituais, são agraciados pela Justiça Suprema, que legisla no Alto para todos os mundos do universo, e podem visitar as outras patrias siderais, regressando ao orbe, no esforço abençoado de missões regeneradoras dentro das igrejas e das academias terrenas.

Na tela mágica dos nossos estudos, destacam-se esses missionários que o mundo muitas vezes crucificou na incompreensão das almas vulgares, mas, em tudo e sobre todos, irradia-se a luz desse fio de espiritualidade que diviniza a matéria, encadeando o trabalho das civilizações e, mais acima, ofuscando o "écran" das nossas observações e dos nossos estudos, vemos a fonte de ex-

traordinária luz, de onde parte o primeiro ponto geométrico desse fio de vida e de harmonia, que equilibra e satura toda a Terra numa apoteóse de movimento e divinas claridades.

Nossos pobres olhos não podem divisar particularidades nesse deslumbramento, mas sabemos que o fio da luz e da vida está nas suas mãos. É Ele quem sustenta todos os elementos ativos e passivos da existência planetária. No seu coração augusto e misericordioso está o Verbo do princípio. Um sopro de sua vontade pode renovar todas as cousas e um gesto seu pode transformar a fisionomia de todos os horizontes terrestres.

Passaram as gerações de todos os tempos, com as suas inquietações e as suas angústias. As guerras ensanguentaram o roteiro dos povos nas suas peregrinações incessantes para o conhecimento superior. Caiam os tronos dos reis e esfacelaram-se corôas milenárias. Os príncipes do mundo voltaram ao teatro de sua vaidade orgulhosa, na indumentaria humilde dos escravos, e, em vão, os ditadores conclamaram e conclamam ainda, os povos da Terra, para o morticínio e para a destruição.

O determinismo do amor e do bem é a lei de todo o universo e a alma humana emerge de todas as catastrofes em busca de uma vida melhor.

Só Jesus não passou, na caminhada dolorosa das raças, objetivando a dilaceração de todas as fronteiras para o amplexo universal. Ele é a Luz do Princípio e nas suas mãos misericordiosas repousam os destinos do mundo. Seu coração magnânimo é a fonte da vida para toda a humanidade terrestre. Sua mensagem de amor, no Evangelho, é a eterna palavra da ressurreição e da justiça, da fraternidade e da misericórdia. Todas as cousas humanas passaram, todas as cousas humanas se modificarão. Ele, porém, é a luz de todas as vidas terrestres, inacessível ao tempo e á destruição.

Enquanto falamos da missão do século XX, contemplando os ditadores da atualidade, que se arvoram em verdugos das multidões, cumpre-nos voltar os olhos súplices para a sua infinita misericórdia, implorando-lhe paz e amor para todos os corações.

I

A GENESE PLANETARIA

A Comunidade dos Espiritos Puros

Rezam as tradições do mundo espiritual que, na direção de todos os fenomenos do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espiritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetarias.

Essa Comunidade de entidades angelicas e perfectas, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

Uma delas, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, afim-de que se lançasse, no tempo e no espaço, as balizas do nosso sistema cosmogónico e os pródromos da vida na materia em ignição, do planeta, e a segunda teve lugar quando se decidia a vinda do Senhor á face da Terra, trazendo á familia humana a lição imortal do seu Evangelho de redenção e de amor.

A Ciencia de todos os tempos

Não é nosso proposito trazer á consideração dos estudiosos uma nova teoria da formação do mundo. A Ciencia de todos os seculos está cheia de apóstolos e de missionarios. Todos eles foram inspirados no seu tempo, refletindo a claridade das Alturas, que as experiencias do Infinito lhes imprimiram na memoria espiritual, e exteriorizando os defeitos e concepções da época em que viveram, na feição humana de sua personalidade.

Na sua condição de operarios do progresso universal, foram portadores de revelações gradativas, no dominio dos conhecimentos superiores da humanidade. Inspirados de Deus, nos penosos esforços da verdadeira civilização as suas idéias e trabalhos merecem o respeito de todas as gerações da Terra, ainda que as novas expressões evolutivas do plano cultural das sociedades do mundo tenham sido obrigadas a prescrever as suas teorias e antigas fórmulas.

Lembrando-nos, porém, mais detidamente, de quantos souberam receber a intuição da realidade nas suas perquirições do Infinito, busquemos recordar o globo terreno nos seus primeiros dias.

Os primeiros tempos do orbe terrestre

Que força sobrehumana pôde manter o equilibrio da nebulosa terrestre, destacada do nucleo central do sistema, organizando-lhe um conjunto de leis matematicas, dentro das quais iam-se manifestar todos os fenomenos inteligentes e harmonicos de sua vida, nos milenios dos milenios? Distanto do Sol quasi 149.000.000 de quilometros e deslocando-se no espaço com a velocidade de 643.000 leguas diárias, em tórno do grande astro do dia, imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existencia, como planeta.

Laboratorio de materias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias fisico-quimicas operam as grandiosas construções do teatro da vida no imenso cadinho onde a temperatura eleva-se, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a materia colocada num forno incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios, por examinar-se a sua qualidade e possibilidades, na edificação da nova escola dos sêres. As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetario, cuja formação se processa nas oficinas do Infinito.

A criação da Lua

Nessa computação de valores cosmicos, em que labo-ram os operarios da espiritualidade sob a orientação misericordiosa do Cristo, delibera-se a formação do satellite terrestre.

O programa de trabalhos a realizar-se no mundo requeria o concurso da Lua, nos seus mais intimos detalhes. Ela seria a ancora de equilibrio terrestre nos movimentos de translação que o globo efetuaría em tórno á séde do sistema, o manancial de forças ordenadoras da estabilidade planetaria e, sobretudo, o orbe nascente necessitaria da sua luz polarizada, cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e da reprodução de todas as especies, nos variados reinos da natureza.

A solidificação da materia.

Na grande oficina surge, então, a diferenciação da materia ponderavel, dando origem ao hidrogeneo.

As vastidões atmosfericas são um amplo repositório de energias elétricas e de vapores que trabalham as substancias torturadas do orbe terrestre. O frio dos espaços age, porém, sôbre esse laboratorio de energias incandes-

centes e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação da crosta solidificada.

E' o primeiro descanso das tumultuosas comoções geológicas do globo. Formam-se os primitivos oceanos, onde a agua tépida sofre uma pressão difficil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos e as grandes tempestades varrem, em todas as direções a superficie do planeta, mas, sôbre a Terra o cáos fôra dominado, como por encanto. As paisagens aclaram-se, fixando a luz solar que se projéta naquele novo teatro de evolução e vida.

As mãos de Jesus haviam descansado, após o longo periodo de confusão dos elementos fisicos da organização planetaria.

O Divino Escultor

Sim, Ele havia vencido todos os pavores das energias desencadeadas; com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopro da sua misericordia sôbre o bloco de materia informe, que a Sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas. Operou a escultura geologica do orbe terreno, talhando a escola abençoada e grande, na qual o seu coração teria de expandir-se em amor, claridade e justiça. Com os seus exercitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos fenomenos fisicos da Terra, organizando-lhes o equilibrio futuro, na base dos corpos simples de materia, cuja unidade substancial os espectroscopios terrenos puderam identificar por toda a parte do universo galatico. Organizou o cenario da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensavel á existencia dos sêres do porvir. Fez a pressão atmosferica suportavel pelo homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo, no curso dos milenios; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenomenos eletricos da existencia planetaria e

edificou as usinas de ozono a 40 e 60 quilometros de altitude, para que elas filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando-lhes a composição precisa á manutenção da vida organizada no orbe. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, organizando a harmonia de todas as fôrças fisicas que presidem o ciclo das atividades planetarias.

O Verbo da criação terrestre.

A ciência do mundo não lhe viu as mãos augustas e sábias na intimidade das energias que vitalizam o organismo do globo. Substituíram-lhe a providencia com a palavra "natureza", em todos os seus estudos e análises da existência, mas o seu amor foi o Verbo da criação do principio, como é e será a corôa gloriosa dos sêres terrestres, na immortalidade sem fim e, quando serenaram os elementos do mundo que nascia, quando a luz clara do Sol beijava, em silêncio, a beleza melancolica dos continentes e dos mares primitivos, Jesus reuniu nas Alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sôbre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de fôrças cósmicas, que envolveu o imenso laboratorio planetario em repouso.

Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a existencia de um elemento viscoso, que cobria toda a Terra.

Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada. Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus á superficie do mundo o germe sagrado dos primeiros homens.

sabedoria do Cristo, consideradas as leis do principio e do desenvolvimento geral.

Os primeiros habitantes da Terra.

Diziamos que uma camada de materia gelatinosa envolvera o orbe terreno em seus mais intimos contornos. Essa materia, amorfa e viscosa era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa materia, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dá origem ao surgimento do nucleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos sêres vivos.

Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminoides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos.

Com o escoar incessante do tempo, esses sêres primordiais movem-se ao longo das aguas, onde encontram o oxigenio necessario ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existencia animal, antes das grandes vegetações; esses sêres rudimentares somente revelam um sentido — o do tacto, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores.

A elaboração paciente das fórm.

Decorrido muito tempo, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colonias de infusorios, de polipeiros, em obediencia aos planos da construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual, onde todo o progresso da Terra tem a sua genese.

II

A VIDA ORGANIZADA

As construções celulares.

Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo, laboravam na Terra numerosas assembléias de operarios espirituais.

Como a engenharia moderna, que constrói um edificio prevendo os menores movimentos de sua finalidade, os artistas da espiritualidade edificavam o mundo das células iniciando, nos dias primeiros, a construção das fórm.

O ideal da beleza foi a sua preocupação dos primeiros momentos, no que se referia ás edificações celulares das origens.

E' por isso que, em todos os tempos a beleza, junto á ordem, constituiu um dos traços indeléveis de toda a criação.

As fórm.

Os reinos vegetal e animal parecem confundidos nas profundidades oceanicas. Não existem fórmulas definidas e nem expressão individual nessas sociedades de infusorios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios de vida que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores.

Milhares de anos foram precisos aos operarios de Jesus, nos serviços da elaboração paciente das fórmulas.

A princípio, coordenam os elementos da nutrição e da conservação da existencia. O coração e os brônquios são conquistados e, após eles, formam-se os pródromos celulares do sistema nervoso e dos órgãos da procriação, que se aperfeiçoam, definindo-se nos seres.

As fórmulas intermediarias da natureza.

A atmosfera está ainda saturada de humidade e vapores e a terra sólida está coberta de lodo e pantanos inimaginaveis.

Todavia, as derradeiras convulsões interiores do orbe localizam os calores centrais do planeta, restringindo a zona das influencias telúricas necessarias á manutenção da vida animal.

Esses fenomenos geologicos estabelecem os contornos geograficos do globo, delineando os continentes e fixando a posição dos oceanos, surgindo, desse modo, as grandes extensões de terra firme, aptas a receber as sementes prolficas da vida.

Os primeiros crustaceos terrestres são um prolongamento dos crustaceos marinhos. Seguindo-lhes as pegas, aparecem os batraquios, que trocam as aguas pelas regiões lodosas e firmes.

Nessa fase evolutiva do planeta, todo o globo se veste de uma vegetação luxuriante e prodigiosa, de cujas florestas enormes e desmesuradas, as minas carboníferas dos tempos modernos são os petrificados vestigios.

Os ensaios assombrosos.

Nessa altura, os artistas da criação inauguram novos periodos evolutivos, no plano das fórmulas.

A natureza torna-se uma grande officina de ensaios monstruosos. Após os répteis, surgem os animais horrendos das éras primitivas.

Os trabalhadores do Cristo, como os alquimistas que estudam a combinação das substâncias, na retorta de acuradas observações, analisavam, igualmente, a combinação prodigiosa dos complexos celulares, cuja formação eles proprios haviam delineado, executando, com as suas experiencias uma justa aferição de valores, prevendo todas as possibilidades e necessidades do porvir.

Todas as arestas foram eliminadas. Aplainaram-se dificuldades e realizaram-se novas conquistas. A máquina celular foi aperfeiçoada, no limite do possivel, em face das leis fisicas do globo. Os tipos adequados á Terra foram realizados em todos os reinos da natureza, eliminando-se os frutos teratologicos e estranhos, do laboratorio de suas perseverantes experiencias. A prova da intervenção das forças espirituais, nesse vasto campo de operações é que, enquanto o escorpião, gêmeo dos crustaceos marinhos conserva até hoje, de modo geral, a sua fórmula primitiva, os animais monstruosos das épocas remotas, que lhe foram posteriores, desapareceram para sempre da fauna terrestre, guardando os museus do mundo as interessantes reminiscencias de suas fórmulas atormentadas.

Os antepassados do homem.

O reino animal experimenta as mais estranhas transições no periodo terciario, sob as influencias do meio e em face dos imperativos da lei de seleção.

Mas, o nosso raciocinio ansioso procura os legitimos

antepassados das criaturas humanas, nessa imensa vastidão do proscenio da evolução anímica.

Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde, nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o proposito de localizal-as no espaço e no tempo. Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos espiritos degredados na paisagem obscura da Terra, como Caim e Abél são dois símbolos para a personalidade das criaturas.

Examinada, porém, a questão nos seus prismas reais, vamos encontrar os primeiros antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento da natureza. No periodo terciario a que nos reportamos, sob a orientação das esferas espirituais notavam-se algumas raças de antropoides, no Pliocenio inferior. Esses antropoides, antepassados do homem terrestre e os ascendentes dos simios, que ainda existem no mundo, tiveram a sua evolução em pontos convergentes, e daí os parentescos sorológicos entre o organismo do homem moderno e o do chimpanzé da atualidade.

Reportando-nos, todavia, aos eminentes naturalistas dos ultimos tempos, que examinaram meticulosamente os transcendentales assuntos do evolucionismo, somos compelidos a esclarecer que não houve propriamente uma "descida da arvore", no inicio da evolução humana.

As fôrças espirituais que dirigem os fenomenos terrestres sob a orientação do Cristo, estabeleceram, na epoca da grande maleabilidade dos elementos materiais, uma linhagem definitiva para todas as especies, dentro das quais o principio espiritual encontraria o processo de seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade.

Os peixes, os répteis, os mamiferos, tiveram suas linhagens fixas de desenvolvimento e o homem não escaparia a essa regra geral.

A grande transição.

Os antropoides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superficie do globo, no curso vagaroso dos seculos, sofrendo as influencias do meio e formando os pródromos das raças futuras em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do silex, imprimindo-lhe novas expressões biologicas. Extraordinarias experiencias foram realizadas pelos mensageiros do invisivel. As pesquisas recentes da ciência sôbre o tipo de Neenderthal, reconhecendo nele uma especie de homem bestializado e outras descobertas interessantes da paleontologia, quanto ao homem fóssil, são um atestado dos experimentos biologicos a que procederam os prepostos de Jesus até fixarem no "primata" os caracteristicos aproximados do homem do futuro.

Os seculos correram o seu velário de experiencias penosas sobre a fronte dessas criaturas de braços alongados e de pêlos densos, até que um dia as hostes do invisivel operam uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações.

Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo á elegancia dos tempos do porvir.

Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.

Como poderia operar-se semelhante transição? — perguntará o vosso criterio científico.

Muito naturalmente.

Tambem as crianças têm os defeitos da infancia corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que, na maioridade se lembrem disso.

Um mundo em transições.

Ha muitos milenios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminancia de um dos seus extraordinarios ciclos evolutivos.

As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente ás transições esperadas no seculo XX, neste crepusculo de civilização.

Alguns milhões de espiritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e de virtude, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade que fizera jús á concordia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos.

As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos deliberam, então, localizar aquelas entidades pertinaezs no crime, aqui na Terra longinqua, onde aprenderiam a realizar na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.

Espiritos exilados na Terra.

Foi assim que Jesus recebeu, á luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de sêres soffredores e infelizes.

Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou aquellas almas desventuradas á edificação da consciencia pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito da sua misericordia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lagrimas san-

III

AS RAÇAS ADAMICAS

O sistema da Capela

Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnifico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetoria pelo Infinito faz-se acompanhar, igualmente, da sua familia de mundos, cantando as glorias divinas do Ilimitado. A sua luz gasta quasi 72 anos para chegar á face da Terra, considerando-se, desse modo, a regular distancia existente entre a Capela e o nosso planeta, já que a luz percorre o espaço, com a velocidade aproximada de 77000 leguas por segundo.

Quasi todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as visceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras prehistoricas de sua existencia, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais comezinhos principios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoismo, da vaidade, do seu infeliz orgulho.

tificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro, e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles sêres desolados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afêtos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura, reencarnar-se-iam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos seculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia.

Fixação dos caracteres raciais.

Com o auxílio desses espiritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as ultimas experiencias sôbre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biologicos das raças humanas. A natureza ainda era, para os trabalhadores da espiritualidade, um campo vasto de experiencias infinitas; tanto assim, que, se as observações do mendelismo fôsses transferidas áqueles milênios distantes, não se encontraria nenhuma equação definitiva nos seus estudos de biologia. A moderna genetica não poderia fixar, como hoje, as expressões dos "genes", porquanto, no laboratorio das forças invisiveis as células ainda sofriam longos processos de acrisolamento, imprimindo-se-lhes elementos de astralidade, consolidando-se-lhes as expressões definitivas, com vistas ás organizações do porvir.

Se a genese do planeta processara-se com a cooperação dos milênios, a genese das raças humanas requereu a contribuição vasta do tempo, até que se abandonasse a penosa e longa tarefa da sua fixação.

Origem das raças brancas.

Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram-se, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribus e familias primitivas, descendentes dos "primatas", a que nos referiamos ainda ha pouco. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na historia etnologica dos sêres.

Um grande acontecimento se verificara no planeta.

E' que, com essas entidades, nasceram no orbe os ascendentes das raças brancas.

Em sua maioria, estabeleceram-se na Asia, de onde atravessaram o ístmo de Suez para a Africa, na região do Egipto, encaminhando-se igualmente para a longinqua Atlântida, de que várias regiões da America guardam assinalados vestígios.

Não obstante as lições recebidas da palavra sábia e mansa do Cristo, os homens brancos olvidaram os seus sagrados compromissos.

Grande percentagem daqueles espiritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade, depois de muitos seculos de sofrimentos expiatorios; outros, porém, infelizes e retrógrados, permanecem ainda na Terra, nos dias que correm, contrariando a regra geral, em virtude do seu elevado passivo de debitos clamorosos.

Quatro grandes povos.

As raças adâmicas guardaram vaga lembrança da sua situação progressa, tecendo o hino sagrado das suas reminiscencias.

As tradições do paraíso perdido passaram de gerações a gerações, até que ficassem arquivadas nas paginas da Biblia.

Aqueles sêres decaídos e degradados, á maneira de suas vidas passadas no mundo distante da Capela, com o transcurso dos anos reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo ás afinidades sentimentais e linguisticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, na esteira do tempo, formaram desse modo o grupo dos Arias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da India.

Dos Arias descende a maioria dos povos brancos da familia indo-européia; nessa descendencia, porém, é necessario incluír os Latinos, os Celtas e os Gregos, além dos Germanos e dos Eslavos.

As quatro grandes massas de degradados formaram os pródromos de toda a organização das civilizações futuras, introduzindo os mais largos beneficios no seio da raça amarela e da raça negra, que já existiam.

E' de grande interêsse o estudo de sua movimentação no curso da Historia. Através dessa análise, é possível examinar-se os defeitos e as virtudes que trouxeram do seu paraíso longinquo, bem como os seus antagonismos e idiosincrasias.

As promessas do Cristo.

Tendo ouvido a palavra do Divino Mestre antes de se estabelecerem no mundo, as raças adâmicas, nos seus grupos isolados guardaram a reminiscencia das promessas do Cristo, que, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes periodicamente os seus missionarios e mensageiros.

E' por essa razão que as epopéias do Evangelho foram previstas e cantadas, alguns milénios antes da vinda do Sublime Emissario.

Os enviados do Infinito falaram na China milenária da celeste figura do Salvador, muitos seculos antes do

advento de Jesus. Os iniciados do Egito esperavam-no com as suas profecias. Na Persia, idealizaram a sua trajetoria, antevendo-lhe os passos nos caminhos do porvir; na India védica, era conhecida quasi toda a historia evangelica, que o sol dos milénios futuros iluminaria na região escabrosa da Palestina e o povo de Israel, durante muitos seculos cantou-lhe as glorias divinas, na exaltação do amor e da resignação, da piedade e do martirio, através da palavra de seus profetas mais eminentes.

Uma secreta intuição clarificava o espirito divinatório das massas populares.

Todos os povos O esperavam em seu seio acolhedor; todos O queriam, localizando em seus caminhos a sua expressão sublime e divinizada. Todavia, apesar de surgir um dia no mundo, como a Alegria de todos os tristes e como a Providencia de todos os infortunados, á sombra do trono de Jessé, o Filho de Deus em todas as circumstancias seria o Verbo de Luz e de Amor do Princípio, cuja genealogia se confunde na poeira dos sóis que rolam no Infinito.

A ciência secreta.

Em virtude das circunstancias mencionadas, os egípcios traziam consigo uma ciência que a evolução da época não comportava.

Aqueles grandes mestres da antiguidade foram, então, compelidos a recolher o acervo de suas tradições e de suas lembranças no ambiente reservado dos templos, exigindo-se os mais terríveis compromissos dos iniciados nos seus misterios. Os conhecimentos profundos ficaram circunscritos ao ambiente dos mais graduados sacerdotes do tempo, observando-se o maximo cuidado no problema da iniciação.

A propria Grecia, que aí buscou a alma de suas concepções cheias de poesia e de beleza, através da iniciativa dos seus filhos mais eminentes, no passado longinquo, não recebeu toda a verdade das ciências misteriosas. Tanto é assim, que as iniciações no Egito se revestiam de experiencias terríveis para o candidato á ciencia da vida e da morte — fatos esses que, entre os gregos, eram motivo de festas inesquecíveis.

Os sabios egípcios sabiam perfeitamente da inopurtunidade das grandes revelações espirituais naquela fase do progresso terrestre; chegando de um mundo cujas lutas, na officina do aperfeiçoamento, haviam guardado as mais vivas recordações, os sacerdotes mais eminentes conheciam o roteiro que a humanidade terrestre teria de realizar. Aí residem os misterios iniciaticos e a essencial importancia que lhes era atribuida no ambiente dos sabios daquele tempo.

O politeísmo simbolico.

Nos circulos esotéricos, onde pontificava a palavra esclarecida dos grandes mestres de então, sabia-se da existencia do Deus Unico e Absoluto, Pai de todas as cria-

IV

A CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

Os Egípcios

Dentre os espiritos degredados na Terra, aqueles que constituíram a civilização egípcia foram os que mais se destacaram na prática do Bem e no culto da Verdade.

Aliás, importa considerar que eram eles os que menos debitos possuíam perante o tribunal da justiça divina. Em razão dos seus elevados patrimonios morais, guardaram no íntimo uma lembrança mais viva das experiencias de sua patria distante. Um unico desejo os animava, que era trabalhar devotadamente para regressar, um dia, aos seus penates resplandecentes. Uma saudade torturante do céu foi a base de todas as suas organizações religiosas. Em nenhuma civilização da Terra o culto da morte foi tão altamente desenvolvido. Em todos os corações morava a ansiedade de voltar ao orbe distante, ao qual se sentiam presos pelos mais santos aféto. Foi por esse motivo, que, representando uma das mais belas e adiantadas civilizações de todos os tempos, as expressões do antigo Egipto desapareceram para sempre do plano tangível do planeta. Depois de perpetuar nas Piramides os seus avançados conhecimentos, todos os espiritos naquela região africana regressaram á patria sideral.

turas e Providencia de todos os sêres, mas os sacerdotes conheciam, igualmente, a função dos Espiritos prepostos de Jesus, na execução de todas as leis fisicas e sociais da existencia planetaria, em virtude das suas experiencias pregressas.

Desse ambiente reservado de ensinamentos occultos, partia, então, a idéia politeista dos numerosos deuses, que seriam os senhores da terra e do céu, do homem e da natureza.

As massas requeriam esse politeismo simbolico, nas grandes festividades exteriores da religião.

Os sacerdotes da época já conheciam essa fraqueza das almas jovens, de todos os tempos, satisfazendo-as com as expressões exotericas de suas lições sublimadas.

Dessa idéia de se homenagear as forças invisiveis que controlam os fenomenos naturais, classificando-as para o espirito das massas, na categoria dos deuses, é que nasceu a mitologia da Grecia, ao perfume das arvores e ao som das flautas dos pastores, em contacto permanente com a natureza.

O culto da Morte e a metempsicose.

Um dos traços essenciaes desse grande povo foi a preocupação insistente e constante da Morte. A sua vida era apenas um esforço para bem morrer. Seus papiros e frescos estão cheios dos consoladores misterios do aletumulo.

Era natural.

O grande povo dos faraós guardava a reminiscencia do seu doloroso degredo na face obscura do mundo terreno. E tanto lhe doía semelhante humilhação, que, na lembrança do prterito criou a teoria da metempsicose, acreditando que a alma de um homem podia regressar ao corpo de um irracional, por determinação punitiva dos deuses. A metempsicose era o fruto da sua amarga im-

pressão, a respeito do exílio penoso que lhe fôra infligido no ambiente terrestre.

Inventou-se, desse modo, uma serie de rituais e cerimoniaes para solenizar o regresso dos seus irmãos á patria espiritual.

Os misterios de Isis e Osiris, mais não eram que simbolos das forças espirituais que presidem os fenomenos da morte.

Os egipcios e as ciencias psíquicas.

As ciencias psiquicas da atualidade eram familiares aos magnos sacerdotes dos templos.

O destino e a comunicação dos mortos, a pluralidade das existencias e dos mundos eram, para eles, problemas solucionados e conhecidos. O estudo de suas artes pictóricas positivava a veracidade destas nossas afirmações. Num grande número de frescos, apresenta-se o homem terrestre acompanhado do seu duplo espiritual. Os papiros nos falam de suas avançadas ciencias nesse sentido, e, através deles, podem os egiptólogos modernos reconhecer que os iniciados sabiam da existencia do corpo espiritual preexistente, que organiza o mundo das cousas e das formas. Seus conhecimentos a respeito das energias solares com relação ao magnetismo humano, eram muito superiores aos da atualidade. Desses conhecimentos nasceram os processos de mumificação dos corpos, cujas fórmulas se perderam na indiferença e na inquietação dos outros povos.

Seus reis estavam tocados do mais alto grau de iniciação, enfeixando nas mãos todos os poderes espirituais e todos os conhecimentos sagrados. E' por isso que a sua desencarnação provocava a concentração magica de todas as vontades, no sentido de cercar-lhes o tumulo de veneração e de supremo respeito. Esse amor não se traduzia, apenas, nos atos solenes da mumificação. Tambem

o ambiente dos tumulos era santificado por um estranho magnetismo. Os grandes diretores da raça, que faziam jús a semelhantes consagrações, eram considerados dignos de toda a paz no silencio da morte.

Nessas saturações magneticas, que ainda estão a desafiár milénios, residem as razões da tragedia amarga de Lord Carnavon e de alguns dos seus companheiros que penetraram em primeiro lugar na camara mortuaria de Tout-Ank-Amon, e é ainda por isso que, muitas vezes, nos tempos que correm, os aviadores igleses observam o não funcionamento dos aparelhos radiofonicos, quando as suas maquinas de vôo atravessam a limitada atmosfera do vale sagrado.

As Pirâmides.

A assistencia carinhosa do Cristo não desamparou a marcha desse povo cheio de nobreza moral. Enviou-lhe auxiliares e mensageiros, inspirando-o nas suas realizações, que atravessaram todos os tempos provocando a admiração e o respeito da posteridade de todos os seculos.

Aquelas almas exiladas que as mais interessantes características espirituais singularizam, conheceram, em tempo, que o seu degredo na Terra atingia o fim. Impulsionados pelas fôrças do Alto, os circulos iniciaticos sugerem a construção das grandes pirâmides, que ficariam como a sua mensagem eterna para as futuras civilizações do orbe. Esses grandiosos monumentos teriam duas finalidades simultaneas: representariam os mais sagrados templos de estudo e iniciação, ao mesmo tempo que constituiriam, para os pósteros, um livro do passado, com as mais singulares profecias em face das obscuridades do porvir.

Levantam-se, dessarte, as grandes construções que assombram a engenharia de todos os tempos. Todavia,

não é o colosso de seis milhões de toneladas de pedra nem o esforço herculeo do trabalho de sua juxtaposição que mais empolga e impressiona os que contemplam esses monumentos. As pirâmides revelam os mais extraordinarios conhecimentos daquele conjunto de espiritos estudiosos das verdades da vida. Ao par desses conhecimentos, encontram-se ali os roteiros futuros da humanidade terrestre. Cada medida tem a sua expressão simbolica, com vistas ao sistema cosmogonico do planeta e á sua posição no sistema solar. Ali está o meridiano ideal, que atravessa mais continentes e menos oceanos, e através do qual se pode calcular a extensão das terras habitaveis pelo homem, a distancia aproximada entre o Sol e a Terra, a longitude percorrida pelo globo terrestre sôbre a sua orbita no espaço de um dia, a precessão dos equinoxios, bem como muitas outras conquistas científicas que somente agora vêm sendo consolidadas pela moderna astronomia.

Redenção.

Depois dessa edificação extraordinaria, os grandes iniciados do Egipto voltam ao plano espiritual, no curso incessante dos seculos.

Com o seu regresso aos mundos ditosos da Capela, vão desaparecendo os conhecimentos sagrados dos templos tebanos, que, por sua vez, os receberam dos grandes sacerdotes de Memphis.

Aos misterios de Isis e de Osiris, sucedem-se os de Eleusis, naturalmente transformados nas iniciações da Grecia antiga.

Em algumas centenas de anos, reuniram-se de novo, nos planos espirituais os antigos degredados, com a sagrada benção do Cristo, seu patrono e salvador. A maioria regressa, então, ao sistema da Capela, onde os seus corações se reconfortam nos sagrados reencontros das suas afeições mais santas e mais puras, mas grande nú-

mero desses espiritos, estudiosos e abnegados, conservaram-se nas hostes de Jesus, obedecendo a sagrados imperativos do sentimento e, ao seu influxo divino, muitas vezes, têm-se reencarnado na Terra, para desempenho de generosas e abençoadas missões.

V

A INDIA

A organização hindú.

Dos espiritos degredados no ambiente da Terra, os que se gruparam em volta do Ganges foram os primeiros a formar os pródromos de uma sociedade organizada, cujos nucleos representariam a grande percentagem de ascendentes das coletividades do porvir.

As organizações hindús são de origem anterior á propria civilização egipcia e antecederam de muito os agrupamentos israelitas, de onde saíriam mais tarde personalidades notaveis, como as de Abrahão e Moysés.

As almas exiladas naquela parte do Oriente, muito haviam recebido da misericórdia do Cristo, de cuja palavra de amor e de cuja figura luminosa guardaram as mais comovedoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e dos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre, como provindo de uma raça de profetas, de mestres e iniciados, em cujas tradições iam beber a verdade os homens e os povos do porvir, salientando-se que também as suas escolas de pensamento guardavam os misterios iniciaticos, com as mais sagradas tradições de respeito.

Os arianos puros.

Era na Índia de então que se reuniam os arianos puros, entre os quais cultivavam-se igualmente as lendas de um mundo perdido, no qual o povo hindú colocava as fontes de sua nobre origem. Alguns acreditavam que se tratasse do antigo continente da Lemuria, arrasado em parte pelas águas dos Oceanos Pacífico e Índico, e de cujas terras ainda existem porções remanescentes, como a Austrália.

A realidade, porém, qual já vimos, é que, como os egípcios, os hindús eram um dos ramos da massa de proscritos da Capela, exilados no planeta. Delas descendem todos os povos arianos, que floresceram na Europa e hoje atingem um dos mais agudos períodos de transição na sua marcha evolutiva. O pensamento moderno é o descendente legítimo daquela grande raça de pensadores, que se organizou nas margens de Ganges, desde a aurora dos tempos terrestres, tanto que todas as linguas das raças brancas guardam as mais estreitas afinidades com o sânscrito, originário de sua formação e que constituía uma reminiscência da sua existência pregressa, em outros planos.

O expansionismo dos árias.

Muitos séculos antes de qualquer prenúncio de civilização terrestre, os árias espalharam-se pelas planícies hindús, dominando os autóctones, descendentes dos "primatas", que possuíam uma pele escura e deles se distanciavam pelos mais destacados característicos físicos e psíquicos. Mais tarde, essa onda expansionista procurou localizar-se ao longo das terras da futura Europa, estabelecendo os primeiros fundamentos da civilização ocidental nos bosques da Grécia, nas costas da Itália e da França, bem como do outro lado do Reno, onde iam

ensaiar seus primeiros passos, as forças da soberbia germanica.

As balizas da sociedade dos Gregos, dos Latinos, dos Celtas e dos Germanos estavam lançadas.

Cada corrente da raça ariana assimilou os elementos encontrados, edificando-se os primórdios da civilização européia; cada qual baseou-se no princípio da força para o necessário estabelecimento e, muito cedo, começaram no Velho-Mundo os choques de suas famílias e tribus.

Os "Mahatmas".

Da região sagrada do Ganges partiram todos os elementos irredimidos com a situação humilhante que o degedo na Terra lhes infligia. As arriscadas aventuras forneceriam uma noção de vida nova e aqueles seres revoltados supunham encontrar o esquecimento de sua posição nas paisagens renovadas dos caminhos; lá ficaram, apenas as almas resignadas e crentes nos poderes espirituais, que as conduziriam de novo ás magnificências dos seus paraísos perdidos e distantes.

Os cânticos dos Vedas são bem uma glorificação da fé e da esperança, em face da Majestade Suprema do Senhor do Universo. A faculdade de tolerar e esperar, aflorou no sentimento coletivo das multidões, que suportaram heroicamente todas as dores e aguardaram o momento sublime da redenção. Os "mahatmas" criaram um ambiente de tamanha grandeza espiritual para o seu povo, que, ainda hoje, nenhum estrangeiro visita a terra sagrada da Índia sem de lá trazer as mais profundas impressões acerca de sua atmosfera psíquica. Eles deixaram também, ao mundo, as suas mensagens de amor, de esperança e de estoicismo resignado, salientando-se que quasi todos os grandes vultos do passado humano, progenitores do pensamento contemporâneo, deles aprenderam as lições mais sublimes.

As castas.

O povo hindú, todavia, não obstante o seu elevado grau de desenvolvimento nas ciencias do espirito, não aproveitou de modo geral, como devia, o seu acervo de experiencias sagradas.

Seus condutores conheciam as elevadas finalidades da vida. Lembavam-se vagamente das promessas do Senhor, anteriores á sua reencarnação para os trabalhos do penoso degrêdo. A prova disso é que eles abraçaram todos os grandes missionarios do preterito, vendo neles os avatares do seu Redentor. Viasa foi instrumento das lições do Cristo, seis mil anos antes do Evangelho, cuja epopéia, em seus minimos detalhes, foi prevista pelos iniciados hindús, alguns milenios antes da organização da Palestina. Crisna, Budha e outros grandes enviados de Jesus ao plano material para exposição de suas verdades salvadoras, foram compreendidos pelo grande povo sôbre cuja frente derramou o Senhor, em todos os tempos, as claridades divinas do seu amor desvelado e compassivo. Mas, como se a questão fosse determinada por um doloroso atavismo psiquico, o povo hindú, embora as suas tradições de espiritualidade, deixou crescer no coração o espinho do orgulho que, aliás, dera motivo ao seu exilio na Terra.

Em breve, a organização das castas separava as suas coletividades para sempre. Essas castas não se constituíam num sentido apenas hierárquico, mas com a significação de uma superioridade orgulhosa e absoluta. As fortes raízes de uma vaidade poderosa dividem os espiritos no campo social e religioso. Os filhos legitimos do país dão-se o nome de árias, designação original de sua raça primitiva, e o seu sistema religioso, de modo geral, chama-se "Aria-Darma", que eles afirmam trazer de sua longinqua origem, e em cujo seio não existem comuni-

dades especiais ou autoridade centralizadora, senão uma profunda e maravilhosa liberdade de sentimento.

Os rajáhs e os párias.

Na verdade, esses sistemas avançados de religião e filosofia evocam o fastigio da raça no seu mundo de origem, de onde foi precipitada ao orbe terreno pelo seu orgulho desmedido e infeliz.

Os arianos da India, porém, não se compadeceram das raças atrasadas que encontraram em seu caminho cuja evolução devia representar para eles um imperativo de trabalho regenerador na face da Terra; os aborígenes foram considerados como os párias da sociedade, de cujos membros não podiam aproximar-se sem graves punições e severos castigos.

Ainda hoje, o espiroto iluminado de Gandhi, que é obrigado a agir na esfera da mais atenciosa psicologia dos seus irmãos de raça, não conseguiu eliminar esses absurdos sociais do seio do grande povo de iniciados e profetas. Os párias são a ralé de todos os sêres e são obrigados a dar um sinal de alarme quando passam por qualquer caminho, afim-de que se afastem os venturosos, do seu contágio infeliz.

A realidade, contudo, é que os rajahs soberanos, ao influxo da misericórdia do Cristo voltam ás mesmas estradas que transitaram sôbre o dorso dos elefantes ajaezados de pedrarias, como os mendigos desventurados, resgatando o preterito em avatares de amargas provações expiatorias. Os que humilharam os infortunados, do alto de seus palacios resplandescentes, volvem aos mesmos caminhos, cheios de chaga cancerosa, exibindo a sua miséria e a sua indigencia.

E o que é de admirar-se é que nenhum povo da Terra tem mais conhecimentos acerca-da reencarnação, do que

o hindú, ciente dessa verdade sagrada, desde os primórdios da sua organização neste mundo.

Em face de Jesus.

Nos bastidores da civilização, somos compelidos a reconhecer que a Índia foi a matriz de todas as filosofias e religiões da humanidade, inclusive do materialismo, que lá nasceu na escola dos "charvakas".

Um pensamento de gratidão nos toma o íntimo, examinando a sua grandeza espiritual e as suas belezas misteriosas, mas, acima dos seus "yogis" e de seus "mahatmas", temos de colocar a figura luminosa d'Aquele que é a luz do mundo, e cuja vinda á Terra se verificaria para trazer a palma da concordia e da fraternidade, para todos os corações e para todos os povos, arrazando as fronteiras que separam os espiritos e eliminando os laços ferrenhos das castas sociais, para que o amor das almas substituisse o preconceito de raça no seu reinado sem fim.

VI

A FAMILIA INDO-EUROPÉIA

As migrações sucessivas.

Se as civilizações hindú e egípcia definiram-se no mundo, em breves seculos, o mesmo não aconteceu com a civilização áriana, que ia iniciar na Europa os seus movimentos evolutivos.

Somente com o escoar de muitos seculos regularizaram-se as suas migrações sucessivas, através dos planaltos da Persia. Do Iran procederam quasi todas as correntes da raça branca, que representariam mais tarde os troncos genealogicos da familia indo-européia.

Conforme afirmavamos, os arianos que procuravam as novas emoções de uma terra desconhecida eram, na sua maioria os espiritos revoltados com as condições do seu degredo; pouco afeitos aos misteres religiosos que, pela força das circunstancias impunham uma disciplina de resignação e humildade, não cuidaram da conservação do seu tradicionalismo, na ansia de conquistar um novo paraíso por serenarem, assim, as suas inquietações angustiosas.

A ausencia de notícias historicas.

Aí reside a razão do escasso conhecimento dos histo-

riadores, acerca dos árias primitivos que lançaram os marcos da civilização europeia.

Caminheiros do desconhecido, erraram pelas planícies e montanhas desertas, não como o povo hebreu, que guardava a palavra divina com a sua fé, mas, desarvorados e sem esperança, contando apenas com as próprias forças, em virtude do seu carater livre e insubmisso.

Suas incursões entre as tribus selvagens da Europa datam de mais ou menos dez milenios, antes da vinda do Cristo, não obstante a humanidade localizar-lhes a marcha apenas quatro mil anos antes do grande acontecimento da Judéa. E' que, em vista de sua situação psicologica, os primitivos árias do Velho Mundo não deixaram vestigios nos dominios da fé, unico caminho da-queles tempos, através do qual poderia uma raça assinalar sua passagem pela Terra. Não guardavam a historia verbal de uma religião que não possuíam. Mais revoltados e enrijecidos que todos os demais companheiros exilados no orbe terrestre, as suas reminiscencias da vida pregressa nos planos mais elevados, qual a que haviam experimentado no sistema da Capela, traduziam-se numa revolta íntima, amargurada e dolorosa contra as determinações de ordem divina. Apenas, muito mais tarde, com a contribuição dos milenios, os Celtas retornaram ao culto divino venerando as fôrças da natureza, junto dos carvalhos sagrados e os Germanos iniciaram a sua devoção ao fogo, que personificava a seus olhos a potencia criadora dos sêres e das cousas, enquanto outros povos começaram a sacrificar vitimas e objetos aos seus deuses numerosos.

A grande virtude dos árias europeus.

A misericórdia do Cristo, porém, jamais deixou de acompanhar esse grande povo no seu amargurado destêro. Ao influxo de seus emissarios, as massas migra-

torias da Asia se dividiram em grupos diversos, que penetraram na Europa desde o Peloponeso até ás vastas regiões da Russia, onde se encontram os antepassados dos Gregos, Latinos, Samnitas, Umbrios, Gauleses, Seitas, Iberos, Romanos, Saxonios, Germanos, Eslavos. Essas tribus assimilaram todos os elementos encontrados em seus caminhos, impulsionando-lhes os passos nas sendas do progresso e do aperfeiçoamento. Enquanto os Semitas e Hindús se perderam na cristalização do orgulho religioso, as familias arianas da Europa, embora revoltadas e endurecidas, confraternizaram com o selvagem e nisso reside a sua maior virtude. Assimilando os aborigenes, organizou as premissas de todos os surtos das civilizações futuras. Nessa movimentação para o estabelecimento de novo "habitat", organizaram as primeiras noções politicas da vida coletiva, elegendo cada tribu, um chefe para a direção de sua vida em comum. A agricultura, as industrias pastorís, com elas encontraram os primeiros impulsos, nas estradas incertas dos que descendiam do "primata" europeu. Com as organizações economicas, oriundas do trato direto com o solo, deixaram perceber a lembrança de suas lutas no antigo mundo que haviam deixado. Bastou que inaugurassem na Terra o senso de propriedade para que o germe da separatividade e do ciúme, da ambição e do egoismo lhes destruísse os esforços benfazejos...

As rivalidades entre as tribus, na vida comum, induziram-nas aos primeiros embates fratricidas.

O Mediterraneo e o Mar do Norte

Por essa época, nōvos fenomenos geologicos abalam a vida do globo.

Precisava Jesus estabelecer as linhas definitivas da grande civilização, cujos primordios se levantavam; e dessas convulsões fisicas do orbe surgem renovações que

definem o Mediterraneo e o Mar do Norte, fixando-se os limites da ação daqueles nucleos de operarios da evolução coletiva.

O Cristo sabia valorizar a atividade da familia indo-européia, que, se era a mais revoltada contra os designios do Alto, era tambem a unica que confraternizava com o selvagem, aperfeçoando-lhe os caracteres raciais, sem esmorecer na ação construtiva das oficinas do porvir. Através dos milénios, aliviou-lhe os pesares no caminho onusto de lutas e dores tenazes. Assim que, enviou-lhe emissarios em todas as crieunstancias, atendendo-lhe os secretos apelos do coração no labor educativo das tribus primitivas do continente. Suavisou-lhe a revolta e a amargura, ajudando a reconstruir o templo da fé, na esteira das gerações. Nos bosques da Armorica, os Celtas antigos levantaram os altares da crença entre as arvores sagradas da natureza. Doces revelações espirituais caem na alma desse povo mistico e operoso, que, muito antes dos saxões, povoou as terras da Grã-Bretanha.

A reencarnação de numerosos auxiliares do Mestre, em seus labores divinos, opera uma nova fase de evolução no seio da familia indo-européia, já caracterizada por expressões raciais as mais diversas. Enquanto os Germanos criam novas modalidades de progresso, o Lácio se ergue na Italia Central, entre a Etruria e a Campania; a Grecia se povôa de mestres e cantores, e todo o Mediterraneo oriental evolúe com o uso da escrita, adquirido na convizhinça das civilizações mais avançadas.

Os nórdicos e os mediterraneos.

O fenomeno das trocas e os primeiros impulsos comerciais, todavia, levantam uma longa serie de barreiras entre as relações desses povos. De um lado, estavam os nórdicos e de outro permaneciam os mediterraneos, em luta acérrima e constante. A rivalidade acende nessas

duas fações os fogos da guerra, sob os céus tranquilos do Velho-Mundo. Uns e outros, empunham as armas primitivas para as lutas de extermínio e destruição das hostes inimigas, e a linha divisoria dos litigantes se alonga justamente no local onde hoje se traçam os limites da França e da Alemanha contemporaneas.

E' como se explica essa intensidade de aversão racial entre as duas nações, contadas entre as mais progressistas e operosas do planeta. Uma tal situação psicologica entre ambas haveria de tornar-se em fatalidade historica, oriunda dos atritos entre o Germanismo e a Latinitude, nas epocas primitivas. O que se não justifica, porém, é a perpetuação dessas animosidades no curso do tempo, e pelo que se impõe, como imperativo constante, a concentração de todos os pensamentos no objetivo da fraternidade geral.

Origem do racionalismo.

Os arianos da Europa, como ficou esclarecido, não possuíram grandes ascendentes religiosos na sua formação primitiva, em vista do senso pratico que os caracterizou dos primeiros tempos de sua organização.

O racionalismo de suas concepções, a tendencia para as ciencias positivas e o amor pela hegemonia e liberdade, são, dessa maneira, elucidados dentro da análise dos seus primórdios. Em materia de religião, quasi todos os seus passos foram orientados pelos povos semitas e hindús, mas, pelo cultivo da razão, puderam aperfeçoar a ciencia até ás culminancias das conquistas modernas.

O mundo, se muitas vezes perdeu com as suas inquietações e com as suas lutas renovadoras, muito lhes deve pela colaboração decidida e sincera no labor do pensamento, em todas as epocas e periodos evolutivos.

As advertencias do Cristo.

A sua confraternização com os terrícolas primários, encontrados no seu caminho, constitúe uma dívida sagrada da humanidade para com os seus labores planetários.

O Senhor da sementeira e da seara não lhes desconhece essa grande virtude e é por isso que as exortações de toda a natureza são por ele enviadas do Alto, nos tempos que correm, ás nações européias, afim-de que se preservem do extermínio e da destruição terrestre, arrancando-as do primitivismo para um elevado nível de aperfeiçoamento nos grandes trabalhos construtivos da evolução global; se erraram muito, foram igualmente muito sinceras, porque a sua inquietação era por levantar um novo paraíso para si mesmas e para os homens terrestres, com cujas famílias fraternizaram-se desde o princípio. Faltaram-lhes os valores espirituais de uma perfeita base religiosa, situação essa para a qual concorreram, inegavelmente, na utilização do livre arbitrio; mas o Cristo, nas dolorosas transições deste seculo ha de amparar-lhes as expressões mais dignas e mais puras, espiritualmente falando, e, no momento psicologico das grandes transformações, o fruto de suas atividades fecundas ha de ser aproveitado, como a semente nova, para a civilização do porvir.

VII

O POVO DE ISRAÉL

Israél.

Dos espiritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituiram a raça mais forte e mais homogenea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações.

Examinando esse povo notavel no seu passado longinquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existencia de Deus, muito grande tambem era o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida.

Conciente da superidade de seus valores, nunca perdeu oportunidade de demonstrar a sua vaidosa aristocracia espiritual, mantendo-se pouco acessivel á comunhão perfeita com as demais raças do orbe. Entretanto, em honra da verdade, somos obrigados a reconhecer que Israél num paradoxo flagrante, antecipando-se ás conquistas dos outros povos, ensinou de todos os tempos a fraternidade, a par de uma fé soberana e imorredoura. Sem patria e sem lar, esse povo heroico tem sabido viver em todos os climas sociais e politicos, exemplificando a solidariedade humana nas melhores tradições de trabalho; sua existencia historica, contudo, é uma lição dolorosa das consequencias nefastas do orgulho e do exclusivismo, para todos os povos do mundo.

Moisés.

As lendas da Torre de Babel não representam um mito nas paginas antigas do Velho Testamento, porque, o exilio na Terra não pesou tanto ás outras raças degradadas quanto na alma orgulhosa dos judeus, inadaptados e revoltados num mundo que os não compreendia.

Sem procurarmos os seus antepassados, anteriores a Moisés, vamos encontrar o grande legislador hebreu saturando-se de todos os conhecimentos iniciáticos, no Egipto antigo, onde o seu espirito recebeu primorosa educação, á sombra do prestigio de Termutis, cuja caridade fraterna o recolhera.

Moisés, na sua qualidade de mensageiro do Divino Mestre, procura então concentrar o seu povo para a grande jornada em busca da Terra da Promissão. Medium extraordinario, realiza grandes feitos ante os seus irmãos e companheiros maravilhados. E' quando então recebe, de emissarios do Cristo, no Sinai, os dez sagrados mandamentos que, até hoje, representam a base de toda a justiça do mundo.

Antes de abandonar as lutas da Terra, na sagrada visão da Terra Prometida, Moisés lega á posteridade as suas tradições no Pentáteuco, iniciando a construção da mais elevada ciencia religiosa de todos os tempos, para as coletividades porvindouras.

O judaísmo e o cristianismo.

Estudando-se a trajetoria do povo israelita, verificam-se que o Antigo Testamento é um repositório de conhecimentos secretos, dos iniciados do povo judeu, e que somente os grandes mestres da raça poderiam interpretar-o fiélmente, nas épocas mais remotas.

Eminentes espiritualistas franceses, nestes ultimos tempos, procuraram penetrar os seus obscuros segredos

e todavia, aproximando-nos da realidade com referencia ás interpretações, não lhes é possível solucionar os vastos problemas que as suas expressões oferecem.

Os livros dos profetas israelitas estão saturados de palavras enigmaticas e simbolicas, constituindo um monumento parcialmente decifrado da ciencia secreta dos hebreus. Contudo, e não obstante a sua feição esfingetica, é, no conjunto um poema de eternas claridades. Seus canticos de amor e de esperança atravessam as eras com o mesmo sabor indestrutivel de crença e de beleza. E' por isso que, a par do Evangelho, está o Velho Testamento toucado de clarões imortais, para a visão espiritual de todos os corações. Uma perfeita conexão reúne as duas leis, que representam duas etapas diferentes do progresso humano. Moisés com a expressão rude da sua palavra primitiva, recebe do mundo espiritual as leis basicas do Sinái, construindo, desse modo, o grande alicerce do aperfeiçoamento moral do mundo e Jesus, no Tabor, ensina a humanidade a desferir, das sombras da Terra, o seu vôo divino para as luzes do céu.

O monoteísmo.

O que mais admira, porém, naquelas tribus nômade e desprotegidas, é a fortaleza espiritual que lhes nutria a fé nos mais arrojados e espinhosos caminhos.

Enquanto a civilização egípcia e os iniciados hindús criavam o politeísmo, para satisfazer os imperativos da época, contemporizando com a versatilidade das multidões, o povo de Israel acreditava somente na existncia do Deus Todo-Poderoso, por amor do qual aprendia a sofrer todas as injurias e a tolerar todos os martirios.

Quarenta anos no deserto representaram para aquele povo como que um curso de consolidação da sua fé, contagiosa e ardente.

Seguiu-lhe Jesus todos os passos, assistindo-o nos

mais delicados momentos de sua vida e foi ainda, sob o pálio da sua proteção, que se organizaram os reinos de Israel e de Judá, na Palestina.

Todas as raças da Terra devem aos judeus esse benefício sagrado, que consiste na revelação do Deus unico, Pai de todas as criaturas e Providencia de todos os seres.

O grande legislador dos hebreus trouxera a determinação de Jesus, com respeito á simplificação das fórmulas iniciáticas, para compreensão geral do povo; a missão de Moisés foi tornar acessíveis ao sentimento popular as grandes lições que os demais iniciados eram compelidos a ocultar. E, de fato, no seio de todas as grandes figuras da antiguidade, destaca-se o seu vulto como o primeiro a rasgar a cortina que pesava sobre os mais elevados conhecimentos, filtrando a luz da verdade religiosa para a alma simples e generosa do povo.

A escolha de Israel.

No reino de Israel sucederam-se as tribus e os enviados do Senhor. Todos os seus caminhos no mundo estão cheios de vozes profeticas e consoladoras, acerca d'Aquele que ao mundo viria para ser glorificado como o Cordeiro de Deus.

A cada seculo renovam-se as profecias e cada templo espera a palavra de ordem dos céus, através do Salvador do Mundo. Os doutores da Lei, no templo de Jerusalém, confabulam respeitosos sobre o Divino Missionario; na sua vaidade orgulhosa esperavam-no no seu carro vitorioso, para proclamar a todas as gentes a superioridade de Israel e operar todos os milagres e prodigios.

E, recordando esses apontamentos da historia, somos naturalmente levados a perguntar o porquê da preferencia de Jesus pela arvore de David para levar a efeito as suas divinas lições á humanidade, mas a propria logica

nos faz reconhecer que, de todos os povos de então, sendo Israel o mais crente, era tambem o mais necessitado, dada a sua vaidade exclusivista e pretenciosa. "Muito se pedirá de quem muito haja recebido" e os israelitas haviam conquistado muito, do Alto, em materia de fé, sendo justo que se lhes exigisse um grau correspondente de compreensão, em materia de humildade e de amor.

A incompreensão do judaismo.

A verdade, porém, é que Jesus chegando ao mundo não foi, absolutamente, entendido pelo povo judeu. Os sacerdotes não esperavam que o Redentor procurasse a hora mais escura da noite para surgir na paisagem terrestre. Segundo a sua concepção, o Senhor deveria chegar no carro magnificente de suas glorias divinas, trazido do céu á terra pela legião dos seus Tronos e Anjos; deveria humilhar todos os reis do mundo, conferindo a Israel o céro supremo na direção de todos os povos do planeta; deveria operar todos os prodigios, ofuscando a gloria dos Cesares. E contudo, o Cristo surgira entre os animais humildes da manjedeira; apresentava-se como filho de um carpinteiro e, no cumprimento de sua gloriosa missão de amor e de humildade, protegia as prostitutas, confundia-se com os pobres e com os humilhados, visitava as casas suspeitas para arrancar daí os seus auxiliares e seguidores; seus companheiros prediletos eram os pescadores ignorantes e humildes, dos quais fazia apóstolos bem-amados. Abandonando os templos da Lei, era frequentemente encontrado ao longo do Tiberiades, em cujas margens pregava para os simples a fraternidade e o amor, a sabedoria e a humildade. O judaismo, saturado de orgulho não conseguiu compreender a ação do celeste emissario. Apesar da sua crença fervorosa e sincera, Israel não sabia que toda a salvação tem de começar no íntimo de cada um e, cumprindo as profecias de seus pro-

prios filhos, conduziu aos martirios da cruz o divino Cordeiro.

No porvir.

As organizações dos doutores da Lei subsistiram no curso incessante dos tempos. Embalde, esperaram eles outro Cristo, nestes dois milênios, que ora vertem a termo. A realidade é que um sopro de amargura pesou mais fortemente sobre os destinos da raça, depois da ignominiosa tarde do Calvario. As sombras simbólicas que caíram sobre o templo de Jerusalem, acompanharam igualmente o povo escolhido em todas as diretivas, pelas estradas longas do mundo, com amplos reflexos no ambiente contemporaneo.

Israél continua a cultivar o Deus Todo-Pedoroso dos seus profetas, seus rituais prosseguem em pontos isolados do orbe inteiro.

E' talvez a raça mais livre, mais internacionalista, mais fraterna, mas tambem a mais activa e exclusivista do mundo.

Apesar de não ter uma patria e não obstante todas as perseguições e clamorosas injustiças experimentadas nas suas jornadas de sofrimento, Israél faz o seu roteiro através das cidades tumultuosas, esperando o Messias da sua redenção e da sua liberdade.

Jesus acompanha-lhe a marcha dolorosa através dos seculos de lutas expiatorias e regeneradoras.

Novos conhecimentos dimanam do céu para o coração dos seus patriarcas e não tardará muito tempo para que vejamos os judeus compreendendo integralmente a missão sublime do verdadeiro cristianismo e aliando-se a todos os povos da Terra para a caminhada salvadora, em busca da edificação de um mundo melhor.

VIII

A CHINA MILENÁRIA

A China.

Depois de nossas divagações acerca-da raça branca, que se constituia dos antigos árias, no ambiente da Terra, é justo examinarmos a árvore mais antiga das civilizações terrestres, afim-de observarmos a assistencia carinhosa e constante do Divino Mestre para com todas as criaturas de Deus.

Inegavelmente, o mais pristino fóco de todos os surtos evolutivos do globo é a China milenária, com o seu espirito valoroso e resignado, mas sem rumo certo nas estradas da edificação geral.

Quando se verificou a chegada das almas proscritas do sistema da Capela, em épocas remotissimas, já a existencia chinesa contava com uma organização regular, oferecendo os tipos mais homogeneos e mais seleccionados do planeta, em face dos remanescentes humanos, primitivos. Suas tradições já andavam de geração em geração, construindo as obras do porvir. Daí se infere que, de fato, a historia da China remonta a épocas remotissimas, no seu passado multi-milenario e esse povo, que deixa agora entrever uma certa estagnação nos seus valores evolutivos, sempre foi igualmente acompanhado na sua marcha, por aquela misericordia infinita que, do Céu, envolve todos os corações que mourejam na Terra.

A cristalização da idéia chinesa.

A cristalização das idéias chinesas advêm, simplesmente, desse isolamento voluntario que prejudicou, nas mesmas circunstâncias, o espirito da India, apesar da fascinante beleza das suas tradições e dos seus ensinios.

E' que a civilização e o progresso, como a propria vida, dependem das trocas incessantes. O universo, na sua constituição maravilhosa, não criou e nem saciona leis de isolamento na comunidade eterna dos mundos e dos sêres. A existencia é uma longa escada, na qual todas as almas devem dar-se as mãos, na subida para o conhecimento e para Deus. Enquanto a familia indo-européa, errava no desconhecido, assimilando as expressões das tribus encontradas, em longas iniciativas de construção e de trabalho, os árianos da India estacionaram no repouso de suas tradições, apresentando-se, no curso do tempo, as mais prestigiosas lições de experiencia para a alma dos povos. E agora, enquanto os israelitas são chamados por forças poderosas ao deslocamento no seio das nações, afim-de aprenderem mais intimamente a doce lição da fraternidade e do amor, renovando a fibra da sua fé á caminho da perfeita compreensão do Cristo, a China é também convocada, pelas transformações do seculo, á grande lição do entrelaçamento na comunidade planetaria, afim de ensinar as suas virtudes e aprender as virtudes dos outros povos.

E' em razão de sua obstinada resistencia, que a idéia chinesa estagnou-se na marcha do tempo, embora, nestas desprezenciosas observações, sejamos dos primeiros a reconhecer a grandeza de suas elevadas expressões espirituais.

Fo-Hi

Jesus, na sua proteção e na sua misericordia, desde os tempos mais distantes, enviou seus missionarios áque-

les agrupamentos de criaturas que se organizavam economicamente e politicamente, entre as coletividades primárias da Terra.

As raças adamicas ainda não haviam chegado ao orbe terrestre e entre aqueles povos já se ouviam grandes ensinamentos do plano espiritual, de sumo interesse para a direção e solução de todos os problemas da vida.

A historia não vos fala de outros, antes do grande Fo-Hi, que foi o compilador de suas ciencias religiosas, nos seus trigramas duplos, que passaram do preterito remotissimo aos estudos da posteridade.

Fo-Hi refere-se no seu "Yi-King", aos grandes sabios que o antecederam no penoso caminho das aquisições de conhecimento espiritual. Seus simbolos representam os caracteristicos de uma ciencia altamente evoluída, revelando ensinamentos de grande pureza e da mais avançada metafisica.

Em seguida a esse grande missionario do povo chinês o Divino Mestre envia-lhe a palavra de Confúcio, ou Kongtzeu, cinco seculos antes da sua vinda, preparando os caminhos do Evangelho no mundo, tal como procedera com a Grecia, Roma e outros centros adiantados do planeta, enviando-lhe elevados espiritos da ciencia, da religião e da filosofia, algum tempo antes de sua palavra mirifica, afim-de que a humanidade estivesse preparada para a aceitação dos seus ensinios.

Confúcio e Lao-Tsé

Confúcio, na qualidade de missionario do Cristo, teve de saturar-se de todas as tradições chinesas, aceitar as circunstancias imperiosas do meio, de modo a beneficiar o país na medida de suas possibilidades de compreensão. Ele faz ressurgir os ensinamentos de Lao-Tsé, que fôra, por sua vez, um elevado mensageiro do Senhor para as raças amarelas. Suas lições estão cheias do per-

fume de requintada sabedoria moral. No "Kan-Ing", de Lao-Tsé, eis algumas de suas afirmações que nada ficam a dever aos vossos conhecimentos e exposições do moderno pensamento religioso: — "O Senhor dos Céus é bom e generoso, e o homem sabio é um pouco de suas manifestações. Na estrada da inspiração, eles caminham juntos e o sabio recebe as idéias dele, que enchem a vida de alegria e de bens".

Lao-Tsé, de cujos ensinamentos Confúcio fez questão de formar a base dos seus principios, viveu seis seculos antes do advento do Senhor e, em face dessa filosofia religiosa, avançada e superior, somos obrigados a reconhecer a prodigalidade da misericórdia de Jesus enviando os seus porta-vozes a todos os pontos da Terra, com o objetivo de fazer desabrochar na alma das massas a melhor compreensão do seu Evangelho de Verdade e de Amor, que o mundo, entretanto, ainda não compreendeu, não obstante todos os seus sacrificios.

O Nirvana.

Para fundamentarmos devidamente a nossa opinião, relativa á estagnação do espirito chinês, examinemos ainda as suas interessantes e elevadas concepções religiosas.

De um modo geral, é o culto dos antepassados o principio da sua fé. Esse culto, cotidiano e perseverante, é a base da sua crença na immortalidade, porquanto, de suas manifestações ressaltam as provas diárias da sobrevivencia. As relações com o plano invisivel constituem um fenomeno comum, associado á existencia do individuo mais obscuro. A idéia da necessidade de aperfeiçoamento espiritual é latente em todos os corações, mas o desvio inerente a compreensão do Nirvana é aí, como em numerosas correntes do budismo, um obstaculo ao progresso geral.

O Nirvana, examinado em suas expressões mais profundas, deve ser considerado como a união permanente da alma com Deus, finalidade de todos os caminhos evolutivos; mas nunca como sinónimo de imperturbavel quietude ou beatífica realização do não-sêr. A vida é a harmonia dos movimentos, resultante das trocas incessantes no seio da natureza visivel e invisivel. Sua manutenção depende da atividade de todos os mundos e de todos os seres. Cada individualidade, na prova, como na redenção, no esforço terreno, como na gloria divina, tem uma função definida de trabalho e de elevação dos seus valores proprios. Os que aprenderam os bens da vida e aqueles que os ensinam com amor, multiplicam na Terra e nos Céus os dons infinitos de Deus.

A China atual.

A falsa intepretação do Nirvana atormentou as elevadas possibilidades criadoras do espirito chinês, cristalizou-lhe as concepções e paralizou-lhe a marcha para as grandes conquistas.

E' certo que essas conquistas não consistem nas metralhadoras e nas bombardas da civilização do Ocidente, cheia de comodidades multifárias, mas aqui me refiro á incompreensão geral, acerca-da lição sublime do Cristo e dos seus enviados.

A China, como os outros povos do mundo, tem de esmar neste seculo os valores obtidos na sua caminhada longa e penosa.

Com estas palavras, não acreditemos que a invasão japonesa, na sua incrível agressividade, esteja tocada de uma sanção divina. O Japão poderá realizar, na grande republica, todas as conquistas materiais; usando a psicologia dos conquistadores, poderá melhorar as condições sanitarias do povo, rasgar estradas e multiplicar as escolas; mas não amortecerá a energia perseverante

do espirito chinês, valoroso e resignado, que poderá até ceder-lhe as proprias rédeas do governo enchendo-o de fortuna, de suntuosidade e de honrarias, sem desprestigio do seu proprio valor, porquanto a China milenária sabe que os espiritos de rapina embriagam-se facilmente com o vinho de sangue do triunfo, e tão logo o luxo lhes amoleça as fibras da desesperação, todas as vitórias voltam, automaticamente, á reflexão, ao raciocinio, á cultura e á intelligencia.

O que se faz necessario examinar é o estado de estagnação da alma chinesa, nestes ultimos seculos, para concluirmos pela sua necessidade imperiosa de comungar no banquete de fraternidade dos outros povos.

A edificação do Evangelho.

E' verdade que a palavra direta do Cristo, consubstanciada no seu Evangelho, ainda não chegou até lá de um modo geral, aclarando o caminho de todos os corações, mas um sopro de vida romperá as sombras milenárias que caíram sôbre á republica chinesa, onde milhões de almas repousam, indevidamente, na falsa compreensão do Nirvana e do Absoluto. Mãos valorosas erguerão o monumento evangelico naquele mundo de dolorosas antiguidades, e um novo dia raiará para a grande nação que se tornou um simbolo de paciencia e de perseverança, para os outros povos.

Esperemos a providencia d'Aquele que guarda em suas mãos augustas e misericordiosas a direção do mundo.

"Bem-aventurados os pacificos, os aflitos, os humildes..."

El as suas palavras mansas e carinhosas nos fazem lembrar a China milenária, que, amando a paz, sofre agora o insulto das fôrças tenebrosas da ambição, da injustiça e da iniquidade.

IX

AS GRANDES RELIGIÕES DO PASSADO

As primeiras organizações religiosas.

As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, sua origem entre os povos primitivos do Oriente, aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionarios.

Em vista da ausencia da escrita, naquelas épocas longinquas, todas as tradições se transmitiam de geração a geração, através do mecanismo das palavras. Todavia, com a cooperação dos degredados do sistema da Capela, os rudimentos das artes graficas receberam os seus primeiros impulsos, começando a florescer uma nova-éra de conhecimento espiritual, no terreno das concepções religiosas.

Os Vedas, que contam mais de seis mil anos, já nos falam da sabedoria dos "Sastras", ou grandes mestres das ciencias hindús, que os antecederam de mais ou menos dois milenios, nas margens dos rios sagrados da India. Vê-se, pois, que a idéia religiosa nasceu com a propria humanidade, constituindo o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terráqueo.

Ainda as raças adamicas.

Não podemos, porém, esquecer que Jesus reunira nos espaços infinitos os sêres proscritos que se exilaram na Terra, antes de sua reencarnação geral nas vizinhanças dos planaltos do Iran e do Pamir.

Obedecendo ás determinações superiores do mundo espiritual, eles nunca puderam esquecer a palavra salvadora do Messias e as suas divinas promessas. As belezas do espaço, aliadas á pansagem mirífica do plano que foram obrigados a abandonar, viviam no cerne das suas recordações mais queridas. As exortações confortadoras do Cristo nas vésperas de sua dolorosa imersão nos fluidos pesados do planeta terrestre, cantavam-lhes no íntimo as mais formosas hosanas de alegria e de esperança. Era por isso que aquelas civilizações antigas possuíam mais fé, colocando a intuição divina acima da razão puramente humana. A crença, como íntima e sagrada aquisição de suas almas, era a fôrça motora de todas as suas realizações e todos os degredados, com os mais santos entusiasmos do coração, falaram d'Ele e da sua infinita misericórdia. Suas vozes enchem todo o ambito das civilizações que passaram no pentagrama dos seculos sem fim e, apresentado com mil nomes, segundo as mais variadas épocas, o Cordeiro de Deus foi guardado pela compreensão e pela memoria do mundo, com todas as suas expressões divinas ou, aliás, como a propria face de Deus, segundo as modalidades dos misterios religiosos.

A genese das crenças religiosas.

A genese de todas as religiões da humanidade tem suas origens no seu coração augusto e misericordioso. Não queremos, com as nossas exposições divinizar, dogmaticamente, a figura luminosa do Cristo e, sim esclarecer a sua gloriosa ascendencia na direção do orbe ter-

restre, considerada a circunstancia de que cada mundo, como cada familia, tem seu chefe supremo, ante a justiça e a sabedoria do Criador.

Fôra erro crasso julgar como barbaros e pagãos os povos terrestres que ainda não conhecem diretamente as lições sublimes do seu Evangelho de redenção, porquanto, a sua desvelada assistencia acompanhou, como acompanha a todo tempo, a evolução das criaturas em todas as latitudes do orbe. A historia da China, da Persia, do Egipto, da India, dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos, está clarificada pela luz dos seus poderosos emissarios. E muitos deles, tão bem se houveram no cumprimento dos seus grandes e abençoados deveres, que foram havidos como sendo Ele proprio, em reencarnação sucessivas e periodicas do seu divinizado amor. No Manavadharma, encontramos a lição de Cristo; na China encontramos Fo-Hi, Lao-Tsé, e Confúcio; nas crenças do Thibet, está a personalidade de Budha e no Pentateuco encontramos Moisés; no Alcorão vemos Mahobet. Cada raça recebeu os seus instructores, como se fôsse Ele mesmo, chegando das resplandecencias de sua gloria divina.

Todas elas, conhecedo intuitivamente a palavra das profecias, arquivaram a historia dos seus enviados, nos moldes de sua vinda futura, em virtude das lembranças latentes que guardavam no coração, acerca da sua palavra nos espaços, tocada de esclarecimento e de amor.

A unidade substancial das religiões.

A verdade é que todos os livros e tradições religiosas da antiguidade guardam, entre si, a mais estreita unidade substancial. As revelações evolucionam numa esfera gradativa de conhecimento. Todas se referem ao Deus impersonificavel, que é a essencia da vida de todo o universo e no tradicionalismo de todos palpita a visão

sublimada do Cristo, esperado em todos os pontos do globo.

Os varios povos do mundo traziam de longe as suas concepções e as suas esperanças, sem falarmos das grandes coletividades que floreciam na America do Sul, então quasi ligada á China pelas extensões da Lemuria, e da America do Norte que se ligava á Atlantida. Não é, porém, nosso proposito estudar aqui outras questões que se não refiram á superioridade do Cristo e á ascendencia do seu Evangelho, nestes apontamentos despretenciosos. Citando, porém, todos os povos antigos do planeta, somos compelido a recordar, igualmente, as grandes civilizações prehistoricas, que desabrocharam e desapareceram no continente americano, de cujos cataclismos e arrazamentos ficaram ainda as expressões interessantes dos Incas e dos Aztecas, que, como todos os outros agrupamentos do mundo, receberam a palavra indireta do Senhor, na sua marcha coletiva através de augustos caminhos.

As revelações gradativas.

Até á palavra simples e pura, do Cristo, a humanidade terrestre viveu etapas gradativas, de conhecimento e de possibilidades, na senda das revelações espirituais.

Os milenios, com as suas experiencias consecutivas e dolorosas, prepararam os caminhos d'Aquele que vinha não somente com a sua palavra, mas, principalmente, com a sua exemplificação salvadora. Cada emissario trouxe uma das modalidades da grande lição de que foi teatro a região humilde da Galiléia.

E' por esse motivo que numerosas coletividades asiaticas não conhecem a lição direta do Mestre, mas sabem do conteúdo da sua palavra, em virtude das proprias revelações do seu ambiente e, se a Boa-Nova não se dilatou no curso dos tempos, pelas estradas dos povos, é que os pretensos missionarios do Cristo, nos seculos posteriores

aos seus ensinios, não souberam cultivar a flor da vida e da verdade, do amor e da esperança, que os seus exemplos haviam implantado no mundo: — abafando-a nos templos de uma falsa religiosidade, ou encarecendo-a no silencio dos claustros, a planta maravilhosa do Evangelho foi sacrificada no seu desenvolvimento e contrariada nos seus mais lidimos objetivos.

A preparação do Cristianismo.

As lições da Palestina foram, desse modo, precedidas de uma longa e laboriosa preparação, na intimidade dos milenios.

Os sacerdotes de todas as grandes religiões do passado supuseram nos seus mestres e nos seus mais altos iniciados, a personalidade do Senhor, mas temos de convir que Jesus foi inconfundível.

A' luz significativa da historia, observamos muitas vezes nos seus auxiliares ou instrumentos humanos, os caracteristicos das vulgaridades terrestres. Alguns deles foram ditadores de consciencias, energicos e ferozes no sentido de manter e fomentar a sua fé; outros, traídos em suas forças e desprezando os compromissos sagrados para com o Salvador, longe de serem instrumentos do Divino Mestre, abusam da propria liberdade dando ouvidos ás forças subversivas da Treva, prejudicando a harmonia geral.

O Cristo inconfundível.

Mas Jesus assinala a sua passagem pela Terra com o sêlo constante da mais augusta caridade e do mais abnegado amor. Suas parabolias e advertencias estão impregnadas do perfume das verdades eternas e gloriosas. A manjedeira e o calvario são lições maravilhosas, cujas claridades iluminam os caminhos milenarios da humanidade inteira, e sobretudo os seus exemplos e atos cons-

tituem um roteiro de todas as grandiosas finalidades, no aperfeiçoamento da vida terrestre. Com esses elementos, fez uma revolução espiritual que permanece no globo ha dois milenios. Respeitando as leis do mundo com vistas á effigie de Cesar, ensinou as criaturas humanas a se elevarem para Deus, na dilatada comprehensão das mais santas verdades da vida. Remodelou todos os conceitos da vida social exemplificando a mais pura fraternidade. Cumprindo a Lei Antiga, encheu-lhe o organismo de tolerancia, de piedade e de amor, com as suas lições da praça publica, frente ás criaturas desregradas e infelizes, e sómente Ele ensinou o "Amai-vos uns aos outros", vivendo a situação de quem sabia cumprí-lo.

Os espiritos incapacitados de o comprehenderem, podem alegar que as suas fórmulas verbais eram antigas e conhecidas; mas ninguem poderá contestar que a sua exemplificação foi unica, até agora, na face da Terra.

A maioria dos missionarios religiosos da antiguidade se compunha de príncipes, de sabios ou de grandes iniciados, que saíam da intimidade confortavel dos palacios e dos templos; mas o Senhor da sementeira e da seára era a personificação de toda a sabedoria, de todo o amor, e o seu unico palacio era a tenda humilde de um carpinteiro, onde fazia questão de ensinar á posteridade que a verdadeira aristocracia deve ser a do trabalho, lançando a fórmula sagrada, definida pelo pensamento moderno, como o coletivismo das mãos, aliado ao individualismo dos corações — síntese social para a qual caminham as coletividades dos tempos que passam — e, que, desprezando todas as convenções e honrarias terrestres, preferiu não possuir uma pedra onde repousasse o pensamento dolorido, afim-de que aprendessem os seus irmãos a lição inesquecivel do "Caminho, da Verdade e da Vida".

X

A GRECIA E A MISSÃO DE SÓCRATES

Nas vésperas da maioridade terrestre.

Examinando a maioridade espiritual das criaturas humanas, enviou-lhes o Cristo, antes de sua vinda ao mundo, uma numerosa coórte de espiritos sabios e benevolentes, aptos a consolidar, de modo definitivo, essa maturação do pensamento terrestre.

As cidades populosas do globo enchem-se, então, de homens cultos e generosos, de filosofos e de artistas, que renovam para melhor todas as tendencias da humanidade.

Grandes mestres do cerebro e do coração, formam escolas numerosas na Grecia, que assumia a direção intellectual do orbe inteiro. A maioria desses pensadores, que eram os enviados do Cristo ás coletividades terrestres, trás do círculo retraido e isolado dos templos, os ensinamentos dos grandes iniciados para as praças públicas, pregando a verdade ás multidões.

Assim como a organização do homem fisico exigira as mais amplas experiencias da natureza, antes de se fixarem os seus caracteres biologicos definitivos, a lição de Jesus, que representa o roteiro seguro para a edificação do homem espiritual, deveria ser precedida pelas experiencias mais vastas no campo social.

E' por essa razão que observamos, nos cinco seculos anteriores á vinda do Cordeiro, uma aglomeração de inumeras escolas politicas, religiosas e filosoficas dos mais diversos matizes, em todos os ambientes do mundo.

Atenas e Esparta.

Muitas teorias científicas, que provocam o sensacionismo dos vossos dias, como inovações ultra-modernas, foram conhecidas da Grecia, em cujos mestres têm os seus legitimos fundamentos.

Em materia de doutrinas sociais, grandes experimentos foram realizados, divulgando-se a mais farta colheita de ensinamentos, e quando meditamos no conflito moderno entre os Estados totalitarios, fascistas ou comunistas e as republicas democraticas, devemos volver os olhos ao passado revendo Atenas e Esparta como dois simbolos politicos, que nos fazem pensar na plena atualidade da Grecia antiga.

Os espartanos, sob o regime atribuido a Licurgo, nome esse que constitue apenas uma representação simbolica dos generais da época, vivendo a existencia absoluta do Estado, não expressam a mesma fisionomia da Alemanha e da Russia atuais? A legislação de Esparta proibia o comercio, condenava a cultura, cerceando o gôsto pessoal em face das bagatelas encantadoras da vida e do sentimento, decretou medidas de isolamento maltratando os estrangeiros, instituiu a uniformidade dos vestuarios, incumbiu-se da educação das crianças através dos órgãos do Estado, mas não cultivava a parte intelectual, abalando todo o edificio sagrado da familia e criando, muitas vezes, o regime do roubo e da delação, em detrimento das mais nobres finalidades da vida.

Por essa razão, Esparta passou á historia como um simples povo de soldados, espalhando a destruição e os

flagelos da guerra, sem nenhuma significação construtiva para a humanidade.

Atenas, ao contrário, é o berço da verdadeira democracia. Povo que amou profundamente a liberdade, sua dedicação á cultura e ás artes iniciou as outras nações no culto da vida, da criação e da beleza. Seus legisladores, que, como Solon, eram filosofos e poetas, reformaram todos os sistemas sociais conhecidos até então, protegendo as classes pobres e desvalidas, estabelecendo uma linha harmonica entre todos os departamentos da sociedade, acolhendo os estrangeiros, protegendo o trabalho, fomentando o comercio, as industrias, a agricultura.

Lá começou o verdadeiro regime de consulta á vontade do povo, que decidia em assembléias numerosas, todos os problemas da cidade veneravel. E é bem facil reconhecer-se aí o início das democracias modernas, que agora se organizam nas transições do seculo XX, para a repressão de todas as doutrinas nefastas da força e da violencia.

Experiencias necessarias.

Semelhantes experiencias, no campo sociologico, foram incentivadas e acompanhadas de perto pelos prepos- tos de Jesus, respeitadas as grandes leis da liberdade individual e coletiva.

O mundo precisava conhecer a boa e má semente, nas grandes transformações da sua existencia. A exemplificação do Cristo necessitava de uma elevada compreensão no seio da cultura e da experiencia de todos os seculos transcorridos e, embora as lutas renovadoras que a antecederam, no orbe, ha dois milenios que o Evangelho do Mestre espera a floração do perfeito entendimento dos homens.

A Grecia.

Ao influxo do coração misericordioso do Cristo, toda a Grecia se povôa de artistas e pensadores eminentes, no quadro das filosofias e das ciencias. Aí vamos encontrar as escolas Italica e Eleatica, á frente do fervoroso idealismo de Pitágoras e Xenófanes, sem esquecermos, igualmente, as escolas Jônica e Atomística com Tales e Demócrito, nas expressões do mais avançado materialismo.

O seculo de Péricles, chegando a um apogeu de beleza e de cultura com os elevados principios recebidos da civilização egípcia, espalha os mais soberbos clarões espirituais nos horizontes da Terra. Poucas fases da evolução européa se aproximaram desse seculo maravilhoso.

O Salvador contempla, das Alturas, essa época de elevadas conquistas morais, cheio de amor e de esperança. O planeta terrestre aproximava-se da sua maioridade espiritual quando, então, poderia ele nutrir o coração humano com a sementeira bendita de sua palavra. Envia, então, ás sociedades do globo o esforço de auxiliares valorosos, nas figuras de Esquilo, Eurípedes, Heródoto e Tucídides, e por fim a extraordinária personalidade de Sócrates, no intuito de realizar o coroamento do esforço decidido de tantos mensageiros.

Sócrates.

E' por isso que de todas as grandes figuras daqueles tempos longinquo, somos compelidos a destacar a grandiosa figura de Sócrates, na Atenas antiga.

Superior a Anaxágoras, seu mestre, como tambem imperfeitamente interpretado pelos seus três discipulos mais famosos, o grande filósofo está aureolado pelas mais divinas claridades espirituais, no curso de todos os seculos planetarios. Sua existencia, em algumas circunstancias, aproxima-se da exemplificação, do proprie-

Cristo. Sua palavra confunde todos os espiritos mesquinhos da época e faz desabrochar florações novas de sentimento e cultura na alma sedenta da mocidade. Nas praças publicas, ensina á infancia e á juventude o formoso ideal da fraternidade e da prática do bem, lançando as sementes generosas da solidariedade dos pósteros.

Mas Atenas, como cerebro do mundo de então, apesar do seu vasto progresso, não consegue suportar a lição avançada do grande mensageiro de Jesus.

Sócrates é acusado de perverter os jovens atenienses, instilando-lhes o veneno da liberdade nos corações.

Preso e humilhado, seu espirito, generoso não se acovarda diante das provas rudes que lhe extravasam do cálice de amarguras. Conciente de sua missão, recusa-se a fugir do proprio carcere, cujas portas se lhe abrem ás ocultas pela generosidade de alguns juizes.

Os enviados do plano invisivel cercam-lhe o coração magnanimo e esclarecido, nas horas mais ásperas e agudas da provação, e quando Xântipa, sua esposa, vem ás grades da prisão, comunicar-lhe a nefanda condenação á morte pela cicuta, ei-la que exclama no auge da angustia e desesperação:

— “Sócrates, Sócrates, os juizes te condenaram á morte...”.

— “Que tem isso? — responde resignadamente o filosofo — “eles tambem estão condenados pela natureza”.

— “Mas essa condenação é injusta...” — soluça ainda a espôsa desconsolada.

E ele a esclarece com um olhar de paciencia e de carinho:

— “E querias que ela fôsse justa?”.

Senhor do seu valoroso e resignado heroismo, Sócrates abandona a Terra, alçando-se de novo aos páramos constelados, onde o aguardava a benção de Jesus.

Os discípulos.

O grande filósofo que ensinara á Grecia as mais belas virtudes, como precursor dos principios cristãos, deixou varios discipulos, dos quais se destacaram Antístenes, Xenófonte e Platão. Falaremos, apenas, deste ultimo, para esclarecer que nenhum deles soube assimilar perfeitamente a estrutura moral do mestre inesquecível. A historia louva os discursos de Platão, mas nem sempre compreendeu que ele misturou a filosofia pura do mestre com a ganga das paixões terrestres, enveredando algumas vezes por complicados caminhos politicos. Não soube, como tambem muitos dos seus companheiros, conservar-se ao nivel de alta superioridade espiritual, chegando mesmo a justificar o direito tiranico dos senhores sobre os escravos, sem uma visão ampla da fraternidade humana e da familia universal.

Contudo, não deixou de cultivar alguns dos principios cristãos legados pelo seu grande mentor, antecipando-se ao apostolado do Evangelho, antes de entregar a sua tarefa doutrinária a Aristóteles, que ia tambem trabalhar pelo advento do Cristianismo.

Provação coletiva da Grecia.

A condenação de Sócrates foi uma dessas causas transcendentales de dolorosas e amargas provações coletivas, para todos os espiritos que participaram delas, na medida justa das responsabilidades pessoais entre si.

E é em razão disso que, mais tarde, vemos o povo nobre e culto de Atenas fornecendo escravos valorosos e sabios aos espiritos agressivos e energicos de Roma. Eles iam nas galeras suntuosas, humilhados e oprimidos, sem embargo das suas elevadas noções da vida, do amor, da liberdade e da justiça.

E' verdade que iam instaurar um novo periodo de

progresso espiritual para as coletividades romanas, com os seus luminosos ensinamentos, mas o processo evolutivo poderia ladear outros caminhos, longe do morticínio e da escravidão. Todavia, sobre a frente de muitos gregos illustres, pairava o sanguinolento labéu daquela injusta condenação, labéu ignominioso que a Grecia deveria lavar com as lagrimas dolorosas da compunção e do cativo.

e, guiados indiretamente pelos mensageiros do Invisível, grande parte resolveu fixar-se na Roma do porvir, que, então, nada mais era que um agrupamento de cabanas humildes e desprotegidas.

Primórdios de Roma.

Defendida naturalmente pelo adensamento constante de sua população, a cidade mergulhou as suas origens numa corrente profunda de historias interessantes e maravilhosas, onde as figuras de Enéas, de Réa Silvia, de Romulo e Remo, tomaram papel saliente e singularissimo.

A verdade, porém, é que os Etruscos, em grande maioria, edificaram as primeiras organizações da cidade, fundando escolas de trabalho, transportando para aí as experiencias mais notaveis dos outros povos, criando uma nova terra com o seu esforço energico e decidido. Lá encontraram eles as tribus latinas Ramnenses, Titienses e Luceres, congregadas para a edificação comum e das quais assumiram a direção por largos anos, construindo os alicerces das realizações do futuro.

Quando Romulo chegou, seus olhos já contemplaram uma cidade próspera e trabalhadora, onde fez valer a sua energica inteligencia, mas não faltou á posteridade o gosto de tecer-lhe uma corôa lendaria e fantasiosa, chegando-se a afirmar que a sua figura fôra arrebatada no carro dos deuses com destino ao céu.

Influências decisivas.

Desnecessaria será a autópsia da historia, nos seus pontos mais divulgados e conhecidos, quando o nosso unico proposito é o de esclarecer o entendimento do leitor, quanto á direção do planeta, que se conserva, de fato, no mundo espiritual, de onde o Cristo vela inces-

XI

ROMA

O povo etrusco.

Reconhecendo as dedicações ao trabalho, por parte de todos os espiritos que se haviam localizado na Italia primitiva, então dividida em duas partes importantes, que eram a Gália Cisalpina e a Magna Grecia, ao norte e ao sul da península, os prepostos e auxiliares de Jesus projetam a fundação de Roma, que se ergueu rapidamente, coroada de lendas numerosas, para desempenhar tão grande papél na evolução do Mundo.

A esse tempo, o Vale do Pó era habitado pelos Etruscos, que se viam humilhados pelas constantes invasões dos Gauleses. De todos os elementos que formaram os ascendentes da Italia moderna, eram êles dos mais esforçados, operosos e inteligentes. Nas regiões da Toscana, possuíam largas industrias de metais, marinha notavel, destacado progresso no amanho da terra e, sobretudo, sentimentos evolvidos, que os faziam diferentes das colectividades mais proximas. Acréditavam na sobrevivencia e ofereciam sacrificios ás almas dos mortos, venerando os deuses, cujas disposições em cada dia, presumiam conhecer através dos fenomenos comuns da natureza. Atormentados e desgostosos em face das lutas reiteradas com os Gaulezes, os Etruscos decidiram tentar uma vida nova.

santemente pelo orbe e pelos seus destinos. Todavia, para fundamentarmos a nossa asserção acerca-das influencias etruscas, nos primordios de Roma, somos levados a recordar a figura de Tarquinio Prisco, filho da Etruria, que trouxe á cidade grandes reformas e inumeras inovações, em todos os departamentos da sua consolidação do seu progresso, lembrando, entre as suas muitas renovações, a construção da Cloaca Maxima e do Capitolio. Seu successor, Sérvio Tulio, era igualmente da sua familia. Esse, dividiu todo o povo da cidade em classes e centúrias, segundo as possibilidades financeiras de cada um, desgostando os patricios, a esse tempo já organizados, em virtude dessa reforma apresentar-se dentro de características liberais, não obstante as suas finalidades militares.

Onde, porém, mais se evidenciam as influencias etruscas nas organizações romanas, é justamente na alma popular, devotada aos genios, aos deuses e ás superstições de toda a natureza, que, aliás, seriam multiplicadas em seus contactos com a Grecia. Cada familia, como cada lar, possuia o seu genio invisivel e amigo, e, na sociedade alastravam-se as comunidades religiosas, culminando no Colegio dos Pontífices, cuja fundação remonta ao passado longinquo da cidade. Esse Colegio, foi depois substituido pelo Pontífice Maximo, chefe supremo das correntes religiosas, do qual os bispos romanos iam extrair, mais tarde, o Vaticano e o Papado dos tempos modernos.

Os romanos, ao contrário dos atenienses, não procuravam muitas indagações transcendententes em materia religiosa ou filosófica, atendendo somente aos problemas do culto externo, sem muitas argumentações com a logica, e foi por isso que, com a evolução da cidade, o Panteon, seu templo mais aristocratico, chegou a possuir mais de trinta mil deuses.

Os patricios e os plebeus.

Depois dos ultimos Tarquinios, que procuraram intensificar os poderes militares da realeza, proclama-se a república, que fica governada por dois magistrados patricios, assistidos pelo Senado. Grandes medidas são executadas para consolidar a supremacia romana, mas as classes pobres, oprimidas pelas mais ricas, que gozavam de todos os direitos, revoltaram-se em face da penosa situação em que as colocavam as possibilidades da ditadura preconizada pelos senadores, em casos especiais, com poderes soberanos e amplos em todas as questões da vida e da morte de cada um.

Inspirados pelas fôrças espirituais que os assistiam, os plebeus abandonaram, em massa, a cidade, retirando-se para o Monte-Sagrado, mas, os patricios examinando a gravidade daquela attitude extrema, lhes enviam Menenio Agripa, cuja palavra se desimecunbe com felicidade da diligencia que lhe fôra cometida, contando aos rebeldes o apólogo dos membros e do estomago, que constituem no mecanismo de sua harmonia, o perfeito organismo de um corpo. A plebe concorda em regressar para a cidade, embora impondo condições, quasi que irrestritamente aceitas. Os tribunos da plebe inauguram, então, um período de belas conquistas dos direitos humanos, culminando com a Lei Canuleia, que permitia o casamento entre patricios e plebeus e com a Lei Ogulnia, que conferia a estes ultimos as proprias funções sacerdotais.

A familia romana.

Muito poderíamos comentar, á margem da historia, mas outros são os nossos fins, considerando-nos no dever de salientar aqui as sagradas virtudes romanas, na instituição do colegio da familia, em muitas circunstancias,

superior ao da propria Grecia, cheia de sabedoria e de beleza.

A familia romana, em suas tradições gloriosas, está constituida no mais sublime respeito ás virtudes heroicas da mulher e na perfeita compreensão dos deveres do homem, ante os seus sucessores e os seus antepassados.

Lembrando-nos de Roma no seu aureo periodo de trabalho, enche-se-nos o olhar de lagrimas amargas... Que genio maldito imiscuiu-se nessa organização sublimada em seus mais intimos fundamentos, devorando-lhe as esperanças mais nobres, corrompendo-lhe os sentimentos, relaxando-lhe as energias? Que fôrça devastadora derrubou todas as suas estatuas gloriosas de virtude? Debalde, a mão misericordiosa de Jesus desceu sôbre a sua frente, levantando-a de quedas tenebrosas, antes de seus tristes espetaculos de arrasamento. Os abusos de poder e de liberdade dos seus habitantes fizeram do ninho do amor e do trabalho, um amontoado de ruínarias, afundado num mar de lodo sanguinolento.

As guerras e a maioridade terrestre.

Em breve, porém, a familia romana, cheia das tradições de generosa beleza, foi dilacerada pelos genios militares e pelos espiritos guerreiros.

O progresso incessante da cidade formava a tendencia geral ao expansionismo em todos os dominios.

Entretanto, os pródromos do Direito Romano e a organização da familia assinalavam o periodo da maioridade terrestre. O homem, com semelhantes conquistas, estava pronto a desferir o vôa para as mais altas esferas espirituais.

As legiões magnanimas do Cristo aprestam-se para as ultimas preparações de seus gloriosos caminhos na face do mundo. O Evangelho deveria chegar como a mensa-

gem eterna do amor, da luz e da verdade, para todos os sêres.

Todavia, a liberdade pessoal e coletiva é respeitada pelo plano invisivel e Roma não se mostra digna das numerosas dádivas recebidas. Em vez de estender os seus laços pela educação e pela concordia, deixa prender-se por uma legião de espiritos agressivos e ambiciosos, alargando a sua influencia pelo mundo com as balistas e catapultas dos seus guerreiros, Depois das conquistas da peninsula, empreende a conquista do mundo, com as guerras púnicas, terminando por submeter todo o Oriente, onde tambem se encontrava a Grecia exgotada e vencida.

Os enviados do Cristo harmonizam esses terriveis movimentos no instituto das provações necessarias aos individuos e aos seus agrupamentos; todavia, a realidade é que Roma assumia, igualmente, as mais pesadas responsabilidades e os mais penosos debitos, diante da justiça divina. Suas aguias vitoriosas cruzam, então, todos os mares; o Mediterraneo é uma propriedade sua e o Imperio Romano é o imperio do mundo, ouvindo-se a voz diretora de um só homem para quasi todas as regiões povoadas da Terra.

Nas vésperas do Senhor.

As fôrças do invisivel, porém, não descansaram. Muitas lagrimas foram vertidas, no Alto, em vista de tão nefastos acontecimentos.

O Cristo reúne as assembléias de seus emissarios. A Terra não podia perder a sua posição espiritual, depois das conquistas da sabedoria ateniense e da familia romana.

E' então que se movimentam as entidades angelicas do sistema, nas proximidades da Terra, adotando providencias de vasta e generosa importancia. A lição do Sal-

vador deveria, agora, resplandecer para os homens, controlando-lhes a liberdade com a exemplificação perfeita do amor. Todas as providencias são levadas a efeito. Escolhem-se os instrutores, os precusores imediatos, os auxiliares divinos. Uma atividade unica regista-se, então, nas esferas mais proximas do planeta e, quando reinava Augusto, na séde do governo do mundo, viu-se uma noite cheia de luzes e de estrelas maravilhosas. Harmonias divinas cantavam um hino de sublimadas esperanças no coração dos homens e da natureza. A majedreira é o teatro de todas as glorificações da luz e da humildade, e enquanto alvorecia uma nova-era para o globo terrestre, nunca mais se esqueceria o Natal, a "noite silenciosa, noite santa".

XII

A VINDA DE JESUS

A majedreira.

A majedreira assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.

Começava a éra definitiva da maioridade espiritual da humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.

Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenómenos mediúnicos que o precederam. As figuras de Simeão, de Ana, de Isabel, de João Batista, de José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido, muitas vezes, objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Bôa-Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalavel.

Cristo e os essenios.

Muitos seculos depois da sua exemplificação incompreendida, ha quem o veja entre os essenios, aprendendo

as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que, pela força das circunstâncias acercam-se mais das controversias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos, estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

O Mestre, porém, não obstante a elevada posição das escolas essénias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, dentro da superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.

Cumprimento das profecias de Israel.

Do seu divino apostolado nada nos compete dizer em acréscimo das tradições que a cultura evangélica apresentou em todos os séculos posteriores á sua vinda á Terra, reafirmando, todavia, que a sua lição de amor e de humildade foi única em todos os tempos da humanidade.

Deles, asseveraram os profetas de Israel, muito tempo antes da manjedoura e do Calvário: — “Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de oprobrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignominias, não merecerá consideração. E’ que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Presumireis na sua figura um homem vergando ao péso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chegas sanguinolentas e as suas feridas hão de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o péso das nossas iniquidades. Humilhado e ferido, não soltará o mais leve quei-

xume, deixando-se conduzir como um cordeiro ao sacrificio. O seu tumulto passará como o de um malvado e a sua morte como a de um impio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão de prosperar nas suas mãos”.

A grande lição.

Sim, o mundo era um imenso rebanho desgarrado. Cada povo fazia da religião uma nova fonte de vaidades, salientando-se que muitos cultos religiosos do Oriente caminhavam para o terreno franco da dissolução e da imoralidade; mas o Cristo vinha trazer ao mundo os fundamentos eternos da verdade e do amor. Sua palavra, mansa e generosa, reunia todos os infelizes e todos os pecadores. Escolheu os ambientes mais pobres e mais desataviados para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário feito dos areópagos, dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações, na praça pública, verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade, e na mesma estrada luminosa do amor. Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal, ensinando ás criaturas terrestres que existe algo superior ás patrias, ás bandeiras, ao sangue e ás leis humanas. Sua palavra profunda, energética e misericordiosa, refundiu todas as filosofias, clarificou o caminho das ciências e já teria irmanado todas as religiões da Terra, se a impiedade dos homens não fizesse valer o péso da iniquidade na balança da redenção.

A palavra divina.

Não nos compete fornecer uma nova interpretação das palavras eternas do Cristo, nos Evangelhos. Semelhante interpretação está feita por quasi todas as escolas religiosas do mundo, competindo apenas ás suas comunidades e aos seus adeptos a observação do ensino imortal, applicando-o a si proprios, no mecanismo da vida de relação, de modo que se verifique a renovação geral, na sublime exemplificação, porque, se a manjedoura e a cruz constituem lições inesqueciveis, muito mais devem representar, para nós outros, os exemplos do Divino Mestre no seu trato com as vicissitudes da vida terrestre.

De suas lições inesqueciveis, decorrem consequencias para todos os departamentos da existencia planetária, no sentido de se renovarem os institutos sociais e politicos da humanidade, com a transformação moral dos homens dentro de uma nova-era de justiça economica e de concordia universal.

Pode parecer que as conquistas do verdadeiro Cristianismo sejam ainda remotas, em face das doutrinas imperialistas da actualidade, mas é preciso reconhecer que dois mil anos já dobaram sobre a palavra divina. Dois mil anos em que os homens se estraçalharam em seu nome, inventando bandeiras de separatividade e destruição. Incendiaram e trucidaram, em nome dos seus ensinos de perdão e de amor, massacrando esperanças em todos os corações. Contudo, o seculo que passa deve assinalar uma transformação visceral nos departamentos da vida. A dor completará as obras generosas da verdade cristã, porque os homens repeliram o amor em suas cogitações de progresso.

Crepusculo de uma civilização.

Uma nuvem de fumo vem-se formando, ha muito tempo, nos horizontes da Terra cheia de industrias de morte e destruição. Todos os países são convocados a conferirem os valores da maturação espiritual da humanidade, verificada no orbe ha dois milenios. O progresso científico dos povos e as suas mais nobres e generosas conquistas são reclamados pelo banquete do morticínio e da ambição, e enquanto a política do mundo se sente manietada ante os dolorosos fenomenos do seculo, registam-se nos espaços novas actividades de trabalho, porque a direcção da Terra está nas mãos misericordiosas e augustas do Cordeiro.

O exemplo do Cristo.

Sem nos referirmos, porém, aos problemas da politica transitoria do mundo, lembremos, ainda, que a lição do Cristo ficou para sempre na Terra, como o tesouro de todos os infortunados e de todos os desvalidos. Sua palavra construiu a fé nas almas humanas, fazendo-lhes entrever os seus gloriosos destinos. Haja necessidade e tornaremos a ver a crença e a esperança reunindo-se em novas catacumbas romanas, para reerguerem o sentido cristão da civilização da humanidade.

E', muitas vezes, nos corações humildes e aflitos, que vamos encontrar a divina palavra cantando o hino maravilhoso dos bem-aventurados.

E, para fecharmos este capítulo, lembrando a influencia do Divino Mestre em todos os corações soffredores da Terra, recordemos o episodio do monge de Manilha. Acusado de tramar a liberdade de sua patria, contra o jugo dos espanhois, é condenado á morte e conduzido ao cadafalso.

No instante do supplicio, soluça desesperadamente, o

misero condenado: — “Como, Pois será possível que eu morra assim inocente? Onde está a justiça? Que fiz eu para merecer tão horrendo suplicio?”

Mas um companheiro corre ao seu encontro e murmura-lhe aos ouvidos: — “Jesus tambem era inocente!...”

Passa, então, pelos olhos da vítima, um clarão de misteriosa beleza. Secam-se as lagrimas e a serenidade lhe volta ao semblante macerado, e quando o carrasco lhe pede perdão, antes de apertar o parafuso sinistro, ei-lo que responde resignado: — “Meu filho, não só te perdôo como ainda te peço, cumpras o teu dever”.

XIII

O IMPERIO ROMANO E SEUS DESVIOS

Os desvios romanos.

Reportando-nos ainda ás conquistas romanas, antes da chegada do Senhor para as primeiras florações do Cristianismo, devemos lembrar o esforço despendido pelas entidades espirituais, junto das autoridades organizadoras e conservadoras da Republica, no sentido de orientar-se a atividade geral para um grande movimento de fraternidade e de união de todos os povos do planeta.

Os pensadores que hoje sonham a criação dos Estados-Unidos-do-Mundo, sem os movimentos odiosos das guerras fratricidas, podem sondar os designios do plano invisível naquela época. A Grecia havia perscrutado, na medida do possível, todos os problemas transcendentales da vida. Nas suas lutas expiatorias, transferira as suas experiencias e conhecimentos para a familia romana, então apta para as grandes tarefas do Estado. A’ força de educação e de amor, poderia esta última, unificar as bandeiras do orbe criando um novo roteiro á evolução coletiva e estabelecendo as linhas paralelas do progresso fisico e moral da humanidade terrestre. Todos os esforços foram dispendidos, nesse particular, pelos emissarios do plano invisível, e a prova desse grandioso projéto de trabalho unitario é que a obra do Imperio Romano foi das mais

primorosas, em materia educativa, com vistas á organização das nacionalidades modernas. O proprio instinto democratico da Inglaterra e da França, bem como as suas elevadas obras de socialização, ainda representam frutos da missão educativa do Imperio, no seio da Humanidade.

O caminho dos romanos ficou juncado de sementes e luzes do porvir.

A realidade, contudo é que, se os mensageiros do Cristo conseguiram a realização de muitos planos generosos, no seio da comunidade de então, não podiam interferir na liberdade isolada da grande maioria dos seus membros.

Os abusos da autoridade e do poder.

Em breve, os abusos da autoridade e do poder embriagavam a cidade valorosa. Toda a séde do govêrno parecia invadida por uma avalanche de fôrças perversoras das mais baixas esferas dos planos invisiveis.

A familia romana, cujo esplendor espiritual conseguiu atravessar todas as eras, iluminando os agrupamentos da atualidade, parecia atormentada pelos mais tenazes inimigos ocultos, que, aos poucos, lhe minaram as bases mais solidas, mergulhando-a na corrupção e no exterminio de si mesma, dada a ausencia de vigilancia de suas sentinelas mais avançadas. Um nevoeiro denso obscurecia todas as consciencias e a sociedade alegre e honesta, rica de sentimentos enobrecedores, foi teatro de crimes humilhantes, de tragedias lugubres e miserandos assassinatos. As classes afortunadas aproveitavam a plétora de poder, instalando-se no carro da opressão, que deixava atrás de si um rastro incendiado de revolta e de sangue. Os Gracchos, filhos da veneranda Cornelia, são quasi que os derradeiros traços de uma época caracte-

rizada pela administração energica, mas equânime, cheia de honestidade, de sabedoria e de justiça.

Os chefes de Roma.

Depois de Caio, que foi assassinado no Aventino, embora se fizesse constar tratar-se de um suicidio, instala-se definitivamente um regime de quasi completa dissolução das grandes conquistas morais realizadas.

Sobe Mario ao poder, depois de suas vitorias contra Jugurta e contra os Germanos, que haviam, por sua vez, invadido o territorio das Gallias. Mas, os antagonismos sociais levam Sila ao poder, travando-se lutas sangui-nolentas, como vésperas escuras de sangrentas derrocadas. Em seguida, surgem Pompeu e a revolução de Catilina, muito conseguindo a prudencia de Cícero, em favor da segurança da cidade. Verifica-se, logo após, o primeiro triunvirato com a politica maneirosa de Caio Julio Cesar, que se alia a Pompeu e Crasso para as supremas obrigações do govêrno.

As citações historicas, todavia, desviariam os objetivos do nosso esfôrço. Nossa intenção é mostrar que o determinismo do mundo espiritual era o do amor, da solidariedade e do bem, mas os proprios homens, na esfera relativa de suas liberdades, modificaram esse determinismo superior, no curso incessante da civilização.

Os generais romanos podiam conquistar a ferro e fogo, desviando-se dos objetivos mais sagrados dos seus deveres e obrigações, levando aos outros povos, pela fôrça das armas, os liames que somente deveriam conduzir com a sua cultura e com a sua experiencia da vida; mas seus atos deram causa aos mais amargos frutos de provação e sofrimento para a humanidade terrestre, e é por isso que em sua quasi totalidade, entraram no plano espiritual seguidos de perto pelas suas vítimas numerosas, entre as vozes desesperadas das mais acerbadas acusações.

Muitos deles, decorridos decenios infindáveis de martírios expiatorios, podiam ser vistos sem as suas armaduras elegantes, arrastando-se como vermes ao longo das margens do Tibre, ou estendendo as mãos asquerosas, como mendigos detestados do Esquilino.

O seculo de Augusto.

Terminados os triunviratos, eis que ia cumprir-se a missão do Cristo, depois de instalados os primeiros Cesares no Imperio Romano.

A aproximação e a presença consoladora do Divino Mestre, no mundo, era motivo para que todos os corações experimentassem uma vida nova, ainda que ignorassem a fonte divina daquelas vibrações confortadoras. Em vista disso, o reinado de Augusto decorreu em grande tranquilidade para Roma e para o resto das sociedades organizadas, do planeta. Realizam-se gigantescos esforços edificadores ou reconstrutivos. Belos monumentos são erigidos. O espirito artistico e filantropico de Atenas revive na pessoa de Mecenas, confidente do Imperador, cuja generosidade dispensa a mais carinhosa atenção ás inteligencias estudiosas e superiores da época, quais Horacio e Virgilio, que assinalam, junto de outras nobres expressões intellectuais do tempo, a passagem do chamado "seculo de Augusto", com as suas obras numerosas.

Transição de uma época.

Depois de Augusto, aparece á barra da historia, a personalidade disfarçada e cruel de Tiberio, seu filho adotivo, que vê terminar a era de paz, de trabalho e concordia, com o regresso do Cordeiro ás regiões sublimadas da Luz.

E' nesse reinado que a Judéia leva a efeito a tra-

gedia do Gólgota, realizando sinistramente as mais remotas profecias.

Não obstante o seu compassivo e desvelado amor, o Divino Mestre é submetido aos martírios da cruz, sob a imposição do judaismo, que lhe não compreendeu o amor e a humildade. Roma colabora no doloroso acontecimento com a indiferença fria de Poncio Pilatos, retornando aos seus festins e aos seus prazeres, como se desconhecesse as finalidades mais nobres da vida.

Seguindo a mesma estrada escura de Tiberio, Calígula inaugura um periodo longo de sombras, de massacres de incendios, de devastação e de sangue.

Provações coletivas dos judeus e dos romanos.

Os seguidores humildes do Nazareno iniciam, nas regiões da Palestina as suas predicções e ensinamentos. Raros apóstolos sabiam da missão sublimada, daquela doutrina sacrossanta, que mandava fazer o bem pelo mal e institua o perdão aos proprios inimigos. De perto, seguem-lhes a atividade os emissarios solícitos do Senhor, preparando os caminhos da revolução ideologica do Evangelho. Esses mensageiros do Alto iniciam, igualmente e de modo indirecto, o esforço de auxílio ao Imperio nas suas dolorosas provações coletivas.

Um perfeito trabalho de selecção se verifica no ambiente espiritual das coletividades romanas. Chovem inspirações do Alto preludiando as dores de Jerusalem e as amarguras da cidade imperial. Vaticinios sinistros pesam sobre todos os espiritos rebeldes e culpados, e a verdade é que, depois do cêreo de Jerusalém, quando Tito destruiu a cidade, aniquilando-lhe o templo famoso e dispersando para sempre os israelitas, viu o orgulhoso vencedor mudar-se o curso das dores para a sociedade do Imperio, atormentada pelas tempestades de fogo e cinza que arrasaram Stabia, Herculanium e Pompéia,

destruindo milhares de vidas florescentes e desequilibrando a existencia romana para sempre.

Fim da vaidade humana.

O Imperio Romano, que poderia ter levado a efeito a fundação de um unico Estado na face do mundo, em virtude da maravilhosa unidade a que chegou e mercê do esforço e da proteção do Alto, desapareceu num mar de ruínarias, depois de suas guerras, de seus desvios, de seus circos cheios de feras e gladiadores.

Seu imenso organismo apodreceu nas chagas que lhe abriram a incuria e a impiedade dos proprios filhos e, quando não foi mais possivel o paliativo da misericordia dos espiritos abnegados e compassivos, dada a galvanização dos sentimentos gerais na mesa larga dos excessos e dos prazeres terrestres, a dor foi chamada a restabelecer o fundamento da verdade nas almas.

Da orgulhosa cidade dos imperadores não restou senão pedras sobre pedras. Sob o látigo da expiação e do sofrimento, os espiritos culpados trocaram a sua indumentaria para a evolução e para o resgate no cenario infinito da vida, e enquanto muitos deles ainda choram nos padecimentos redentores, gemem, sôbre as ruinas do Coliseu de Vespasiano, os ventos tristes e lamentosos da noite.

XIV

A EDIFICAÇÃO CRISTÃ

Os primeiros cristãos.

Atingindo um periodo de nova compreensão, a respeito dos mais graves problemas da vida, a sociedade da época sentia de perto a insuficiencia das escolas filosoficas conhecidas, no proposito de solucionar as suas grandes questões. A idéia de uma justiça mais perfeita para as classes oprimidas tornara-se um assunto obsidente para as massas anónimas e sofredoras.

Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir a sua misericordiosa exortação: — “Vinde a mim, vós todos os que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei” — e da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida.

A recordação dos exemplos do Mestre não se restringia ás coletividades da Judéia, que lhe ouviram diretamente os ensinamentos imorredouros. Numerosos centuriões e cidadãos romanos conheceram pessoalmente os fatos culminantes das pregações do Salvador. Em toda a Asia-Menor, na Grecia, na Africa e mesmo nas Galias, como em Roma, falava-se Dele, da sua filosofia nova que abraçava todos os infelizes, cheia das claridades sacros-

santas do reino de Deus e da sua justiça. Sua doutrina de perdão e de amor trazia uma nova luz aos corações e os seus seguidores destacavam-se do ambiente corrupto do tempo, pela pureza de costumes e por uma conduta retilínea e exemplar.

A princípio, as autoridades do Imperio não ligaram maior importancia á doutrina nascente, mas, seus apóstolos ensinavam que, com Jesus Cristo, não mais poderia haver diferença entre os livres e os escravos, entre patricios e plebeus, porque todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus. O patriciado não podia acompanhar com bons olhos semelhantes doutrinas. Os cristãos foram acusados de feiticeiros e hereticos, iniciando-se o martirio, com os primeiros éditos de proscricção. O Estado não permitia outras associações independentes, que não aquelas consideradas como cooperativas funerarias e, aproveitando essa exceção, os seguidores do Crucificado começaram os famosos movimentos das catacumbas.

A propagação do Cristianismo.

Na Judéia cresce, então, o número dos prosélitos da nova crença. O hino de esperanças da manjedoura e do calvario espalha nas almas um suave e eterno perfume. E' assim que os Apóstolos, cuja tarefa o Cristo abençoara com a sua misericórdia, conduzem as claridades da Boa-Nova por toda a parte, repartindo o pão milagroso da fé, com todos os famintos do coração.

A doutrina do Crucificado propaga-se com a rapidez de um relampago.

Fala-se dela, tanto em Roma como nas Galias e no norte da Africa. Surgem os advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as suas idéias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de cada Apostolo ou de cada discípulo mais destacado e estudioso.

A centralização e a unidade do Imperio Romano facilitaram o deslocamento dos novos missionarios, que podiam levar a sua palavra de fé ao mais obscuro recanto do globo, sem as exigencias e obstaculos das fronteiras.

Doutrina alguma alcançara no mundo semelhante posição, em face da preferencia das massas. E' que o Divino-Mestre selara com os exemplos as palavras de suas lições imorredouras.

Maior revolucionario de todas as épocas, não empunhou uma arma, além daquelas que significam amor e tolerancia, educação e aclaramento. Condenou todas as hipocrisias, insurgiu-se contra todas as violencias oficializadas, ensinando simultaneamente aos seus discipulos o amor indestrutivel á ordem, ao trabalho e á paz construtiva. E' por essa razão que os Evangelhos consttuem o livro da humanidade, por excelencia. Sua simplicidade e singeleza transparecem na tradução de todas as linguas da Terra, prendendo a alma dos homens entre as luzes do céu, ao encanto suave de suas narrativas.

A redação dos textos definitivos.

Nesse tempo, quando a guerra formidavel da crítica procurava atacar o edificio imortal da nova doutrina, os mensageiros do Cristo presidem á redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não sómente junto aos apóstolos e seus discipulos, mas igualmente junto dos nucleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinario para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender.

Muitas escolas literarias formaram-se nos ultimos seculos, dentro da crítica historica, para o estudo e elucidação desses documentos. A palavra "apócrifo" generalizou-se como o espantallo de todo o mundo. Historias

numerosas foram escritas. Hipóteses incontáveis foram aventadas, mas os sábios materialistas, no estudo das idéias religiosas não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam em sua maioria, na exposição dos principios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo.

A grandeza da doutrina não reside na circunstancia do Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e seduzindo os corações. Não ha vantagem nas longas discussões quanto á autenticidade de uma carta de Inacio de Antióquia ou de Paulo de Tarso, quando o racionalismo absoluto não possui elementos para a prova concludente e necessaria. A opinião geral rodopiará em tórno do crítico mais eminente, segundo as convenções. Todavia, a autoridade literaria não poderá apresentar a equação mathematica do assunto. E' que, portas a dentro do coração, só a essencia deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar á frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos.

A missão de Paulo.

No trabalho de redação dos Evangelhos, que constituem, sem dúvida, o portentoso alicerce do Cristianismo, verificavam-se, nessa época, algumas dificuldades para que se lhes dêsse o preciso carater universalista.

Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos, mas se esses pescadores valorosos eram elevados espiritos em missão, precisamos considerar que eles estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influencias do meio a que foram conduzidos. Tão logo se verificou o regresso do Cordeiro ás regiões da Luz, a co-

munidade cristã, de modo geral, começou a sofrer a influencia do judaismo e quasi todos os nucleos organizados da doutrina pretenderam guardar uma feição aristocratica, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.

E' então que Jesus resolve chamar o espirito luminoso e energico de Paulo de Tarso ao exercicio de seu ministerio. Essa deliberação foi um acontecimento dos mais significativos na historia do Cristianismo. As ações e as epistolas de Paulo tornam-se um poderoso elemento de universalização da nova doutrina. De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu enorme prestigio, fala do Mestre inflamando todos os corações. A princípio, estabelece-se entre ele e os demais Apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas sua influencia providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificavel dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesqueciveis de simplicidade e de pureza.

O Apocalípse de João.

Alguns anos antes de terminar o primeiro seculo, após o advento da nova doutrina, já as fôrças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir.

Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisivel, senão um fóco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesuvio de paixões e de esgotamentos.

O Divino Mestre chama aos Espaços o Espirito de João, que ainda se encontrava prêso nos liames da Terra

e o Apóstolo, atonito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Pátmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores á existencia de João estão ali previstos. E' verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pode copiar fiélmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a historia da humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece á visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.

Identificação da besta apocalíptica.

Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfemias por 42 meses (XIII — 6 e 7), acrescentando que o seu número era o 666. Examinando-se a importancia dos símbolos naquela época, e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias; obtendo, desse modo, um periodo de 1260 anos comuns, justamente o periodo compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Phocas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadencia e a ausencia de autoridade do Vaticano, em

face da evolução científica, filosofica e religiosa da humanidade.

Quanto ao numero 666, sem nos referirmos ás interpretações com os numeros gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo Pontifice da igreja romana quem usa os titulos de "VICARIUS GENERALIS DEI IN TERRIS", "VICARIUS FILII DEI" e "DVX CLERI" que significam "Vigario Geral de Deus na Terra", "Vigario do Filho de Deus" e "Principe do Clero". Bastará ao estudioso um pequeno jôgo de paciencia, somando os algarismos romanos encontrados em cada titulo papal, afim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.

Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem uma singular importancia para os destinos da humanidade terrestre.

O roteiro de luz e de amor.

Mas, voltemos aos nossos propositos, cumprindo-nos reconhecer nos Evangelhos uma luz maravilhosa e divina, que o escoar incessante dos seculos só tem podido avivar e reacender. E' que eles guardam a súpula de todos os compendios de paz e de verdade para a vida dos homens, constituindo o roteiro de luz e de amor, através do qual todas as almas podem ascender ás luminosas montanhas da sabedoria dos céus.

XV

A EVOLUÇÃO DO CRISTIANISMO

Penosos compromissos romanos.

Debalde tentaram as forças espirituais o aproveitamento dos romanos na direção suprema do mundo. Todos os recursos possíveis foram prodigalizados inutilmente á cidade imperial. A canalização de consideráveis riquezas materiais, possibilitando a consolidação de um Estado unico no planeta, não fôra esquecida, ao lado de todas as providencias que se faziam necessarias, do ponto de vista moral. Em vão, transplantara-se para Roma a extraordinaria sabedoria ateniense e a colaboração de todas as experiencias dos povos conquistados.

Os espiritos encarnados não conseguiram a eliminação dos laços odiosos da vaidade e da ambição, sentindo-se traídos em suas energias mais profundas, contraindo debitos penosos, perante os tribunais da justiça divina.

A vinda do Cristo ao Cenaculo obscuro do planeta, trazendo a mensagem luminosa da verdade e do amor, assinalara o periodo da maioridade espiritual da humanidade. Essa maioridade implicava direitos que, por sua vez, se fariam acompanhar do agravo de deveres e responsabilidades, para a solução de grandes problemas educativos do coração. Se ao homem fisico rasgavam-se os

mais amplos horizontes nos dominios do progresso material, os Evangelhos vinham trazer ao homem espiritual um roteiro de novas atividades, educando-o convenientemente para as suas arrojadas conquistas de ciencia e de liberdade, com vistas ao porvir. O aproveitamento desse processo educativo deveria ser levado a efeito pela capital do mundo, de acordo com os designios do plano espiritual. Pesadas fôrças da Treva, porém, aliaram-se ás mais fortes tendencias do homem terrestre, constantemente inclinado aos liames do mal que o prendiam á Terra, adstrito aos mais grosseiros instintos de conservação, e, enquanto os Espiritos abnegados, do Alto choram sobre os abusos de liberdade dos romanos, a cidade dos césaes embriaga-se cada vez mais no vinho do odio e da ambição, contraíndo dívidas penosas, entrelaçando os seus sentimentos com o odio dos vencidos e dos humilhados, criando negras perspectivas para o longinquo porvir.

Culpas e resgates dolorosos do homem espiritual.

Ao coração misericordioso de Jesus chegam as preces dolorosas de todos os operarios da sua bendita sementeira. Seu olhar percuciante, todavia, penetrara o amago das almas e não fôra em vão que recomendara o crescimento do trigo e do joio nas mesmas leiras, somente a Ele competindo a separação na época da ceifa.

A limitada liberdade de ação dos individuos e das coletividades é integralmente respeitada. Cada qual é responsavel pelos seus atos, recebendo de conformidade com as suas obras.

Foi por isso que Roma teve oportunidade de realizar os seus propositos e designios politicos; mas a Justiça Divina acompanhou-lhe todos os passos, nos enormes desvios a que se conduziu, comprometendo para sempre o futuro do homem espiritual, que somente agora conhecerá um reajustamento nas amargurosas transições do

seculo que passa. Um laço pesado e tenebroso reuniu a cidade conquistadora aos povos que humilhara. O odio do verdugo e dos seus inimigos fundiu-se em seculos de provações e de lutas expiatorias, para demonstrar que Jesus é o fundamento da Verdade e só o amor é a sagrada finalidade da vida. Foi por essa razão que o conquistador e os conquistados, unidos pelo odio como cactas algemados um ao outro nas galés da amargura, compareceram periodicamente nos espaços, ante a misericórdia suprema do Filho de Deus, prometendo a reparação e o resgate reciprocos, nos seculos do porvir, fundando a civilização occidental, como abençoada officina dos seus novos trabalhos, no esforço da fraternidade e da regeneração.

A bondade do Mestre fez florescer cidades valorosas e progressistas, países cultos e fartos, onde as almas decaídas encontrassem todos os elementos de edificação e aprimoramento. O homem fisico continuou a linha ascensional de sua evolução nas conquistas e descobrimentos, mas o homem transcendente, a personalidade imortal, teria saído do oceano de lodo onde se mergulhou, voluntariamente, ha dois milenios?

Respondam por nós as angustiosas expectativas da hora presente.

Os mártires.

Antes do movimento de propagação das idéias cristãs no seio da sociedade romana, já os prepostos de Jesus se preparavam para auxiliar os missionarios da nova fé, conhecendo a reação dos patricios, em face dos postulados de fraternidade da nova doutrina.

As classes mais afortunadas não podiam tolerar semelhantes princípios de igualdade, quais os que preconizavam as lições do Nazareno, considerados como postulados de covardia moral, incompativeis com a orgulhosa filosofia do imperio, e é assim que vemos os cris-

tãos sofrendo os martirios da primeira perseguição, iniciada no reinado de Nero, de tão dolorosas quão terriveis lembranças. Nenhum instrumento de suplício foi esquecido na experimentação da fé e da constancia daquelas almas resignadas e heroicas. O agoite, a cruz, o cavalete, as unhas de ferro, o fogo, os leões do circo, tudo foi lembrado para maior eficiencia da perseguição aos seguidores do Carpinteiro de Nazaré. Pedro e Paulo entregam a vida na palma dos martirios santificadores e de Nero a Deocleciano uma nuvem pesada de sangue e de lagrimas envolve a alma cristã, cheia de confiança na Providencia Divina. O proprio Marco Aurelio, cuja elevada estatura espiritual recebera do Alto a missão de paralisar semelhantes desatinos, não conseguiu deter a corrente de forças trevosas, mas o sangue dos cristãos era a seiva da vida lançada ás divinas sementes do Cordeiro, e os seus sacrificios foram bem os reflexos da amorosa vibração do ensinamento do Cristo, atravessando os seculos da Terra para ser compreendido e praticado nos milenios do porvir.

Os apologistas.

A doutrina cristã, todavia, encontrara nas perseguições os seus melhores recursos de propaganda e de expansão.

Seus principios generosos encontravam guarida em todos os corações, seduzindo a consciencia de todos os estudiosos de alma livre e sincera. Observa-se a sua influencia no segundo seculo, em quasi todos os departamentos da atividade intelectual, com largos reflexos na legislação e nos costumes. Tertuliano apresenta a sua apologia do Cristianismo, provocando admiração e respeito gerais. Clemente de Alexandria e Origenes surgem com a sua palavra autorizada defendendo a filosofia cristã, e, com eles, levanta-se um verdadeiro exército de

vozes que advogam a causa da verdade e da justiça, da redenção e do amor.

O jejum e a oração.

Os cristãos, contudo, não tiveram de início uma visão do campo de trabalho que se lhes apresentava. Não atinaram que, se o jejum e a oração constituem uma grande virtude na soledade, mais elevada virtude representam quando levados a efeito no torvelinho das paixões desenfreadas, nas lutas regeneradoras, afim de aproveitar aos que os contemplan. Não compreenderam imediatamente que esses preceitos evangelicos, acima de tudo significam sacrificio pelo proximo, perseverança no esforço redentor, serenidade no trabalho ativo, que corrige e edifica simultaneamente. Retirando-se para a vida monastica povoaram os desertos, na suposição de que se redimiriam mais rapidamente para o Cordeiro.

Uma ansia de fugir das cidades populosas fazia então vibrar todos os crentes, originando-se os erros da idade medieval, quando o homem supunha encontrar nos conventos as ante-camaras do céu.

O Oriente, com os seus desertos numerosos e os seus lugares sagrados, afigura-se o caminho de todos os que desejam fugir dos antros das paixões. Só a grande montanha de Nitria chegou a possuir trinta mil anacoretas, exilados do mundo e dos seus prazeres desastrosos. Entretanto, examinando essa decisão desaconselhavel dos primeiros tempos, somos levados a recordar que os cristãos se haviam esquecido de que Jesus não desejava a morte do pecador.

Constantino.

As fôrças espirituais que acompanhavam e acompanham todos os movimentos do orbe, sob a égide de

Jesus, procuram dispôr os alicerces de novos acontecimentos, que devem preparar a sociedade romana para o resgate e para a provação.

A invasão dos povos considerados barbaros é então entrevista.

Uma forte anarquia militar dificulta a solução dos problemas de ordem coletiva, elevando e abatendo imperadores de um dia para outro. Sentindo a aproximação de grandes sucessos e antevendo a impossibilidade de manter a unidade imperial, Deocleciano organiza a Tetrarquia, ou governo de quatro soberanos, com quatro grandes capitais.

Retirando-se para Salona, exausto da tarefa governativa, ocorre a rebelião militar que aclama Augusto a Constantino, filho de Constantino Cloro, contrariando as disposições dos dois Cesares, sucessores de Deocleciano e Maximiano. A luta se estabelece e Constantino vence Maxencio ás portas de Roma, penetrando a cidade vitorioso, para ser recebido em triunfo. Junto dele, o Cristianismo ascende á tarefa do Estado, com o Edito de Milão.

O Papado.

Desde a décima perseguição que o Cristianismo era considerado em Roma como uma doutrina morta, mas os prepostos do Mestre não descansavam, com o nobre fim de fazer valer os seus generosos principios. A fatalidade historica reclamava a sua colaboração nos gabinetes da politica do mundo e, ainda uma vez, a indigencia dos homens não compreendeu a dádiva do plano espiritual porque, logo depois da vitoria, os bispos romanos solicitavam prerrogativas injustas sôbre os seus humildes companheiros do episcopado. O mesmo espirito de ambição e de imperialismo, que de longo tempo trabalhava o organismo do imperio, dominou igualmente a igreja de Roma, que se arvorou em chefe e censor de todas as demais do

planeta. Cooperando com o Estado, faz sentir a fôrça das suas determinações arbitrárias. Trezentos anos lutaram os mensageiros do Cristo, procurando ampará-la no caminho do amor e da humildade, até que a deixaram enveredar pelas estradas da sombra para o esforço de salvação e da experiencia, e tão logo a abandonaram ao penoso trabalho de aperfeiçoar a si mesma, eis que o imperador Phocas favorece a criação do Papado, no ano de 607. A decisão imperial faculta aos bispos de Roma prerrogativas e direitos jamais justificados. Entronizam-se, mais uma vez, o orgulho e a ambição da cidade dos cézares. Em 610, Phocas é chamado ao mundo dos invisíveis, deixando no orbe a consolidação do Papado. Dessa data em diante, ia começar um periodo de 1260 anos de amargura e violencias para a civilização que se fundava.

XVI

A IGREJA E A INVASÃO DOS BARBAROS

Vitorias do Cristianismo.

Constantino, no seu caminho de realizações, consegue levar a efeito a nova organização administrativa do Imperio, começada no govêrno de Deoceciano dividindo-se este em quatro Prefeituras que foram as do Oriente, da Iliria, da Italia e das Galias, que, por sua vez, eram divididas em dioceses dirigidas por vigarios e prefeitos.

Com a influencia do vencedor da Ponte Milvia, effectúa-se o Concilio Ecumenico de Nicéia para combater o chisma de Ario, padre de Alexandria, que negara a divindade do Cristo. Os primeiros dogmas catolicos saem, com fôrça de lei, desse parlamento ecclesiastico de 325.

Findo o reinado de Constantino, aparecem os seus filhos, que lhe não seguem as tradições. Em seguida Juliano, descendente tambem do imperador, eleva-se ao poder tentando restaurar os deuses antigos, em detrimento da doutrina cristã, embora comprehendesse a inefficacia do seu tentamen.

Mas, por volta de 381, surge a figura de Teodosio que declara o cristianismo religião official do Estado, decretando, simultaneamente, a extinção dos derradeiros traços do politeismo romano. E' então que todos os povos reconhecem a grande fôrça moral da doutrina do Cruci-

ficado, pelo advento da qual, milhares de homens haviam dado a propria vida no campo do martirio e do sacrificio, vendo o imperador, em 390, ajoelhar-se humildemente aos pés de Ambrosio, bispo de Milão, a penitenciar-se das crueldades com que reprimira a revolta dos tessalonicences.

Primórdios do catolicismo.

O Cristianismo, porém, já não aparecia com aquela mesma humildade dos outros tempos. Suas cruzes e seus calices deixavam entrever a cooperação do ouro e das pedrarias, longe das expressões de madeira pobre, da época gloriosa das virtudes apostolicas.

Seus concilios como os de Nicéia, Constantinopla, Efeso e Calcedonia, não eram assembléias que imitassem as reuniões suaves e humildes da Galiléia. Sua união com o Estado era motivo para grandes espetaculos de riqueza e vaidade orgulhosa, em contraposição com os ensinamentos Daquelle que não possuía uma pedra para repousar a cabeça dolorida.

As autoridades ecclesiasticas compreendem que é preciso fanatizar o povo, impondo-lhe suas idéias e suas concepções, e longe de educar a alma das massas na doce lição do Nazareno, entram em acôrdo com a sua preferéncia pelas solenidades exteriores, pelo culto facil do mundo externo, tão do gôsto dos antigos romanos, pouco inclinados ás indagações transcendentales.

A igreja de Roma.

A igreja de Roma que, antes da criação official do Papado considerava-se a eleita de Jesus, arvorando-se em detentora das ordenações de Pedro, não perdia ensejo para firmar a sua injustificavel primazia junto ás suas congéneres de Antióquia, de Alexandria e dos de-

mais grandes centros de então: herdando os costumes romanos e suas disposições multi-seculares, procurou um acôrdo com as doutrinas consideradas pagãs pela posteridade, modificando as tradições puramente cristãs, adaptando textos, improvisando novidades injustificaveis e organizando, finalmente, o catolicismo sôbre os escombros da doutrina deturpada. Os bispos de Roma, abusando do facil entendimento com as autoridades politicas do Estado, impunham as suas inovações arbitrárias, contrariando as sublimes finalidades do ensinamento Daquelle que preconizara a humildade e o amor, como os grandes caminhos da redenção.

E' desse modo que aparecem novos dogmas, novas modalidades doutrinarias, o culto dos idolos nas igrejas, as espetaculosas festas do culto externo, copiando-se quasi todos os costumes da Roma anti-cristã.

A destruição do Imperio.

A fraqueza e a impenitencia dos homens não compreenderam que o Cristianismo fôra chamado á tarefa do govêrno tão somente para educar o sentimento dos governantes, preparando-os para levar o esclarecimento e a fraternidade aos outros povos da Terra, então considerados como barbaros, pela cultura do Imperio.

Não obstante todos os esforços em contrário, dos mensageiros de Jesus, Bonifacio III cria o Papado em 607, contrapondo-se a todas as disposições de humildade que deveriam reger a vida da igreja. As fôrças do mal, aliadas á incuria e a vaidade dos homens, haviam obtido um triunfo relativo e transitorio.

Os genios do Espaço, todavia, á claridade soberana da misericórdia do Senhor, reúnem-se no Infinito, adotando providencias novas com respeito ao progresso dos homens.

Todos os recursos haviam sido prodigalizados á Ro-

ma, afim de que as suas expressões politicas e intellectuais se estendessem pelo orbe, abraçando todas as gentes no mesmo amplexo de amor e de unidade; sua alma coletiva, no entanto, havia deturpado todas as possibilidades sagradas de edificação e renegado todos os grandes ensinamentos. Advertencias penosas não lhe faltaram do Alto, como nos acontecimentos inesqueciveis e dolorosos do Vesuvio, nas cidades da Campania. Seculos de luta e de ensinamento se haviam escoado, sem que a alma do imperio se compenetrasse dos seus deveres necessarios.

E' então que Jesus determina a destruição do imperio organizado e poderoso. Suas aguias orgulhosas haviam singrado todos os mares, o Mediterraneo era uma propriedade sua, todos os povos se lhe curvavam para a homenagem e para a obediencia, mas uma fôrça invisivel arrançou-lhe todos os diademas, roubou-lhe as energias e reduziu suas glorias a um punhado de cinzas.

Até hoje, o espirito que investiga o passado, inquire o motivo desses sinistros arrazamentos, mas a verdade é que todos os fundamentos da Terra residem em Jesus Cristo.

A invasão dos barbaros.

Essas determinações do Cristo, verificadas após o reinado de Constantino, foram seguidas das primeiras grandes invasões com os Visigodos que fugiam dos Hunos, transpando o Danubio e estabelecendo-se no Oriente, penetrando depois na Grecia e na Italia, espalhando flagelos e devastações. Debalde, surgem as vitorias de Stilicão, porque em 410, atingem elas as portas de Roma, que fica entregue ao saque e ás mais duras humilhações.

Em 405, é Radagasio que parte á frente de duzentos mil soldados, em demanda da cidade imperial, sendo vencido, porém, roubando as mais fortes economias romanas.

As provas expiatorias do imperio prosseguem numa avalanche de dores amargas. Aparecem as correntes bár-

baras dos Alanos, dos Vandalos, dos Suevos, dos Burgundios. Em 450, os Hunos comandados por Atila atacam as Gálias, perseguindo populações pacificas e indefesas. A unidade imperial perde a sua tradição, para sempre. Com as suas vitorias, funda Clovis a monarchia dos Francos. Os Bretões, oprimidos pela invasão e privados do auxilio dos exercitos romanos, apelam para os Saxonios que povoavam o sul da Jutlandia, organizando a Heptarquia Anglo-Saxonia.

O que Roma deveria fazer com a educação e o amparo perseverantes, aqueles povos rudes e fortes vinham reclamar por si mesmos.

A grande cidade dos cesares poderia ter evitado a catástrofe do desmembramento, se levasse a sua cultura a todos os corações, em vez de haver estacionado tantos seculos á mesa farta dos prazeres e das suas continuadas libações.

Razões da Idade-Média.

A queda do imperio romano determinara no mundo extraordinarias modificações. Muitas almas heroicas e valorosas, que se haviam purificado nas lutas depuradoras, não obstante o ambiente pantanoso dos vicios e das paixões desenfreadas, ascenderam definitivamente a planos espirituais mais elevados e apenas voltando ás atmosferas do planeta para o cumprimento de enobrecedoras e santificadas missões.

A desorganização geral com os movimentos revolucionarios dos outros povos do globo terrestre, que embalde esperaram o socorro moral do govêrno dos imperadores, dera origem a um longo estacionamento nos processos evolutivos. E' aí, nessa epoca de transições que agora atinge as suas culminancias, que vamos encontrar as razões da Idade-Media ou o periodo escuro da historia da humanidade. Só esse ascendente místico da civilização pôde explicar o porquê das organizações feudais, depois

de tão grandes conquistas da mentalidade humana, nos grandes problemas da unidade e da centralização politica do mundo. E' que um novo ciclo de civilização começava sob a amorosa proteção do Divino Mestre, e as últimas expressões espirituais do grande imperio retiravam-se para o silêncio dos santuarios e dos retiros espirituais, para chorar na solidão dos conventos, sôbre o cadaver da grande civilização que não soubera cumprir o seu glorioso destino.

Mestres do amor e da virtude.

Almas sublimadas e corajosas reencarnam-se, então, sob a égide de Jesus e para a grande tarefa de orientar as forças politicas da igreja romana, agora organizada á maneira das construções efêmeras do mundo. O Papado era a obra do orgulho e da iniquidade; mas o Cristo não desampara os mais infelizes e os mais desgraçados, e foi assim que surgiram, no seio mesmo da igreja alguns mestres do amor e da virtude, ensinando o caminho claro da evolução aos povos invasores, trazendo-os ao pensamento cristão, com vistas aos tempos luminosos do porvir.

XVII

A IDADE MEDIEVAL

Os mensageiros de Jesus.

Em todo o seculo VI, de conformidade com as deliberações efetuadas no plano invisivel, aparecem grandes vultos de sabedoria e bondade, contrastando a vaidade orgulhosa dos bispos catolicos, que, em vez de herdarem os tesouros de humildade e amor do Crucificado, reclamaram para si a vida suntuosa, as honrarias e prerrogativas dos imperadores. Os chefes ecclesiasticos, guindados á mais alta preponderancia politica, não se lembravam da pobreza e da simplicidade apostolicas, nem das palavras do Messias, que afirmara não ser o seu reino ainda deste mundo.

Todavia, nesse pantanal de ambições floreciam, igualmente, os lirios da misericordia de Jesus, em sublimadas realizações de sacrificio e bondade. Espiritos heroicos e missionarios, cuja maioria não se incorporou aos nomes da galeria historica terrestre, exerceram a função de novos sacerdotes da idéia sagrada do Cristianismo, conservando-lhe o fogo divino para as futuras gerações do planeta. Subordinados, embora, á disciplina da igreja romana, eles ouviam no ádito do coração a palavra eterna e suave do Divino Jardineiro e sabiam, por isso, que a sua missão era a da renúncia, do sacrificio e da humil-

dade. Roma podia negociar os titulos ecclesiasticos com a politica do mundo e estabelecer a simonia nos templos sagrados, esquecendo os mais severos compromissos; eles, porém, nas suas tunicas rotas atravessariam o mundo alentando a palavra das promessas evangelicas, edificariam pousos de silencio e de misericordia, onde guardassem as tradições escritas da cultura sagrada, para os dias do porvir.

Desses exercitos de abnegados que se organizaram com Jesus e por Jesus, no seio da igreja, somos levado a destacar os missionarios beneditinos, cujo esforço amoroso e paciente conduziu grande número de coletividades dos povos considerados barbaros, principalmente os Germanos, para o seio generoso das idéias do Cristianismo.

O imperio bizantino.

Depois da morte do imperador Teodosio, eis que o mundo conhecido se reparte em dois imperios — o do Occidente e o do Oriente — divididos entre os seus dois filhos Honorio e Arcadio. Com o assalto dos Hérulos, em 476, desaparece o império occidental e com ele, para sempre, os resquícios da integridade do imperio romano, com a instalação do reino ostrogodo na Italia, tendo Ravenna por capital, em 493.

Constantinopla é então a sucessora legítima da grande cidade imperial. O imperio bizantino era o depositario da legislação e dos costumes romanos. Um poderoso sôpro de latinidade vitaliza as suas instituições. Debalde, porém, as expressões romanas buscam um refúgio nas outras terras, com o objetivo de uma perpetuação. Homens energicos, como Justiniano, não conseguem salvá-las. Fôrças occultas e poderosas estavam incumbidas de sua visceral renovação, e não obstante a sua resistencia milenar, o imperio bizantino, herdeiro dos césares, ia cair exânime, em 1453, ao assalto de Mahomet II.

O islamismo.

Antes da fundação do Papado, em 607, as fôrças espirituais se viram compelidas a um grande esforço no combate contra as sombras que ameaçavam todas as consciencias. Muitos emissarios do Alto tomam corpo entre as falanges catholicas, no intuito de regenerar os costumes da igreja. Embalde, porém, tentam operar o retôrno de Roma aos braços do Cristo, conseguindo apenas desenvolver o maximo de seus esforços com vistas ao futuro, no penoso trabalho de arquivar experiencias para as gerações vindouras.

Numerosos espiritos se reencarnam com as mais altas delegações do plano invisivel. Entre esses missionarios, veiu aquele que se chamou Mahomet, ao nascer em Méca no ano 569. Filho da tribu dos Coraiceritas, a sua missão era reunir todas as tribus arabes sob a luz dos ensinoss cristãos, de modo a organizar-se na Asia um movimento forte de restauração do Evangelho do Cristo, em opposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa. Mahomet, contudo, pobre e humilde, no comêgo de sua vida, que deveria ser de sacrificio e exemplificação, torna-se rico após o casamento com Khadidja e não resiste ao assédio dos espiritos da Sombra, traindo nobres obrigações espirituais, com as suas fraquezas. Dotado de grandes faculdades mediúnicas inerentes ao desempenho dos seus compromissos, muitas vezes foi aconselhado por seus mentores do Alto, nos grandes momentos da sua existencia, mas não conseguiu triunfar das inferioridades humanas. E' por essa razão que o missionario do Islam deixa entrever, nos seus ensinoss, flagrantes contradicções. A par do perfume cristão que se evola de muitas das suas lições, ha um espirito belicoso de violencia e de imposição; junto da doutrina fatalista, encerrada no Alcorão, existe a doutrina da responsabilidade individual, dividindo-se através de tudo isso uma imaginação super-

excitada pelas forças do bem e do mal, num cerebro transviado do seu verdadeiro caminho. Por essa razão o islamismo, que poderia representar um grande movimento de restauração do ensino de Jesus, corrigindo os desvios do Papado nascente, assinalou mais uma vitória das Trevas contra a Luz e cujas raízes era necessario extirpar.

As guerras do Islam.

Mahomet, nas recordações do dever que o trazia á Terra, lembrando os trabalhos que lhe competiam na Asia, afim de regenerar a igreja para Jesus, vulgarizou a palavra "infiél", entre as várias familias do seu povo, designando assim os arabes que lhe eram insumissos, quando a expressão se applicava, perfeitamente, aos sacerdotes transviados do Cristianismo. Com o seu regresso ao plano espiritual, toda a Arabia estava submetida á sua doutrina, pela força da espada e todavia os seus continuadores não se deram por satisfeitos com semelhantes conquistas. Iniciaram no exterior as "guerras santas", subjugando toda a Africa setentrional, no fim do seculo VII. Nos primeiros anos do seculo seguinte, atravessaram o estreito de Gibraltar, estabelecendo-se na Espanha, em vista da escassa resistencia dos Visigodos atormentados pela separação, e somente não seguiram caminho além dos Pirineus porque o plano espiritual assinalara um limite ás suas ações, encaminhando Carlos Martel para as vitorias de 732.

Carlos Magno.

E' depois dessa época que Jesus permite a reencarnação de um dos mais nobres imperadores romanos, ansioso de auxiliar o espirito europeu na sua amargurada decadencia. Essa entidade renasceu, então, sob o nome de Carlos Magno, o verdadeiro reorganizador dos elementos dispersos para a fundação do mundo occidental. Quasi

analfabeto, criou as mais vastas tradições de energia e de bondade, dentro da superioridade que lhe caracterizava o espirito equilibrado e altamente evoluído. Num reinado de 46 anos consecutivos, Carlos Magno intensificou a cultura, corrigiu defeitos administrativos que imperavam entre os povos desorganizados da Europa, deixando as mais belas perspectivas para a latinidade.

Sabe Jesus quanto de lagrimas lhe custou o cumprimento de uma tarefa dessa natureza, cujo desempenho exigia as mais altas qualidades de energia e de coração. Mas, antecipando as doces comoções que o aguardavam no plano espiritual, numerosos amigos invisiveis que com ele haviam caminhado na Roma do direito e do dever, cercam-lhe a personalidade na noite do Natal do ano de 800, quando o seu pensamento em prece se elevava a Jesus, da basilica de S. Pedro. Uma onda de vibrações harmoniosas invade o ambiente suntuoso, pouco propicio ás demonstrações da verdadeira espiritualidade. Leão III, o papa da época, sente-se tocado por uma sensação de incompreensivel arrebatamento espiritual, e aproximando-se do grande batalhador do bem, cinge-lhe a fronte com uma coroa de ouro, enquanto a multidão designa-o, em vozes comovidas e entusiasticas, como o "imperador dos romanos".

Carlos Magno sente que aquela cidade era tambem sua. Parece-lhe voltar ao passado longinquo, contemplando a Roma do preterito, cheia de dignidade e de virtude. Seu coração derrama lagrimas como Jeremias sôbre a Jerusalem das suas dores, agradecendo a Jesus os seus favores divinos.

Decorridos alguns anos sôbre esse acontecimento, o grande imperador busca de novo as claridades do Além, para reconhecer que o seu esforço caía sobre as almas como uma benção, mas o imperio por ele organizado teria escassa duração.

O feudalismo.

Depois das nobres conquistas atenienses em materia de politica administrativa, depois das grandes jornadas do direito romano, á face do mundo, custa-se a entender o porquê do feudalismo, que se estendeu pela Europa, desde o seculo VIII ao seculo XII, figurando-se ao estu-
dioso da historia, um como retrocesso de toda a civili-
zação.

Toda a unidade politica desaparece nesses tempos de luzidas lembranças para a humanidade. A própria-
dade individual jamais alcançou tamanha importancia e
nunca a servidão moral ganhou tão forte impulso. Com
semelhante regime, as lutas fratricidas tiveram campo
largo no territorio europeu, disputando-se uma hegemo-
nia que chegava nunca na equação dos movimentos be-
licos. Somente as poucas qualidades cristãs da igreja
catolica conseguiram atenuar o carater nefasto dessa si-
tuaçãõ, instituindo-se as chamadas "tréguas de Deus",
obrigando os guerreiros ao repouso em variados dias da
semana, com o objetivo de comemorar as passagens da
vida de Jesus Cristo e defendendo-se a paz com a perio-
dica cessação das hostilidades.

Razões do feudalismo.

Esse regime, todavia, é facilmente explicavel.

A missão de Carlos Magno houvera sido organizada
pelo plano invisivel como uma das mais vastas tentativas
de reorganização do imperio do ocidente, mas, observan-
do-se a inutilidade do tentame, em virtude do endureci-
mento da maioria dos corações, as autoridades espirituais
sob a égide de Cristo, renovaram os processos educativos
do mundo europeu, então no início da civilização atual,
chamando todos os homens para a vida do campo, afim
de aprenderem melhor, no trato da terra e no contacto

da natureza. Só o feudalismo podia realizar essa obra e
as suas normas, embora grosseiras, foram aproveitadas
na escola penosa das aquisições espirituais, onde a re-
flexão e a sensibilidade iam surgir para a construção do
edificio milenar da civilização do ocidente.

cendo espantoso. Os Apostolos do Divino Mestre, nas claridades do Infinito, deploram semelhantes espetáculos de indigência espiritual, determinando a reencarnação de numerosos auxiliares da tarefa remissora, nas hostes da regra de São Bento. Estes missionários da verdade e do bem operam a restauração do mosteiro de Cluny, de onde saíam pensamentos novos e energias regeneradoras.

Gregorio VII.

Foi nesse movimento de restauração que Hildebrando, conhecido como Gregorio VII, ouvindo as inspirações que lhe desciam ao coração, do plano invisível, preparou-se para a missão que o esperava no Vaticano. Sua figura é uma das mais importantes do século XI, pela fé e pela sinceridade que lhe caracterizaram as atitudes. Eleito papa, após a desencarnação de Alexandre II, reconheceu que as primeiras providências que lhe competiam eram as do combate ao simonismo no seio da instituição católica e as do restabelecimento da autoridade e da igreja, que ele desejou sinceramente reconduzir ao seio do Cristianismo, embora as lutas sustentadas contra Henrique IV façam parecer o contrário. Convocando um concílio em Roma, no ano de 1074, procurou reprimir a enormidade de tantos abusos referentes ao mercado dos sacramentos e às honras eclesiásticas. Felipe I e Henrique IV prometem o seu amparo e o seu auxílio às decisões do pontífice, no sentido de regenerar a organização da Igreja. Henrique IV, porém, prestigiado pelos bispos, culpados de simonia, fugiu ao cumprimento da promessa e, depois de exortado por Gregorio VII, tenta depô-lo, reunindo em Worms um sínodo de sacerdotes transviados. O papa excomunga o príncipe rebelado, ocorrendo então os célebres acontecimentos de Canossa. A luta ainda não havia terminado, quando Gregorio VII desprende-se do mundo em 1085, deixando, porém, o ca-

XVIII

OS ABUSOS DO PODER RELIGIOSO

Fases da igreja católica.

Apesar dos numerosos desvios da igreja romana, que esquecera os princípios cristãos, tão logo fôra chamada aos gabinetes da política do mundo, nunca o catolicismo foi de todo abandonado pelas potências do bem, no mundo espiritual. Advertências inúmeras lhe foram enviadas em todos os tempos da sua vida histórica, pela misericórdia do Cristo, condoído da impiedade de quantos, sob o seu nome, manchavam os altares dos templos.

Enquanto esteve subordinada aos imperadores de Constantinopla, a instituição católica trabalhou para libertar-se de semelhante tutela, procurando a mais ampla independência espiritual, somente conseguida depois do papa Estevão II, em 756, com a organização iníqua do chamado Patrimônio de São Pedro, constituído por territórios conquistados aos povos gregos, á força de espada. A esse tempo, os vários soberanos da época dispunham da Igreja de acôrdo com os seus caprichos pessoais, conferindo dignidades eclesiásticas às consciências mais apodrecidas. A séde do catolicismo se transformara num vasto mercado de títulos nobiliárquicos de toda a natureza. Até depois do século X, semelhante situação de descalabro moral marchava para a frente, num cres-

minho achanado para a Concordata de Worms, que se realizaria em 1122 com Henrique V, com a independência da Igreja e a regeneração aproximada de sua disciplina.

As advertências de Jesus.

Instalada nas suas imensas riquezas e dispondo de todo o poder e autoridade, a Igreja poucas vezes compreendeu a tarefa de amor, que competia á sua missão educativa.

Habituada a mandar sem restrições, muitas vezes recebeu as advertências de Jesus á conta de heresias condenáveis, que era preciso combater e profligar.

As exortações do Alto não se faziam sentir tão somente no seio das ordens religiosas, onde penitentes humildes proporcionavam aos seus orgulhosos superiores eclesiásticos as mais santas lições da piedade cristã. Também na sociedade civil as sementes de luz deixavam entrever os mais esperançosos rebentos de compreensão e de sabedoria, a-cerca do Evangelho e dos exemplos do Cristo. Neste caso está Pedro de Vaux, que, embora sendo um homem de negócios em Leão, despreendeu-se de todos os laços que o prendiam ás humanas riquezas, despojando-se de todos os seus bens em favor dos pobres e necessitados, comovido com a leitura da exemplificação de Jesus no seu Evangelho de amor e redenção. Esse homem extraordinário, a quem fôra cometida a missão de instrumento da vontade do Senhor, mandou traduzir os livros sagrados para a leitura pública e, junto de outros companheiros que passaram á historia com o nome de Valdenses, iniciou um largo movimento de pregações evangelicas, á maneira dos tempos apostolicos. Os Pobres de Leão foram excomungados, primeiramente pelo bispo de sua cidade, e mais tarde, em 1185, pelo pontífice do Vaticano. A Igreja não poderia tolerar outra doutrina que não a sua, feita de orgulho e mal disfarsada ambição.

Qualquer lembrança verdadeira e sincera do seu divino Fundador, era tomada como heresia abominável e suscetível das mais severas punições. A verdade, porém, é que, se os Valdenses foram caluniados pelas fôrças catolicas, suas pregações e apelos nunca mais desapareceram do mundo desde o seculo XI, porque, com varios nomes, as suas organizações subsistiram na Europa até á Reforma, não obstante os guantes de ferro da Inquisição.

Francisco de Assis.

Os apelos do Alto continuaram a solicitar a atenção da igreja romana em todas as direções. As chamadas "heresias" brotavam por toda a parte onde houvesse consciências livres e corações sinceros, mas as autoridades do catolicismo nunca se mostraram dispostas a receber semelhantes exortações.

Havia terminado, em 1229, a guerra contra os herejes, cujos embates atravessaram o espaço de vinte anos, quando alguns chefes da Igreja consideravam a oportunidade da fundação do tribunal da penitencia, cujos projetos de ha muito preocupavam o pensamento do Vaticano.

Mascarar-se-ia o cometimento com o pretexto da necessidade de unificação religiosa, mas a realidade é que a instituição desejava dilatar o seu vasto dominio sôbre as consciências.

Todavia, se a Inquisição preocupou longamente as autoridades da Igreja, antes da sua fundação, o negro projeto preocupava igualmente o Espaço, onde se apresentaram providências e medidas de renovação educativa. Para isso, um dos maiores apóstolos de Jesus, desceu á carne com o nome de Francisco de Assis. Seu grande e luminoso espirito resplandeceu proximo de Roma, nas regiões da Umbria desolada. Sua atividade reformista verificou-se sem os proprios atritos da palavra, porque o

seu sacerdocio foi o exemplo na pobreza e na mais absoluta humildade. A Igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus.

Os franciscanos.

O esforço poderoso do missionario, todavia, se não conseguiu mudar a corrente de ambições dos papas romanos, deixou traços fulgurantes da sua passagem pelo planeta.

Seu exemplo de simplicidade e de amor, de singeleza e de fé, contagiou numerosas criaturas que se entregaram ao santo mister de regenerar as almas para Jesus.

A ordem dos franciscanos chegou a congregar mais de duzentos mil missionarios e seguidores do grande inspirado. Eles repeliam qualquer auxílio pecuniario, para aceitar tão somente os alimentos mais pobres e mais grosseiros, e o característico que mais os destacava das outras comunidades religiosas era o seu alheamento dos mosteiros. Em vez de repousarem á sombra dos claustros, na tranquilidade e na meditação, esses espiritos abnegados reconheciam que a melhor oração, para Deus, é a do trabalho construtivo, no aperfeiçoamento do mundo e dos corações.

A Inquisição.

Muito pouco valeram as lições do bem, diante do mal triunfante, porque, em 1231 o Tribunal da Inquisição estava consolidado com Gregorio IX. Esse instituto, ironicamente, nesse tempo não condenava os supostos culpados, diretamente, á morte — pena benéfica e consoladora em face dos martirios infligidos aos que lhe caísem nos calabouços —, mas podia aplicar todos os suplícios imagináveis.

A repressão das “heresias” foi o pretexto de sua con-

solidação na Europa, fazendo-se o flagelo e a desdita do mundo inteiro.

Um longo periodo de sombras invadiu os departamentos da atividade humana. A penumbra dos templos era teatro de cenas amargas e sacrílegas. Crimes tenebrosos foram perpetrados ao pé dos altares, em nome d’Aquele que é amor, perdão e misericórdia. A instituição sinistra da Igreja ia cobrir a estrada evolutiva do homem com um sudario de trevas espéssas.

A obra do papado.

Ha quem tente explicar esses longos seculos de sombra, pelos habitos e concepções daquele tempo. Mas, a verdade é que o progresso das criaturas poderia dispensar esse mecanismo de crimes monstruosos. Por isso, nos débitos romanos pesam essas responsabilidades tremendas quão dolorosas.

A Inquisição foi obra direta do papado e cada personalidade, como cada instituição, tem o seu processo de contas na Justiça Divina, e eis porque não podemos justificar a existencia desse tribunal espantoso, cuja ação criminosa e perversa entrou a evolução da humanidade por mais de seis longos seculos.

XIX

AS CRUZADAS E O FIM DA IDADE MÉDIA

As primeiras cruzadas.

Reportando-nos ao seculo XI, as Cruzadas nos merecem especial referencia, dado os seus movimentos, caracteristicos da época.

Desde Constantino que os lugares santos da Palestina haviam adquirido consideravel importancia para a Europa ocidental. Milhares de peregrinos visitavam anualmente a paisagem triste de Jerusalém, identificando os caminhos da paixão de Jesus, ou os traços da vida dos Apostolos. Enquanto dominavam na região os arabes de Bagdad ou do Egipto, as correntes do turismo catolico podiam buscar, sem receio, as paragens sagradas; mas a Jerusalém do seculo XI havia caído sob o poder dos turcos, que não mais toleraram a presença dos cristãos, expulsando-os dali com a maxima crueldade.

Semelhantes medidas provocam os protestos de todo o mundo catolico do Ocidente e, no fim do seculo referido, prepararam-se as primeiras cruzadas em busca da victoria contra o infiel. A primeira expedição que saiu dos centros mais civilizados, sob o comando de Pedro Eremita, não chegou a sair da Europa, dispersada que foi pelos Bulgaros e pelos Hungaros. Todavia, em 1096, Godofredo de Bouillon com seus irmãos, Tancredo de Siracusa e outros chefes, depois de se reunirem em Cons-

tantinopla demandaram Nicéia, com um exército de 500.000 homens. Depois da queda dessa cidade, apoderaram-se de Antióquia, penetrando em Jerusalém com a palma do triunfo. Ali quiseram presentear a Godofredo de Bouillon com a corôa de rei, mas o duque da Baixa-Lorena parecia rever o vulto luminoso do Senhor do Mundo, cuja fronte fôra aureolada com a corôa de espinhos e considerou um sasrilegio collocarem-lhe nas mãos um cétro de ouro, quando o Cristo tivera, tão somente, nas mãos augustas e compassivas, uma cana ignominiosa. Depois de muita relutancia, aceitou apenas o titulo de "defensor do Santo Sepulcro", organizando-se logo em seguida as ordens religiosas de carater exclusivamente militar, como a dos Templarios e dos Hospitalarios.

Os turcos, porém, não descansaram. Depois de muitas lutas, apossaram-se de Edessa, obrigando o papa Eugenio III a providenciar a segunda cruzada que, chefiada por Luiz VII da França e Conrado III da Alemanha, teve os mais desastrosos efeitos.

Fim das cruzadas.

Em fins do seculo XII, Jerusalém cái em poder de Saladino. Os principes cristãos do Ocidente prepararam-se para a terceira cruzada, assinalando-se as vitorias de S. João d'Acre. As lutas no Oriente succederam-se, anos a fio, como furacões periodicos e devastadores. A Palestina, até então, possuía os seus recantos maravilhosos de verdura abundante. A Galiléia era um vasto jardim, cheio de perfume e de flores. Mas tantos foram os embates dos exercitos inimigos, tantas as lutas de terminio e de ambição, que a propria natureza pareceu maldizer para sempre os lugares que mereciam o amor e o carinho dos homens.

As últimas cruzadas foram dirigidas por Luiz IX, o rei santo de França que, depois da tomada de Damietta,

caiu em poder dos inimigos, pagando um fabuloso resgate e vindo a desprender-se da vida terrestre, em 1270, de frente de Tunis, vitimado pela peste.

Os mensageiros de Jesus que, de todos os acontecimentos sabem extrair os fatores da evolução humana para o bem, buscam aproveitar a utilidade desses acontecimentos dolorosos. Foi por essa razão que as cruzadas, não obstante o seu carater anti-cristão, fizeram-se acompanhar de alguns beneficios de ordem economica e social para todos os povos. Na Europa, a sua influencia foi regeneradora, enfraquecendo a tirania dos senhores feudais e renovando a solução dos problemas da propriedade, conjurando muitas lutas isoladas. Além disso, os seus movimentos intensificaram, sobremaneira, as relações do Ocidente com o Oriente, apenas paralisadas mais tarde, em vista da ferocidade dos turecos e dos invasores mongóis.

O esforço dos emissarios do Cristo.

No Infinito, reúnem-se os emissarios do Divino Mestre, em assembléias numerosas, sob a égide do seu pensamento misericordioso, organizando novos trabalhos para a evolução geral de todos os povos do planeta. Lamentam a inhabilidade de muitos missionarios do bem e do amor, que, partindo dos Espagos, saturados dos melhores e mais santos propositos, experimentam no orbe a tração de suas proprias fôrças, influenciados pela imperfeição rude do meio a que foram conduzidos. Muitos deles se deixavam deslumbrar pelas riquezas efêmeras, mergulhando no oceano das vaidades dominadoras, estacionando nos caminhos evolutivos e outros, como Luiz IX, de França, excediam-se no poder e na autoridade, cometendo atos de quasi selvajaria, cumprindo os seus sagrados deveres espirituais com poucos beneficios e amplos prejuizos gerais para as criaturas.

Mas, compelidas pelas leis do amor que regem o universo, essas entidades compassivas jamais negaram do Alto o seu desvelado concurso em favor do progresso dos povos, procurando aperfeiçoar as almas e guiando os missionarios do Cristo através dos mais espinhosos caminhos.

Pobreza intelectual.

No seculo XIII, estava definitivamente instalado o govêrno real, desaparecendo as mais fortes expressões do feudalismo. Cada região européia tratava de concatenar todos os elementos precisos á organização de sua unidade politica, mas a verdade é que os meios escassos de instrução não permitiam uma existencia intelectual mais avançada.

Os Estados que se levantavam, organizavam as suas construções á sombra da igreja, que tinha interesse em não dilatar os dominios da educação individual, receosa de interpretações que não fossem propriamente suas. Os pergaminhos custavam verdadeiras fortunas e o livro era difficilmente encontrado. Até o seculo XII as escolas estavam circunscritas ao ambiente dos monasterios, onde muitos padres se ocupavam de avivar a letra dos manuscritos mais antigos, produzindo outros para a posteridade. A ciencia, cuja linha ascencional guarda o seu ponto de princípio na curiosidade ou na dúvida, bem como a filosofia que se constitue das mais altas indagações espirituais, estavam totalmente escravizadas á teologia, então senhora absoluta de todas as atividades do homem, com poderes de vida e morte sôbre as criaturas, considerando-se os direitos absurdos do Tribunal da Inquisição, depois do seculo XIII, quando, sob a inspiração do Alto, já se haviam fundado universidades importantes como as de Paris e de Bolonha, que serviram de modelo ás de Oxford, Coimbra e Salamanca.

Renascimento.

Nesse tempo, opera-se um verdadeiro renascimento na vida intelectual dos povos mais evolidos do mundo europeu. A universidade se constituia de quatro faculdades — teologia, medicina, direito e artes — reunindo milhares de inteligencias ávidas de ensino, que seriam os grandes elementos de preparação do porvir. Rogerio Bacon, franciscano inglês, notavel por seus estudos e iniciativas, é um dos pontos culminantes dessa renascença espiritual. A igreja, contudo, proibindo o exame e a livre opinião, prejudicou esse surto evolutivo, maximé no capitulo da medicina, que, desprezando a observação atenta de todos os fatos, se entregou á magia, com serios prejuizos para as coletividades. Favorecida pela necessidade dos panoramas imponentes do culto externo da religião e pela fortuna particular, a arquitetura foi a mais cultivada de todas as artes, em vista das grandes e numerosas construções então em voga. Com a influencia indireta dos Guias espirituais dos varios agrupamentos de povos, consolidam-se as expressões linguisticas de cada país, formando-se as grandes tradições literarias de cada região.

Transmigrações de povos.

E' então que inumeros mensageiros de Jesus, sob a sua orientação iniciam um largo trabalho de associação dos espiritos, de acordo com as tendencias e afinidades, afim de formarem as nações do futuro, com a sua personalidade coletiva. A cada uma dessas nacionalidades seria cometida determinada missão no concôrto dos povos do porvir, segundo as determinações sábias do Cristo, erguendo-se as bases de um mundo novo, depois de tantos e tão continuados desastres das fraquezas humanas. Constroem-se os alicerces dos grandes países como a In-

laterra, que, em 1258 organiza os Estatutos de Oxford, limitando os poderes de Henrique III, e em 1265 erige a Camara dos Comuns, onde a burguesia e as classes menos favorecidas têm a palavra com a Camara dos Lords. A Italia prepara-se para a sua missão de latinidade. A Alemanha se organiza. A Peninsula Iberica é imensa officina de trabalho e a França ensaia os seus passos definitivos para a sabedoria e para a beleza.

A atuação do mundo espiritual proporciona á historia humana a perfeita caracterização da alma coletiva dos povos. Como os individuos, as coletividades tambem voltam ao mundo, pelo caminho da reencarnação. E' assim que, vamos encontrar antigos fenicios na Espanha e em Portugal, entregando-se de novo ás suas predileções pelo mar. Na antiga Lutécia, que se transformou na famosa París do Ocidente, vamos achar a alma ateniense nas suas elevadas indagações filosoficas e scientificas, abrindo caminhos claros ao direito dos homnes e dos povos. Andemos mais um pouco e acharemos na Prussia o espirito belicoso de Esparta, cuja educação defeituosa e transviada construiu o espirito detestavel do pangermanismo na Alemanha da atualidade. Atravessemos a Mancha e deparar-se-nos-á na Grã-Bretanha a edilidade romana, com a sua educação e a sua prudencia, retomando de novo as redeas perdidas do Imperio Romano, para beneficiar as almas que aguardaram, por tantos seculos, a sua proteção e o seu auxilio.

Fim da idade medieval.

Os Espiritos abnegados, do plano invisivel acompanharam a humanidade em todos os seus dias de martirio e glorificação, em todos os tempos, lutando sempre pela paz e pelo bem de todas as crituras.

Referindo-nos, de escantilhão, á nobre figura de Jeanne D'Arc, que cumpriu elevada missão adstrita aos prin-

cipios de justiça e de fraternidade na Terra e ás guerras dolorosas que assinalaram o fim da idade-medieval, registamos aqui, que, com as conquistas tenebrosas de Tamerlão e de Gengis Khan e com a queda de Constantinopla, em 1453, que ficou para sempre em poder dos turecos, verificava-se o término da época medieval. Uma nova-era ia nascer para a humanidade terrestre, com a assistencia contínua do Cristo, cujos olhos misericordiosos acompanham a evolução dos homens, das luzes eternas do Infinito.

XX

A RENASCENÇA DO MUNDO

Movimentos regeneradores.

Nos albores do seculo XIV, quando a idade medieval estava prestes a extinguir-se, grandes assembléias espirituais se reúnem nas proximidades do planeta, orientando os movimentos renovadores que, em virtude das determinações do Cristo, deveriam encaminhar o mundo para uma nova-era.

Todo esse esforço de regeneração efetuava-se sob o seu olhar misericordioso e compassivo, derramando da sua luz sôbre todos os corações. Mensageiros devotados reencarnam-se no orbe, para desempenho de missões carinhosas e redentoras. Na península iberica, sob a orientação da personalidade de Henrique de Sagres, incumbido de grandes e proveitosas realizações, fundam-se escolas de navegadores que se fazem ao grande oceano, em busca de terras desconhecidas. Numerosos precursores da Reforma surgem por toda a parte, combatendo os abusos de natureza religiosa. Antigos mestres de Atenas se corporificam na Italia, espalhando nos departamentos da pintura e da escultura as mais belas jóias do genio e do sentimento. A Inglaterra e a França preparam-se para a grande missão democratica que o Cristo lhes conferira. O commercio se desloca das aguas estreitas do Mediterra-

neo para as grandes correntes do Atlantico, procurando-se as estradas esquecidas para o Oriente. Jesus dirige essa renascença de todas as atividades humanas, definindo a posição dos varios países europeus e investindo, cada um deles, de determinada responsabilidade na estrutura da evolução coletiva do planeta. Para facilitar a obra extraordinaria dessa imensa tarefa de renovação, os auxiliares do Divino Mestre conseguem ambientar na Europa antigas invenções e utilidades do Oriente, como a bússola para as experiencias maritimas e o papel para a divulgação do pensamento.

Missão da América.

O Cristo localiza, então, na America as suas misericordiosas esperanças. O seculo XV alvorece com a descoberta do continente novo, sem que os europeus, de modo geral compreendessem, na época, a importancia de semelhante acontecimento. As riquezas fabulosas da India deslumbram o espirito aventureiro daquele tempo, e as testas coroadas do Velho Mundo não entenderam a significação moral do continente americano.

Os operarios de Jesus, porém, abstraídos da crítica ou do aplauso do mundo, cumprem os seus grandes deveres junto ás terras novas. Sob a determinação superior, organizam as linhas evolutivas das nacionalidades que aí teriam de florescer no porvir. Nesse campo de lutas novas e regeneradoras, todos os espiritos de boa vontade poderiam trabalhar pelo advento da paz e da fraternidade do futuro humano, e foi por isso que, laborando para os seculos porvindouros, definiram o papel de cada região no continente, localizando o cerebro da nova civilização no local onde hoje se alinham os Estados Unidos da America do Norte e o seu coração nas extensões de terra farta e acolhedora, onde floresce o Brasil, na America do Sul. Os primeiros, guardam os poderes ma-

teriais e o segundo detem as primícias dos poderes espirituais, com vistas á civilização planetária do porvir.

O plano invisível e a colonização do Novo Mundo.

Após a descoberta da America, um grande esforço de seleção espiritual foi levado a efeito no seio das lutas europeias, no sentido de se criar no Novo-Mundo um outro sentido de evolução.

Se os colonizadores da região americana, nos primeiros tempos, eram os degredados ou os proscritos das sociedades europeias, precisamos considerar que esses colonos não vinham tão somente das grandes capitais do antigo continente, na exclusiva observação do plano material. Do mundo invisível, igualmente, partiram caravanas inumeras de almas de boa vontade, que se corporificaram nas terras novas, como filhos daqueles degredados, muitas vezes perseguidos pela iniquidade da justiça dos homens. A esses espiritos mais ou menos adiantados, aliaram-se numerosas entidades da Europa, cansadas das suas lutas inglorias de hegemonia e de ambição, buscando a redenção no esforço construtivo de uma nova patria, em bases solidas da fraternidade e do amor, organizando-se desse modo, entre os povos americanos, codigos e sentimentos mais aperfeiçoados, dentro da compreensão da comunidade continental. Se reconhecemos na America a projeção espiritual da Europa, temos de convir que se trata de uma Europa mais sábia e mais experiente, não só quanto aos problemas da concordia internacional e da solidariedade humana, mas tambem em todas as questões que significam os verdadeiros bens da vida.

Apogeu da renascença.

Essa renascença, iniciada do Alto, projetando na Terra as suas claridades renovadoras em todas as dire-

ções, chegou ao seu auge, no plano material, em fins do seculo XV, até o seculo XVI.

A invenção da imprensa facultava o mais alto progresso no mundo das idéias, criando as mais belas expressões para a vida intelectual. A literatura apresenta uma vida nova e as artes atingem culminancias que a posteridade não poderia alcansar. Numerosos artifices da Grecia antiga, reencarnados na Italia, deixam traços indeléveis da sua passagem nos marmores preciosos. Ha mesmo, em todos os departamentos das atividades artisticas, um pronunciado sabor da vida grega, anterior ás disciplinas austeras do catolicismo na idade medieval, cujas regras, aliás, atingiam rigorosamente apenas quem não fôsse parte integrante do quadro das autoridades ecclesiasticas.

Renascença religiosa.

A essas atividades reformadoras, não poderia escapar a igreja, desviada do caminho cristão. O plano invisível determina, assim, a vinda ao mundo de numerosos missionarios, com o objetivo de levar a efeito a renascença da religião, de maneira a regenerar os seus relaxados centros de força. E' assim que, no seculo XVI, aparecem as figuras veneraveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melanchton e outros vultos notaveis da Reforma, na Europa Central e nos Países-Baixos.

Por ocasião dos primeiros protestos contra o fausto desmedido dos príncipes da igreja, ocupava a cadeira pontificia Leão X, cuja vida mundana impressionava desagradavelmente os espiritos sinceramente religiosos. Sob a sua direção, criara-se, em 1518, o célebre "Livro das Taxas da Sagrada Chancelaria e da Sagrada Penitenciaria Apostolica", onde se encontrava estipulado o preço de absolvição para todos os pecados, para todos os adulterios, inclusive os crimes mais hediondos. Tais rebaixamentos da dignidade ecclesiastica ambientaram as

pregações de Lutero e de seus companheiros de apostolado. De nada valeram as perseguições e ameaças ao eminente frade agostiniano. Alguns historiadores enxergaram na sua missão uma simples expressão de despeito dos seus companheiros de comunidade, em face da preferencia de Leão X encarregando os Dominicanos da pregação das indulgencias. A verdade, contudo, é que o humilde filho de Eisleben, tornara-se órgão da repulsa geral contra os abusos da igreja, no capítulo da imposição dogmatica e da extorsão pecuniaria. Os postulados de Lutero constituíram, antes de tudo, uma modalidade de combate aos absurdos romanos, sem representarem o caminho ideal para as verdades religiosas. Ao extremismo do abuso, respondia com o extremismo da intolerancia, prejudicando a sua propria doutrina. Mas, o seu esforço se corôu de notavel importancia, para os caminhos do porvir.

A Companhia de Jesus.

Uma onda de claridades novas felicitava todas as consciencias, mas os espiritos tenebrosos e pervertidos, que mostraram ao europeu outras modalidades da pólvora, além daquelas que os chineses haviam enxergado na beleza dos fogos de artifício, inspiraram ao cérebro obsecado e doentio de Inácio de Loíola a fundação do jesuitismo, em 1534, com o fim de reprimir-se a liberdade das consciencias.

A igreja estendendo mão forte a essa idéia, inaugurava um dos períodos mais tristes da historia occidental. O tribunal da inquisição, com poderes de vida e morte nos países católicos, fez milhares e milhares de vítimas, ensombreado o caminho dos povos. Espetaculos sangrentos e detestaveis verificaram-se em quasi todas as grandes cidades da Europa, os autos-de-fé acenderam horrendas fogueiras do Santo Officio, por toda a parte onde existis-

sem cerebros que pensassem e corações que sentissem. Instituiu-se a devassa de todas as organizações e a violação de todos os lares. Na Espanha, queimava-se o infeliz na praça pública; na França, uma pesada noite fazia pesadelos coletivos em materia de fé; na Irlanda, muitos "fiéis" faziam questão de levar ao altar de Jesus a vela feita da gordura dos protestantes.

Ação do jesuitismo.

A Companhia de Jesus, de nefasta memoria, não procurava conhecer os meios, para cogitar tão somente dos fins imorais a que se propunha.

Sua ação desdobrou-se por largos anos de treva, nos dominios da civilização ocidental, contribuindo amplamente para o atraso moral em que se encontra o "homem científico" dos tempos modernos.

Suas hordas de predomínio, de cupidez e de ambição não martirizaram apenas o mundo secular. Também os padres sinceros sofreram largamente sob a sua preponderancia nefasta. Tanto assim que, quando o papa Clemente XIV tentou extingui-la, em 1773, com o seu breve "Dominus ac Redemptor", exclamava desolado: — "Assino minha sentença de morte, mas obedego á minha consciencia". Com efeito, em setembro de 1774, o grande pontífice entregava a alma a Deus, no meio dos mais horrorosos padecimentos, vitimado por um veneno letal, que lhe apodreceu lentamente o corpo.

XXI

EPOCAS DE TRANSIÇÃO

As lutas da Reforma.

Debalde a Dieta de Worms, em 1521, condenara Lutero como herege, decretando a sua prisão em Wartburgo, porque as suas idéias libertárias acenderam uma nova luz, propagando-se com a rapidez de um incendio.

A igreja começou a sofrer os golpes mais fortes e mais dolorosos, porque alguns príncipes ambiciosos aproveitaram-se do movimento das massas, confiscando-lhe bens preciosos. Numerosos camponeses empolgados pelos direitos do pensamento livre, iniciaram uma grande ação contra a igreja usurpadora, exigindo reformas agrarias e sociais, em nome do Evangelho.

De 1521 a 1555, os centros cultos europeus viveram momentos de angustiosas expectativas, nos bastidores da tragedia religiosa, mas depois da Concordata de Augsburgo, instituiu-se um regime da mais larga tolerancia reciproca.

O direito do exame livre, porém, dividiu a Reforma em vários departamentos religiosos, de acôrdo com a orientação pessoal de seus pregadores, ou das conveniencias politicas do meio em que viviam. Na Alemanha era o protestantismo, com os partidarios dos princípios de Martinho Lutero; na Suissa e na França, era o calvinismo e

na Escocia era a igreja presbiteriana. Na Inglaterra, a questão veio a tornar-se mais grave. Henrique VIII, defensor extremado da fé católica, a principio, por conveniências de seus caprichos pessoais, tornou-se o chefe do poder politico e religioso, assumindo a direção da igreja anglicana e desligando-se do catolicismo. Na França, os huguenotes se encontravam muito bem organizados, mas surgem as complicações de natureza politica e o genio despotico de Catarina de Medicis ordena a matança de São Bartolomeu, no intuito de eliminar o almirante Coligny. O movimento sinistro, que durou 48 horas, começou em 24 de agosto de 1572, sofrendo a Reforma um dos seus mais amargos reveses. Somente em Paris e subúrbios foram eliminadas três mil pessoas.

Os mensageiros do Cristo deploram tão dolorosos acontecimentos, trabalhando por despertar a consciencia geral, arrancando-a daquela alucinação de morticínio e de sangue, mas, precisamos considerar que cada homem, como cada coletividade, pode cumprir os seus deveres ou agravar as suas responsabilidades proprias, na esfera de sua liberdade relativa.

A invencível armada.

As lutas na Europa, em todo o seculo XVI, longe de colimar um fim, dilatavam-se em guerras tenebrosas, mergulhando os povos do Velho-Mundo num terrível circulo vicioso de reencarnações e resgates dolorosos.

Como se não bastassem as guerras da religião, que trabalhavam o organismo europeu desde muitos anos, surge a figura de um principe fanatico e cruel, na poderosa Espanha de então, complicando a existencia politica das coletividades europeias. As lutas de Felipe II, sucessor de Carlos V prendiam-se, de algum modo, aos problemas da Reforma protestante, mas, acima de tudo, colocava ele a sua ambição e o seu despotismo, animado

com as suas vitorias sôbre os turcos e os mussulmanos, procurou deprimir a liberdade politica dos Países-Baixos, encontrando a mais heroica resistencia. Suas atividades malélicas, mascaradas com a defesa do catolicismo, espalhavam-se por toda a parte, obrigando o plano espiritual, a coibir os seus imensuraveis abusos de poder. Foi assim que, havendo organizado a sua invencível armada, no ano de 1588, composta de mais de uma centena de navios, equipados com 2.000 canhões e 35.000 homens, afim de atacar a Inglaterra, sem motivo que justificasse semelhante agressão, viu essa poderosa esquadra destruída totalmente por uma tempestade aniquiladora. De conformidade com as providencias do plano invisível, apenas aportaram ás costas inglesas os espiritos pacíficos, compelidos pela fôrça a participarem da armada destruída, e que foram lá recebidos generosamente, encontrando uma nova patria.

Se Henrique VIII havia errado como homem, o povo inglês estava preparado para o cumprimento de uma grande missão e ao mundo espiritual competia trabalhar pela preservação dos seus patrimonios de liberdade politica.

Guerras religiosas.

A Europa, não obstante o amparo e assistencia dos abnegados mensageiros do Cristo, transportou-se ao seculo XVII no meio de lutas espantosas, agora agravadas com as tenebrosas criações do Tribunal da Penitencia. Quasi se pode afirmar que os unicos jesuitas dignos do nome de sacerdotes de Jesus, foram aqueles que vieram para as regiões desconhecidas da America, no cumprimento dos mais nobres deveres de fraternidade humana, porque a quasi totalidade da Companhia, no Velho-Mundo, mergulhou num oceano de tricas politicas, muitas vezes rematadas em tragedias criminosas.

As guerras de natureza religiosa estavam longe de terminar, em vista da rebeldia de todos os elementos e foi com penosos esforços que os emissarios do Alto conduziram as coletividades europeias ao tratado de Westphalia, em 1648, consolidando as vitorias do protestantismo, em face das imposições injustificaveis do jesuitismo.

A França e a Inglaterra.

A esse tempo, a França já se encontrava preparada para o cumprimento da sua grande missão junto dos povos e, sob a influência do plano invisível, criavam-se os serviços beneficicos da diplomacia. Nos bastidores de sua politica administrativa, firmavam-se os principios do absolutismo do trono, mas a sua grande alma coletiva, cheia de sentimento e generosidade, já vislumbra o precioso esforço que lhe competia no porvir. Ao seu lado, a Grã-Bretanha caminhava, a passos largos, para as mais nobres conquistas humanas. Extinta, em 1603, a dinastia dos Tudores, eleva-se ao trono o rei da Escocia, Jaime I. Desejando reviver os principios absolutistas, o descendente dos Stuarts inaugurou um periodo de nefastas perseguções, o qual foi intensificado por seu filho Carlos I, cujas disposições politicas se constituíam das mais avançadas tendencias para a tirania. Rompendo com o parlamento e dissolvendo-o, vezes consecutivas, viu o povo da capital inglesa de armas na mão, em defesa dos seus representantes, começando-se uma guerra civil que durou varios anos, só terminada com a ação de Cromwell, que, de acôrdo com o parlamento, estabelece a república da qual se torna o "Lord Protetor". Cromwell era um espirito valoroso, mas, embriagado com o vinho sinistro do despotismo, foi tambem um ditador vingativo, fanatico e cruel. Depois da sua morte, em face da incapacidade politica do filho, verifica-se a restauração do trono com os Stuarts. O govêrno dos Stuarts teria, porém,

pouca duração, porque os ingleses desgostosos com a administração de Jaime II e no seu tradicional amor á liberdade, chamam Guilherme de Orange ao poder. O parlamento redige então a famosa declaração de direitos, definindo a emancipação do povo e limitando os poderes reais, elevando-se ao trono Guilherme III com a revolução de 1688. A Inglaterra havia cumprido um dos seus mais nobres deveres, consolidando as fórmulas do parlamentarismo, porque assim todas as classes eram chamadas á cooperação e fiscalização dos governos.

Refúgio da America.

Considerando o movimento das responsabilidades gerais e isoladas, o plano invisível, sob a orientação de Jesus conduzia para a America todos os espiritos sinceros e trabalhadores, que não necessitassem de reencarnações no mundo europeu, onde individuos e coletividades se prendiam, cada vez mais, na cadeia das existencias de provações expiatorias.

Para o hemisferio do Novo-Mundo afluíam todas as entidades conclamadas á organização do progresso futuro. Muitas dessas personalidades haviam adquirido o senso da fraternidade e da paz, depois de muitas lutas no antigo continente. Exaustas de procurar a felicidade nos limites estreitos dos sentimentos exclusivistas, sentiam no íntimo as generosas florações de reformas edificantes, compreendendo a verdadeira solidariedade, na comunidade universal. Foi por essa razão que, desde os seus primordios, as organizações politicas do continente americano se tornaram em baluartes de paz e de fraternidade para o orbe inteiro. E' que a permanencia no seu solo e nas luzes ocultas do seu clima social era considerada por todos os espiritos como uma benção de Deus, em face das sucessivas inquietações europeias.

Os enciclopedistas.

O seculo XVIII iniciou-se entre lutas igualmente re-novadoras, mas, elevados espiritos da filosofia e da ciencia, reencarnados, particularmente na França, iam combater os erros da sociedade e da politica, fazendo sosso-brar os principios do direito divino, em nome do qual se cometiam todas as barbaridades.

Vamos encontrar nessa pleiade de reformadores os vultos veneraveis de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, d'Alembert, Diderot, Quesnay. Suas lições generosas repercutem na America do Norte, como em todo o mundo. Entre cintilações do sentimento e do genio, foram eles os instrumentos ativos do mundo espiritual, na regeneração das coletividades terrestres. Historiadores ha que, numa caracteristica mania de sensacionalismo, não se pejam de vir a público asseverar que esses espiritos estudiosos e sabios se encontravam a soldo de Catarina II da Russia, e dos principes da Prussia, contra a integridade da França; mas, semelhantes afirmativas representam injúrias caluniosas que apenas afetam os que as proferem, porque foi dos sacrificios desses corações generosos que se fez a fagulha divina do pensamento e da liberdade, substância de todas as conquistas sociais de que se orgulham os povos modernos.

A independencia americana.

As idéias generosas dos autores da Enciclopedia e das novas teorias sociais haviam encontrado o mais franco acolhimento nas colonias inglesas da America do Norte, organizadas e educadas no espirito de liberdade da patria do parlamentarismo.

O mundo invisivel aproveita, desse modo, a grande oportunidade, deliberando executar nas terras novas os grandes principios democraticos, pregados pelos filosofos

e pensadores do seculo XVIII. E enquanto a Inglaterra desrespeita, para com as suas colonias, o grande principio por ela propria firmado, de que "ninguem deve pagar contribuições sem as ter votado", os americanos resolvem proclamar a sua independencia politica. Depois de alguns incidentes com a metrópole, celebram a sua emancipação em 4 de julho de 1776, organizando-se a Constituição de Filadelfia, modelo dos codigos democraticos do porvir.

XXII

A REVOLUÇÃO FRANCESA

A França do século XVIII

A independência americana acendera o mais vivo entusiasmo no animo dos franceses, humilhados pelas mais prementes dificuldades, depois do extravagante reinado de Luiz XV.

O luxo desenfreado e os abusos do clero e da nobreza em proporções espantosas, haviam ambientado todas as idéias livres e generosas dos enciclopedistas e dos filósofos no coração torturado do povo. A situação das classes proletárias e dos lavradores caracterizava-se pela mais hedionda miséria. Os impostos aniquilavam todos os centros de produção, salientando-se que os nobres e os padres encontravam-se isentos desses deveres. Desde 1614, não mais se haviam reunido os Estados Gerais, fortalecendo-se, cada vez mais, o absolutismo monárquico.

De nada valera o esforço de Luiz XVI convidando os espiritos mais praticos e eminentes, para colaborar na sua administração, como Turgot e Malesherbes. O bon-doso monarca, que tudo fazia para reerguer a realza de sua queda lamentavel, em face dos excessos do seu predecessor no trono, mal sabia, na sua pouca experiencia dos homens e da vida, que uma era-nova começava para

o mundo politico do Ocidente, com transformações dolorosas que exigiriam a sua propria vida.

Reunidos, em maio de 1789, os Estados Gerais, em Paris, observam-se os maiores desentendimentos entre os seus membros, não obstante a boa vontade e a cooperação de Necker, em nome do rei. Transformada a reunião em Assembléa Constituinte, precedida de numerosos incidentes, inicia-se a revolução instigada pela palavra de Mirabeau.

Epoca de sombras.

Derrubada a Bastilha em 14 de julho de 1789 e após a célebre declaração de direitos do homem, uma série de reformas se verifica em todos os departamentos da vida social e politica francesa.

Aquelas renovações, todavia, preludiavam os mais dolorosos acontecimentos. Familias numerosas aproveitavam a trégua, buscando o acolhimento de países vizinhos, e o proprio Luiz XVI tentou atravessar a fronteira, sendo prêso em Varennes e conduzido novamente a Paris.

Um mundo de sombras invadia as consciencias da França generosa, chamada, naquela época, pelo plano espiritual, ao cumprimento de uma sagrada missão junto á humanidade sofredora. Cabia-lhe tão somente aproveitar as conquistas inglesas, no sentido de quebrar o cétro de absolutismo da realza, organizando um novo processo administrativo na renovação dos organismos politicos do orbe, de acôrdo com as lições generosas e sabias dos seus filosofos e pensadores.

Todavia, se alguns espiritos se encontravam preparados para a jornada heroica daquele fim de seculo, muitas outras personalidades, infelizmente, espreitavam na treva o momento psicologico para saciar a sua sêde de sangue e de poder. Foi assim que, depois de muitas figuras notaveis do principio da revolução, surgiram espiritos tenebrosos como Robespierre e Marat. A volúpia da

vitoria generalizou uma forte embriaguez de morticínio no animo das massas, conduzindo-as aos mais nefastos acontecimentos.

Contra os excessos da revolução.

A revolução francesa, desse modo, foi combatida imediatamente pelas outras nacionalidades da Europa, que, sob a orientação de Pitt, ministro da Inglaterra, sustentaram contra ela, e por largos anos, uma luta de morte.

A Convenção Nacional, apesar das garantias que a constituição de 1791 oferecia á pessoa do rei, decretou a sua morte na guilhotina, verificando-se a sua execução em 21 de janeiro de 1793, no local da atual Praça da Concordia. Em vão, tenta Luiz XVI explicar a sua inocencia, ao povo de Paris, antes que o carrasco lhe decepasse a cabeça. As palavras mais sinceras afluem-lhe aos labios, suplicando a atenção de seus súditos, numa onda de lagrimas e de sentimentos que lhe borborinhavam no coração, não obstante a sua calma aparente. Renovam-se as ordens aos guardas do cadafalso e rufam os tambores, com estrépido, abafando as suas afirmativas.

A França atraía para si as mais dolorosas provações coletivas, nessa torrente de desatinos. Com a influencia inglesa, organiza-se a primeira coligação européia contra o nobre país.

Mas, não somente nos gabinetes administrativos da Europa se processavam providencias reparadoras. Tambem no mundo espiritual reúnem-se os genios da latinidade, sob a benção de Jesus, implorando a sua proteção e misericordia para a grande nação transviada. Aquela que fôra a corajosa e singela filha de Domremy, volta ao ambiente da sua antiga patria, á frente de grandes exercitos de espiritos consoladores, confortando as almas aflitas e aclarando novos caminhos. Numerosas caravanas de sêres flagelados, fôra do carcere material, são por ela

conduzidos ás plagas da America, para as reencarnações regeneradoras, de paz e de liberdade.

O periodo do Terror.

A lei das compensações é uma das maiores e mais vivas realidades do universo. Sob as suas disposições sabias e justas, a cidade de París teria de ser, ainda por muito tempo, o teatro de tragicos acontecimentos. Foi desse modo que se instalou o hediondo tribunal revolucionario e a chamada junta de salvação pública, com os mais sinistros espetaculos do patibulo. A consciencia da França se viu subjugada por espessas trevas. A tirania de Robespierre ordenou a matança de numerosos companheiros e de muitos homens honestos e dignos. Em vão, Carlota Corday havia procurado atenuar os excessos dos assassinos entregando-se aos desvarios do crime, na residencia de Marat, com o proposito de restituir a liberdade ao povo de sua terra e expiando o seu ato extremo com a propria vida. Ocasões houve em que subiram ao cadafalso mais de vinte pessoas por dia, mas Robespierre e seus partidarios não tardaram muito a subir igualmente os degraus do patibulo, em face da reação das massas anonimas e sofredoras.

A Constituição.

Depois de grandes lutas com o domínio das sombras, conseguem os genios da França inspirar aos seus homens públicos a Constituição de 1795. Os poderes legislativos ficavam entregues ao "Conselho dos quinhentos" e ao "Conselho dos anciãos", ficando o poder executivo confiado a um Directorio composto de cinco membros.

Estabelece-se, dessa forma, uma trégua de paz, aproveitada na reconstrução de obras notaveis do pensamento.

Os centros militares lutavam contra os propositos de invasão de outras potencias européias, cujos tronos se sentiam ameaçados, na sua estabilidade, em face do advento das novas idéias do liberalismo, e os politicos se entregavam a uma vasta operosidade de edificação, coroando-se esse esforço com as mais nobres realizações.

Contudo, a França, depois dos seus desvarios de liberdade, estava ameaçada de invasão e desmembramento. Povos existem, porém, que se fazem credores da assistencia do Alto, no cumprimento de suas elevadas obrigações junto de outras coletividades do planeta e foi assim, que, com atribuições de missionario, foi Napoleão Bonaparte, filho de uma obscura familia da Córsega, chamado ás culminancias do poder.

Napoleão Bonaparte.

O humilde soldado corso, destinado a uma grande tarefa na organização social do seculo XIX, não soube compreender o significado da sua grandiosa missão. Bastaram as vitorias de Arcole e de Rivoli, com a paz de Campo-Formio, em 1797, para que a vaidade e a ambição lhe ensombrassem o pensamento.

A expedição ao Egipto, muito antes de Waterloo, assinalava para o mundo espiritual a pouca eficacia do seu esforço, considerado o espirito de orgulho e de imperalismo que predominou nas suas energias transformadoras. Assediado pelo sonho de dominio absoluto, Napoleão foi uma especie de Mehomet transviado da França do liberalismo. Assim como o profeta do Islam pouco se aproximara do Evangelho, que a sua ação deveria servir, tambem as atividades de Napoleão pouco se aproximaram das idéias generosas que haviam conduzido o povo francês á revolução. A sua historia está igualmente cheia de traços brilhantes e escuros, demonstrando que a sua per-

sonalidade de general esteve sempre oscilando entre as forças do mal e do bem. Com as suas vitorias, garantia-se a integridade do solo francês, mas espalhava-se a miséria e a ruina no seio dos outros povos. No cumprimento da sua tarefa, organizava-se o Codigo Civil, estabelecendo as mais belas fórmulas do direito, mas difundiam-se a pilhagem e o insulto á sagrada emancipação de outros, com o movimento de seus exercitos na absorpção e aneação de vários povos.

Sua frente de soldado pode estar laureada para o mundo, de tradições gloriosas e verdade é que ele foi um missionario do Alto, embora traído em suas proprias forças; mas, no Além, seu coração entendeu melhor a amplitude das suas obras, considerando providencial a pouca piedade da Inglaterra que o exilou em S. Helena, após o seu pedido de amparo e proteção. Santa Helena representou para o seu espirito o prólogo das mais dolorosas e mais tristes meditações, na vida do Infinito.

Allan Kardec.

A ação de Bonaparte invadindo as searas alheias com o seu movimento de transformação e de conquistas, fugindo á sua finalidade de missionario da reorganização do povo francês, compeliu o mundo espiritual a tomar energicas providencias contra o seu despotismo e vaidade orgulhosa. Aproximavam-se os tempos em que Jesus deveria enviar ao mundo o Consolador, de acôrdo com as suas doces promessas.

Apelos ardentes são dirigidos ao Divino Mestre, pelos genios tutelares dos povos terrestres. Assembléias generosas se reúnem e confraternizam nos espaços, nas esferas mais proximas da Terra. Um dos mais lúcidos discipulos do Cristo baixa ao planeta, compenetrado de sua missão consoladora e, dois meses antes da Napoleão Bona-

parte sagrar-se imperador, obrigando o papa Pio VII a coroa-lo na igreja de Notre Dame, em Paris, nascia Allan Kardec, aos 3 de outubro de 1804, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometida ao mundo pela misericórdia de Jesus Cristo.

XXIII

O SECULO XIX

Depois da revolução.

Afastado Napoleão dos movimentos politicos da Europa, adotam-se no Congresso de Viena, em 1815, as mais vastas providencias para o ressurgimento dos povos europeus.

A diplomacia realiza memoraveis feitos, aproveitando as dolorosas experiencias daqueles anos de exterminio e de revolução.

Luiz XVIII, conde de Provença, irmão de Luiz XVI, é chamado ao trono francês, restabelecendo-se naquela mesma época antigas dinastias. Tambem a igreja é contemplada no grande inventario, restituindo-se-lhe os Estados onde fundara o seu reino perecível.

Um sopro de paz reanima aquelas coletividades, esgotadas na luta fratricida, ensejando a intervenção indirecta das fôrças invisíveis, na reconstrução do patrimonio dos grandes povos.

Muitas reformas, porém, se haviam verificado após os movimentos sanguinosos iniciados em 89. Mórmente na França, semelhantes renovações foram as mais vastas e numerosas. Além de se beneficiar o govêrno de Luiz XVIII com as imitações do sistema inglês, varios prin-

ípios liberais da revolução foram adotados, como a igualdade dos cidadãos perante a lei, a liberdade de cultos, estabelecendo-se, a par de todas as conquistas politicas e sociais, um regime de responsabilidade individual no mecanismo de todos os departamentos do Estado. A propria igreja, habituada a todas as arbitrariedades, na sua feição dogmatica, reconheceu a limitação dos seus poderes, junto das massas, resignando-se com a nova situação.

Independencia politica da America.

A maioria dos povos do planeta acompanhando o curso dos acontecimentos, procurou eliminar os ultimos resquícios do absolutismo dos tronos, aproximando-se dos ideais republicanos ou instituindo o regime constitucional, com a restrição de poderes dos soberanos.

A America, destinada a receber as sagradas experiencias da Europa, para a civilização do futuro, busca aplicar os grandes principios dos filosofos franceses á sua vida politica, caminhando para a mais perfeita emancipação. Seguindo o exemplo das colonias inglesas, os quatro vice-reinados da Espanha procuraram lutar pela sua independencia. No Mexico, os patriotas não toleraram outra soberania além da sua propria e, no sul, com a ação de Bolivar e com as deliberações do Congresso de Tucuman, em 1826, proclamava-se a liberdade politica das provincias da America Meridional. O Brasil, em 1822, erguia igualmente o seu brado de emancipação com Pedro I, sendo digno de notar-se o esforço do plano invisivel na manutenção da sua integridade territorial, quando toda a zona sul do continente se repartia em pequenas repúblicas, atendendo-se á missão generosa do povo brasileiro, na civilização do porvir.

Allan Kardec e os seus colaboradores.

O seculo XIX desenrolava uma torrente de claridade na fase do mundo, encaminhando todos os paises para as reformas uteis e preciosas.

As lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela humanidade sofredora. Jesus, na sua magnimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações.

Allan Kardec, todavia, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma pleiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do seculo XIX. A ciencia, nessa época, desfere os vãos soberanos que a conduziram ás culminancias do seculo XX. O progresso da arte tipografica consegue interessar todos os nucleos de trabalho humano, fundando-se bibliotecas circulantes, revistas e jornais numerosos. A facilidade de comunicações, com o telégrafo e as vias férreas, estabelece o intercambio direto dos povos. A literatura enche-se de expressões notáveis e imorredouras. O laboratorio afasta-se definitivamente da sacristia, intensificando as comodidades da civilização. Constroi-se a pilha de coluna, descobre-se a indução magnetica, surgem o telefone e o fonógrafo. Aparecem os primeiros sulcos no campo da radiotelegrafia, encontra-se a análise espectral e a unidade das energias fisicas da natureza. Estuda-se a teoria atômica e a fisiologia assenta bases definitivas com a anatomia comparada. As artes atestam uma vida nova. A pintura e a musica denunciam um elevado sabor de espiritualidade avançada.

A dádiva celestial do intercambio entre o mundo visivel e o invisivel chegou ao planeta nessa onda de claridades inexprimíveis. Consolador da humanidade, se-

gundo as promessas do Cristo, o Espiritismo vinha esclarecer os homens, preparando-lhes o coração para o perfeito aproveitamento de tantas riquezas do Céu.

As ciencias sociais.

O campo da filosofia não escapou á essa torrente renovadora. Aliando-se ás ciencias fisicas, não toleraram as ciencias da alma a intervenção dos dogmas absurdos da igreja. As religiões cristãs, atormentadas e divididas, viviam nos seus templos um combate de morte. Longe de exemplificarem aquela fraternidade do Divino Mestre, entregavam-se a todos os excessos do espirito de seita. A filosofia recolheu-se, então, no seu negativismo transcendente, applicando ás suas manifestações os mesmos principios da ciencia racional e materialista. Schopenhauer é uma demonstração eloquente do seu pessimismo e as teorias de Spencer e de Comte esclarecem as nossas assertivas, não obstante a sinceridade com que foram lançadas no vasto campo das idéias.

A igreja romana era culpada de semelhantes desvios. Dominando a ferro e fogo, junto dos principes do mundo, não tratara de fundar o imperio espiritual dos corações á sua sombra acolhedora. Longe da exemplificação do Nazareno, amontoara todos os tesouros inúteis, intensificando as necessidades das massas soffredoras. Extorquia, antes de dar, conservando a ignorância em vez de espalhar a luz do conhecimento.

A tarefa do missionario.

A tarefa de Allan Kardec era difficil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edificio desmoronado da crenga, reconduzindo a civilização ás suas profundas bases religiosas.

Atendendo-se á missão de concordia e fraternidade

da America, o plano invisivel localizou aí as primeiras manifestações tangiveis do mundo espiritual, no famoso lugarejo de Hidesville, provocando os mais largos movimentos de opinião. A fagulha partira das plagas americanas, como partira igualmente delas a consolidação das conquistas democraticas.

A Europa busca ambientar as idéias novas e generosas, que encontram o discipulo no seu posto de oração e de vigilancia, pronto a atender aos chamamentos do Senhor. Numerosos cooperadores directos da sua tarefa auxiliam-lhe o esforço sagrado, desdobrando as suas sinteses em gloriosos complementos. O orbe, com as suas instituições sociais e politicas, havia atingido um periodo de grandiosas transformações, que requeriam mais de um seculo de lutas dolorosas e remissoras e o Espiritismo seria a essencia dessas conquistas novas, reconduzindo os corações para o Evangelho suave do Cristianismo.

Provações coletivas da França.

Cumpre-nos assinalar as dolorosas provas da França, depois dos seus excessos na revolução e nas campanhas napoleonicas. Depois das revoluções de 1830 e 1848, onde se efetuam penosos resgates por parte dos individuos e das coletividades, surge a guerra franco-prusiana de 1870. A grande nação latina, em virtude de causas somente conhecidas no plano espiritual, é esmagada e vencida pela orgulhosa Alemanha de Bismarck, que, por sua vez, embriagada e cega no triunfo, ia fazer jús ás dores amargas de 1914-1918.

París, que assistira com certa indiferença as dores dos condenados do Terror, com a recendo aos espetaculos tenebrosos do cadafalso e applaudindo os opressores, sofre miseria e fome em 1870 antes de cair em poder dos impiedosos inimigos, em 28 de janeiro de 1871. As imposições politicas do imperador Guilherme em Versalhes e

as amarguras coletivas do povo francês nos dias de derrota, significam o resgate dos desvios da grande nação latina.

Provações da igreja.

Aproximando-se o ano de 1870, que assinalaria a falência da igreja com a declaração da infabilidade papal, o catolicismo experimenta provações amargas e dolorosas.

Exaustos de suas imposições, todos os povos cultos da Europa não enxergaram nas suas instituições senão escolas religiosas, reduzindo-se ás suas finalidades educativas e controlando o mecanismo de suas ações.

Compreendendo que o Cristo não tratara de açambarcar nenhum territorio do globo, os italianos, naturalmente, reclamaram os seus direitos no capítulo das reivindicações, procurando organizar a unidade da Italia sem a tutela do Vaticano. Desde 1859, estabelecera-se a luta, que foi por muito tempo prolongada em vista da decisão da França, que manteve todo um exercito em Roma, para garantia do pontífice da igreja. Mas a situação de 1870 obrigara o povo francês a reclamar a presença dos guardas do Vaticano, triunfando as idéias de Cavour e privando-se o papa de todos os poderes temporais, restringindo-se a sua posse material.

Começava, com Pio IX, a grande lição da igreja.

O periodo das grandes transformações estava iniciado e ela, que sempre ditara ordens aos principes do mundo, na sua sede de dominio, ia-se tornar em instrumento de opressão nas mãos dos poderosos.

Observava-se um fenómeno interessante. A igreja, que nunca se lembrara de dar um titulo real á figura do Cristo, assim que viu desmornam-se os tronos do absolutismo com as vitórias da república e do direito, construiu a imagem do Cristo-Rei para o nome dos seus altares.

XXIV

O ESPIRITISMO E AS GRANDES TRANSIÇÕES

A extinção do cativoiro.

O seculo XIX caracteriza-se pelas suas conquistas numerosas. A par dos grandes fenomenos de evolução científica e industrial que o abalaram, observam-se igualmente os acontecimentos politicos de suma importancia, renovando as concepções sociais de todos os povos da raça branca.

Um desses grandes acontecimentos é a extinção do cativoiro. Cumprindo as determinações do Divino Mestre, seus mensageiros do plano invisivel laboram junto aos gabinetes administrativos, de modo a facilitar o generoso triunfo da liberdade.

As decisões do Congresso de Viena reprovando o tráfico de homens livres, encontrara funda repercussão em todos os paises. Em 1834, o parlamento inglês resolve abolir a escravidão em todas as colonias da Grã-Bretanha. Em 1850, o Brasil suprime o tráfico africano. Na revolta de 1848, a França delibera a extinção do cativoiro em seus territorios. Em 1861, Alexandre II da Russia declarava livres todos os camponeses que trabalhavam sob o regime da escravidão e, de 1681 a 1865, uma guerra incruanta devasta o solo generoso dos Estados Americanos do Norte, em face da luta de secessão, que

termina com a vitória da liberdade e das idéias generosas da grande nação da America.

O Socialismo.

Grandes idéias florescem na mentalidade de então. Ressurgem, aí, as antigas doutrinas da igualdade absoluta. Aparece o socialismo propondo reformas viscerais e imediatas. Alguns idealistas tocam á Utopia de Tomaz Moore, ou a Republica perfeita, idealizada por Platão. Fundam-se as alianças de anarquismo, as sociedades de carater universal. Uma revolução sociologica de consequencias imprevisiveis, ameaça a estabilidade da propria civilização, condenando-a á destruição mais completa.

O fim do seculo que passou é o cenario vastissimo dessas lutas inglorias. Todas as ciencias sociais são chamadas aos grandes debates levados a efeito entre o capitalismo e o trabalho. Onde se encontram, porém, as forças morais capazes de realizar o grande milagre da elucidação de todos os espiritos? A igreja romana, que nutria a civilização ocidental desde o seu berço, era a entidade indicada pela força das circunstancias, para resolver o grande problema.

Todavia, após as afirmativas do Sílabus e depois do famoso discurso do bispo Strosmayer, em 1870, no Vaticano, quando Pio IX decretava a infalibilidade pontificia, semelhante equação era muito difficil por parte da igreja. Entretanto, Leão XIII vem ao campo da luta com a encíclica "Rerum Novarum", tentando conciliar o braço e o capital, apontando a cada qual os seus mais sagrados deveres. Se o efeito desse documento foi de consideravel importancia para as classes mais cultas do Velho e do Novo Mundo, tanto não se deu com as classes mais desfavorecidas, fartas de palavras.

Restabelecendo a verdade.

O Espiritismo vinha, desse modo, na hora psicologica das grandes transformações, alentando o espirito humano para que se não perdesse o fruto sagrado de quantos trabalharam e sofreram no esforço penoso da civilização. Com as provas da sobrevivencia, vinha rehabilitar o Cristianismo que a igreja deturpara, semeando, de novo, os eternos ensinamentos do Cristo no coração dos homens. Com as verdades da reencarnação, veio explicar o absurdo das teorias igualitarias absolutas, cooperando na restauração do verdadeiro caminho do progresso humano. Enquadrando o socialismo nos postulados cristãos, não se ilude com as reformas exteriores, para concluir que a unica renovação apreciavel é a do homem íntimo, célula viva do organismo social de todos os tempos, pugnando pela intensificação dos movimentos educativos das criaturas á luz eterna do Evangelho do Cristo. Ensinando a lei das compensações no caminho da redenção e das provas do individuo e da coletividade, estabelece o regime da responsabilidade, em que cada espirito deve enriquecer a catalogação dos seus proprios valores. Não se engana com as utopias da igualdade absoluta, em vista dos conhecimentos da lei do esforço e do trabalho individual, e não se transforma em instrumento de opressão dos magnates da economia e do poder, por conciente dos imperativos da solidariedade humana. Despreocupado de todas as revoluções, porque somente a evolução é o seu campo de atividade e de experiencia, diante de todas as guerras pela compreensão dos laços fraternos que reúnem a comunidade universal, ensina a fraternidade legitima dos homens e das patrias, das familias e dos grupos, alargando as concepções da justiça economica e corrigindo o espirito exaltado das ideologias extremistas.

Nestes tempos dolorosos em que as mais penosas transições se anunciam ao espirito do homem, só o Espi-

ritismo pode representar o valor moral, onde encontre o apoio necessario á edificação do porvir. Enquanto os utopistas da reforma exterior se entregam á tutela de ditadores impiedosos, como os da Russia e da Alemanha; depois de sinistras aventuras revolucionarias, prossegue a sua obra educativa junto das classes inteletuais e das massas anónimas e soffredoras, preparando o mundo de amanhã com as luzes imorredouras da lição do Cristo.

Defecção da igreja catolica.

Desde 1870, ano que assinalou para o homem a decadencia da igreja, em virtude da sua defecção espiritual no cumprimento dos grandes deveres que lhe foram confiados pelo Senhor, nos tempos apostolicos, que um periodo de transições profundas marca todas as atividades humanas.

Em vão o mundo esperou as realizações cristãs, iniciadas no imperio de Constantino. Aliada do Estado e vivendo á mesa dos seus interesses economicos, a igreja não cuidou de outra cousa que não fôsse o seu reino precivel. Esquecida de Deus, nunca procurou equiparar a evolução do homem fisico á do homem espiritual, prendendo-se a interesses rasteiros e mesquinhos da politica do mundo. E' por isso que agora pairam-lhe sôbre a frente os mais sinistros vaticinios.

Lutas renovadoras.

O seculo XX surgiu no horizonte do globo, como uma arena ampla de lutas renovadoras. As teorias sociais continuam seu caminho, tocando muitas vezes a curva tenebrosa do extremismo, mas as revelações do além-tumulo descem sôbre as almas, como um orvalho imaterial, preludiando a paz e a luz de uma nova-era.

Numerosas transformações são aguardadas e o Es-

piritismo esclarece os corações, renovando a personalidade espiritual das criaturas para o futuro que se aproxima.

As guerras russo-japonesa e a européia de 1914-1918, foram fases de uma luta maior, que não vem muito longe e dentro da qual o planeta alijará todos os espiritos rebeldes e galvanizados no crime, que não souberam aproveitar a dádiva de numerosos milenios, no patrimonio sagrado do tempo.

Então a Terra, como aquele mundo longinquo da Capela, ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal, porque o homem da radiotelegrafia e do transatlantico precisa de alma e sentimento, afim de não perverter as sagradas conquistas do progresso. Ficarão no mundo os que puderem compreender a lição do amor e da fraternidade sob a égide de Jesus, cuja misericordia é o verbo de vida e luz, desde o princípio.

Epoca de lutas amargas, desde os primeiros anos deste seculo, a guerra se aninhou com carater permanente, em quasi todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenomenos da propria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre.

A America e o futuro.

Embora seja compelida a participar das lutas proximas, pelo determinismo das circumstancias de sua vida politica, a America está destinada a receber o cetro da civilização e da cultura, na orientação dos povos do porvir.

Em tórno dos seus celeiros economicos, reunir-se-ão as experiencias européias, aproveitando o esforço penoso dos que tombaram na obra da civilização do Ocidente,

para a edificação do homem espiritual que ha de sobre-
pôr-se ao homem físico do planeta, no pleno conheci-
mento dos grandes problemas do sêr e do destino.

Para esse desideratum grandioso, apresta-se o plano
espiritual, no afã de elucidação dos nobres deveres con-
tinentais. O esforço sincero da cooperação no trabalho e
da construção da paz, não é aí uma utopia, como na Eu-
ropa saturada de preconceitos multi-seculares.

Nos campos exuberantes do continente americano
estão plantadas as sementes de luz da arvore maravilhosa
da civilização do porvir.

Jesus.

Ha no mundo um movimento inédito de armamentos
e munições. Teria começado neste momento? Não. A
corrida armamentista do seculo XX começou antes da
luta de Porto-Artur, em 1904. As indústrias bélicas atin-
gem culminancias imprevistas. Os campos estão despo-
voados. Os homens se recolheram ás zonas de concentra-
ção militar esperando o inimigo, sem saber que o adver-
sario está em seu proprio espirito. A Europa e o Oriente
constituem um campo largo de agressão e terrorismo, com
exceção das repúblicas democraticas, que se vêm obriga-
das a grandes programas de rearmamento, em face do
Moloch do extremismo. Onde os valores morais da hu-
manidade? As igrejas estão amordaçadas pelas injunções
de ordem economica e politica. Somente o Espiritismo
prescindindo de todas as garantias terrenas, executa o es-
fôrço tremendo de manter acesa a luz da crença, nesse
barco fragil do homem ignorante do seu glorioso destino,
barco que ameaça voltar ate correntes da fôrça e da vio-
lencia, longe das plagas illuminadas da Razão, da Cultura
e do Direito.

Covenhamos em que o esforço do Espiritismo é quasi
superior ás suas proprias fôrças, mas o mundo não está

á disposição dos ditadores terrestres. Jesus é o seu unico
diretor no plano das realidades imortais, e agora que o
mundo se entrega a todas as expectativas angustiosas, os
espaços mais proximos da Terra se movimentam a favor
do restabelecimento da verdade e da paz, a caminho de
uma nova-era.

Espiritos abnegados e esclarecidos falam-nos de uma
nova reunião da comunidade das potencias angelicas do
sistema, da qual é Jesus um dos membros divinos. Reu-
nir-se-á, de novo, a sociedade celeste, pela terceira vez,
na atmosfera terrestre, desde que o Cristo recebeu a sa-
grada missão de abraçar e redimir a nossa humanidade,
decidindo novamente sôbre os destinos do nosso mundo.

Que resultará desse conclave dos Anjos do Infinito?
Deus o sabe.

Nas grandes transições do seculo que passa, aguar-
demos o seu amor e a sua misericordia.

XXV

O EVANGELHO E O FUTURO

Um modesto escorço de historia faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta.

Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações em seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição d'Aquele que é a Luz do principio.

Nos primórdios da humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido ás atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioria espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grecia e pelas organizações romanas.

Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Deus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas, a pureza do Cristianismo não conseguiu manter intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostolicos.

O assedio das trevas avassalou o coração das criaturas.

Decorridos três seculos da lição santificada de Jesus, surgiram a falsidade e a má fé, adaptando-se ás conveniencias dos poderes politicos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os principios, por favorecer doutrinas de violencia oficializada.

Debalde enviou o Divino Mestre seus emissarios e discipulos mais queridos ao ambiente das lutas planetarias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciencias, foram obrigados a capitular diante da ignorancia, esperando o juizo longinquo da posteridade.

Desde essa época em que, com a mensagem evangelica dilatava-se a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existencia, estacionou o homem espirital em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem fisico na sua marcha pelas estradas do conhecimento.

E' por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelephonia, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento, preparando-se os povos para o exterminio e para a destruição, e é ainda por isso que, em nome do Evangelho se perpetraram todos os absurdos nos países ditos cristãos.

A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar. Na França, tem a guilhotina, a forca na Inglaterra, o machado na Alemanha, e a cadeira eléctrica na propria America. Na fraternidade e da concordia, isto para referirmo-nos tão somente ás nações supercivilizadas do planeta. A Italia não realizou a sua agressão á Abissinia, em nome da civilização cristã do Ocidente? Não foi em nome do Evangelho que os padres italianos

abençoaram os canhões e as metralhadoras da conquista? Em nome do Cristo espalharam-se, nestes vinte seculos, todas as discordias e todas as amarguras do mundo.

Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos ultimos "ais" do Apocalípse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem fisico, conduzindo-as para o bem de toda a humanidade.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste seculo de declives da sua historia; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoismo e do dominio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a agua cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova-era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de dominio nos ambientes terrestres, e os seus ultimos triunfos são bem o penhor de uma reação temeraria e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu imperio perecível.

Ditadores, exercitos, hegemonias economicas, massas versáteis e inconcientes, guerras inglorias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitoria da força é uma claridade de fogos de artifício.

Toda a realidade é a do Espirito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça.

O seculo que passa efetuará a divisão das ovelhas no imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os seculos devem chorar,

contemplando essas chuvas de lagrimas e de sangue que rebentaráo das nuvens pesadas de suas consciencias enegrecidas.

Condenada pelas sentenças irrevogaveis de seus erros sociais e politicos, a superioridade européia desaparecerá para sempre, como o Imperio Romano, entregando á America o fruto das suas experiencias, com vistas á civilização do porvir.

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual succederá profunda noite; e ao seculo XX compete a missão de desfêcho desses acontecimentos espantosos.

Todavia, nós, os operarios humildes do Cristo, ouçamos a sua voz no amago de nossa alma:

Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacificos porque irão a Deus!"

Sim, porque, depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem fisico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.

Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciencias.

Todos somos dos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido.

Revendo quadros da historia do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização do Ocidente. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos

as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alovrada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.

CONCLUSÃO

Mensagem recebida em 21-9-1938.

Meus amigos, Deus vos conceda muita paz.

Agradeço a vossa colaboração, em face de mais este esforço humilde do nosso grupo na propagação dos grandes postulados do Espiritismo evangelico, como agradeço também á misericórdia divina o bendito ensejo que nos foi concedido. Em nosso modesto estudo da historia, um unico objetivo orientou as nossas atividades — o da demonstração da influência sagrada do Cristo na organização de todos os surtos da civilização do planeta, a partir da sua escultura geologica.

Nossa contribuição pode pecar pela síntese excessiva, mas não tínhamos em vista uma nova autópsia da historia do globo, em suas expressões sociais e politicas e sim revelar, mais uma vez, os ascendentes místicos que dominam os centros do progresso humano, em todos os seus departamentos.

Sinto-me feliz com a vossa colaboração dedicada e amiga. Algum dia, Deus me concederá a alegria de falar dos laços que nos unem de épocas remotas, porque não é sem razão que nos encontramos reunidos e irmanados no mesmo trabalho e no mesmo ideal.

Reitero-vos aqui, meu agradecimento comovido e sincero.

Quando, lá fora se prepara o mundo para as lutas

mais dolorosas e mais rudes, devemos agradecer a Jesus a felicidade de nos conservarmos em paz em nossa oficina, sob a égide do seu divino amor. Prometemos, tão logo seja possível, um ensaio no genero romantico. (*) Permitirá Deus que sejamos felizes. Assim o espero, porque não ponho em dúvida a sua infinita misericordia.

Que Deus vos guie e abençoe, conservando-vos a tranquilidade sagrada dos lares e dos corações.

EMMANUEL.

(*) Nota do editor. — Refere-se ao "Romance" de sua vida de patricio romano e Proconsul na Judéa, ao tempo de Christo, obra já concluida, a sair proxivamente.

Parnaso de Além Túmulo

E' um livro verdadeiramente único, até agora, nos annaís da bibliografia espirita.

Prefaciado por M. Quintão, que lhe põe em relêvo as belezas literárias e artisticas num substancioso prefácio, comporta tambem "algumas páginas" de Francisco Candido Xavier, o jóven médium, quasi adolescente, a quem a Providência concedeu a régia dita de tanger encantadas e consagradas lirás, na morte supostamente emudecidas para sempre, mas, na verdade, agora vivas e vibrantes na orquestral magnificência dos seus ritmos inconfundiveis.

São joias mirificas, não só de lavor literário, como de aspéctos filosóficos inéditos, trabalhadas por inteligências de escól, que nos deixaram, da sua passagem pela terra, traços inapagáveis.

E assim é que temos neste livro uma das provas mais robustas da identidade pessoal, "post mortem", de um Guerra Junqueiro, de um Castro Alves, de um Casemiro de Abreu, de um João de Deus, de um Antéro do Quental, de um Augusto dos Anjos e tantos outros poetas da nossa e das passadas gerações, inclusive Souza Caldas.

Ler o *Parnaso* não será apenas um fino prazer intellectual, mas fortificar o espirito nas auras sadias que sopram alvicairementemente da outra margem da vida.

Broch. 7\$000 — Enc. 9\$000.

EMMANUEL — Broch. 4\$000 — Enc. 6\$000.

CRONICAS DO ALEM TUMULO — Ditadas pelo Espirito de Humberto de Campos — Brochado 5\$000 — Enc. 7\$000.

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PATRIA DO EVANGELHO — Historia do Brasil — Ditada do Além pelo espirito luminoso de Humberto de Campos — Cart. 6\$000.

A GRANDE SINTESE

OBRA MEDIUNICA DITADA AO MEDIUM UBALDI PIETRO,
EM PERUGIA — ITALIA

Está enfeitada em livro primorosamente impresso, a coletânea de ditados mediúnicos que constitui a *A Grande Síntese*.

A elevação dessas mensagens do Alto, que SUA VOZ ditou para quem tiver ouvidos de ouvir, merecia a divulgação que vem tendo por parte da Federação Espírita Brasileira, que a publicou parceladamente pelas colunas do *Reformador*, e agora, em livro, para figurar nas estantes dos estudiosos da doutrina, como obra de consulta e roteiro.

Através dos ditados de SUA VOZ, apreende-se aquela mesma palavra de ha vinte séculos que conclamava os homens á penitência, mostrando-lhes o caminho para o reino de Deus. Sente-se na sua linguagem de agora, evoluida com o tempo, a mesma verdade, a mesma caridade, o mesmo amor do Cristo de Deus pelos pecadores.

Na Palestina, predicando á almas menos evoluídas intellectualmente, o Cristo empregava a linguagem simples e parabólica, suscetível de ser assimilada pelas inteligências de então, deixando, entretanto, sob o véu da parábola, a substância para a compreensão do futuro. Através de SUA VOZ, falando á humanidade, batida por vinte séculos de sofrimentos e lutas inenarráveis, a linguagem é ainda a mesma, apenas evoluida no tempo, segundo o progresso da inteligência humana, guardando, porém, a mesma essência de espiritualidade que penetra a fundo o coração humano.

Compreendendo que os ecos de SUA VOZ precisam ser ampliados, para assimilação de seus ensinamentos por todas as criaturas que se expressam em idioma português, a Livraria da Federação Espírita Brasileira acaba de lançar em avultada edição, a maior obra espírita dos últimos tempos, a maior, e a mais oportuna, dada a carência que se fazia sentir de ensinamentos para a diretriz da humanidade, neste período de transição que estamos vivendo.

Empreendimentos como este, e outros que a Livraria da Federação Espírita Brasileira vai realizar, carecem do amparo e da colaboração de todos os espíritas, para a sua integral e produtiva frutificação, e, neste sentido, dirigimos um apêlo aos confrades para coligarem esforços na difusão de *A Grande Síntese*, verdadeira balisa para a peregrinação do espírito encarnado em busca da promessa.

Magnifica encadernação — Volume 25\$000

Pedidos ao Administrador da Livraria da Federação
Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro



FERNANDO DE
LACERDA

DO PAÍS DA LUZ

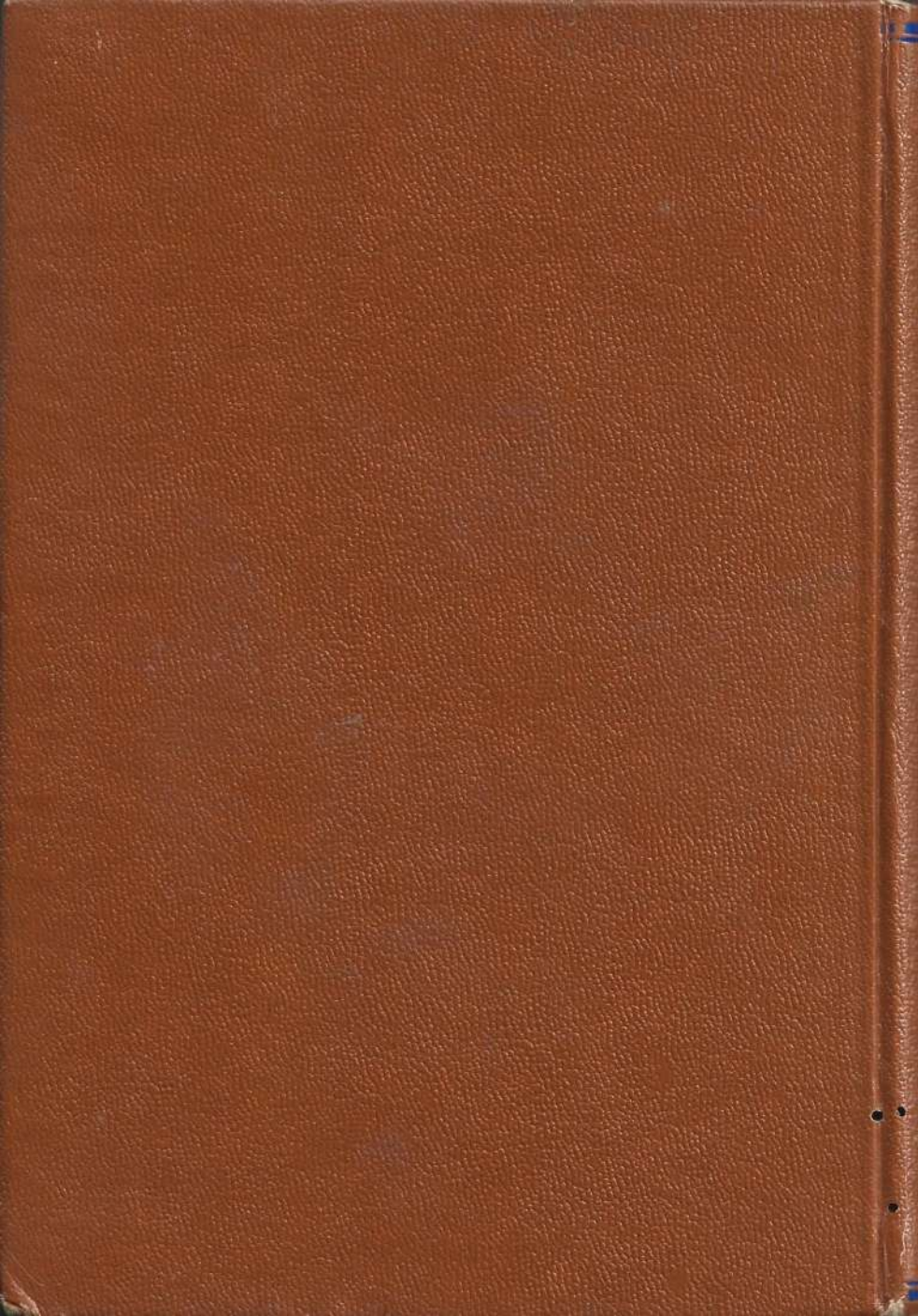
Os quatro volumes contêm mensagens mediúnicas dos mais afamados escritores portugueses, além de outros. O estilo dos mesmos escritores, a linguagem em que foram vasadas as mensagens, as idéias nelas expressas, deixam evidente que foram os seus próprios autores que as enviaram do Espaço. E' uma obra notavel nesse genero.

4 VOLUMES

Obra completa

Enc. 20\$000





PRODUÇÕES DO MEDIUM
FRANCISCO CANDIDO XAVIER

Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho

(Ditado pelo espirito de HUMBERTO DE CAMPOS).

E' um livro cem por cento original.

Aqui trata-se nem mais nem menos, da Historia do Brasil, que o seu autor, Humberto de Campos, veio ilustrar com aquêle seu estilo inconfundivel, das altas esferas do espiritualismo onde se esboçam, á luz divina, os destinos dos povos. — Car. 6\$000.

Emmanuel

Trata-se de mensagens ditadas por esse bondoso espirito ao medium Francisco C. Xavier, cheias de colorido que nos encham de consolo e suavidade. — Br. 4\$000; enc. 6\$000.

Parnaso de Além Túmulo

Neste livro, até agora unico nos anais da bibliografia espirita, temos uma das provas mais robustas da identidade pessoal, "post mortem", de um Castro Alves, Guerra Junqueiro, Casemiro de Abren, João de Deus e tantos outros da nossa e das passadas gerações. — Br. 7\$000; enc. 9\$000.

Cronicas de Além Túmulo

Coletanea de mensagens para serem relidas de quando em quando e para as consultar nesses momentos tão ameudados em que o ânimo se nos abate e o espirito quasi desfalece. — Br. 5\$000; enc. 7\$000.

Porte: 1 volume 1\$000; diversos \$500 por exemplar.

Os pedidos devem ser feitos por meio de chéque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria, ou então pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO que significa o pagamento da encomenda sómente no ato de retirá-la do correio.

N. B. — O Serviço de REEMBOLSO é feito só pelas agencias que emitem vales-postais.